

Nunca nos últimos anos o setor primário acreditou tanto em novos rumos para a economia como agora

## QUEM APOSTA EM MUDANÇAS?

*Cooperativas de trigo e soja elaboram Plano de Emergência e tentam ocupar espaços no futuro governo. A agricultura quer mudanças e já se fala até num novo ciclo para o país.*

Páginas 12 a 15

**Trigo**

## Custo será 247 por cento mais alto

Páginas 4 e 5



**Saúde**

Agricultores protestam em Porto Alegre

## Previdência sob pressão

Páginas 8 e 9



Apesar de tudo, o porco preto resiste. Página 17

## O "banha" sobrevive

## Colza: da euforia ao esquecimento

Última página

**COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513  
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS  
Fone: PABX - (055) 332-2400  
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO**  
Diretoria Executiva

Presidente:  
Ruben Igenfritz da Silva  
Vice-presidente:  
Arnaldo Oscar Drews  
Superintendente:  
Clóvis Adriano Farina

**Diretores Contratados:**

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros, Vilmar Hendges, Lurdes Froemming, Lotário Beckert, Tânio Bandeira, Abu Souto Bicca e Rui Ruggzoni.

**Conselheiros (Efetivos)**

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinholdo Luiz Kommers.

**Conselheiros (Suplentes)**

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marinho Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

**Conselho Fiscal (Efetivos)**

Leonides Dallabrada, Aquilino BavareSCO, João Alberto Blanco.

**Conselho Fiscal (Suplentes)**

Paulino Ângelo Rosa, Delarmando Portolan, Luiz Neri Beschornier.

**Capacidade em Armazenagem:**

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradinha	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guafba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.  
Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

**REDAÇÃO**

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Moisés Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**Ao leitor**

Quem pode garantir que, com o novo governo que terá a partir de março, o Brasil irá de fato tomar novos rumos? Muitos se atrevem a prever que as mudanças acontecerão, como consequência natural da redemocratização do país, que terá o primeiro presidente civil depois de 20 anos. E é na democracia, e não necessariamente no novo governo, que o setor primário começa a apostar. Para que estas mudanças aconteçam, será preciso ocupar espaços e fazer valer as posições da agricultura, como foi ressaltado várias vezes nos últimos anos e lembrado em Santa Maria, nos dias 11 e 12 de dezembro, durante o V Seminário da Fecotrigo. Ali, se elaborou um Plano de Emergência, com as reivindicações prioritárias para a agricultura. É o começo de uma mobilização que pretende ser constante, para que o produtor tenha uma cadeira na mesa de negociações que deve ser formada no próximo ano. Mais importante do que a certeza de que as mudanças acontecerão, é a disposição de participar desta empreitada junto com toda a sociedade brasileira. É disso que falamos nesta edição, da página 12 a 15, onde também são apresentados os planos dos dois candidatos à Presidência para a agricultura.

Mais de dois milhões de pessoas estão sem assistência médico-hospitalar no Rio Grande do Sul, desde o início de novembro. Com o fim do Plano Paraná para os rurais, que durou apenas quatro meses, a situação ficou pior do que era antes. Os hospitais se negam a assinar convênios do Pró-Rural, com verbas fixas e sempre insuficientes. No dia 11 de dezembro, mais de 3 mil agricultores do Estado fizeram passeata de protesto, em Porto Alegre, para denunciar este quadro que chega a ser desesperador. Nas páginas 8 e 9, abordamos o movimento dos gaúchos e a situação enfrentada pelos hospitais da rede Bom Pastor, mantida pela Cotrijuí, onde os prejuízos provocados pelo descaso da Previdência se acumulam mês a mês, e representam até uma ameaça de fechamento destas casas de saúde.

O porco-banha existe no Brasil há mais de 400 anos, desde que foi trazido pelos portugueses. No final da década de 70, muitas das raças desse suíno preto estiveram ameaçadas, com o surgimento da tal peste africana, e com toda a campanha que se realizou no Brasil contra o consumo da banha. Mas o porco preto resiste, e deverá continuar existindo por um bom tempo nas

**Do leitor**

Agradecemos e retribuimos as mensagens de Natal e Ano Novo, recebidas pela Cotrijuí e Cotrijornal de: Confecções Simon-Braun Ltda.; Reginox Ind. Mecânica Ltda.; Cottonificio Beltramo; Strauss e Cia. Ltda.; Transportes Gra-xaim Ltda.; Ind. de Frutas e Legumes Miriam Ltda.; Semensul Produtos Agropecuários Ltda.; Caixa Econômica Federal de Ijuí; Henrique Ber-gel S.A.; Terrafertil Insumos e Sementes Ltda.; Hélio Vargas da Rosa e Cia. Ltda.; Uliana Defensivos Agrícolas Ltda.; Corpave Com. Repr. de Produtos Agro Verinários Ltda.; Schuur e Cia. Ltda.; Metalúrgica Miriam Ltda.; Banco Nacional de Crédito Cooperativo S.A.; Salsbury Laboratórios Ltda.; Vulcabrás S.A. Ind. e Com.; Mili Ind. de Papel Ltda.; Baum-hardt Irmãos S.A. Excelsior; Calçados Rissi Ltda.; Fatec Química Industrial S.A.; Casa Gen-ta S.A.; Matadouro Gaúcho; Representações Forner Ltda.; Agroibaza Ltda.; Weber e Milton Ltda.; Germano Kockhorn S.A.; Alfredo da Rosa Representações; Pandolfo - Ind. de Ferramentas Ltda.; Bolzer e Cia. Ltda.; Adamo Qua-dros e Cia. Ltda.; Calçados Azaléia Ltda.; Se-menteira Roracla Ltda.; Instituto Riograndense de Febre Aftosa Ltda.; Estabelecimento Viníco-la Armando Peterlongo S.A.; Ind. e Com. Car-bonera Ltda.; Marques - Corretora de Mercadorias Ltda.; Escritório Hormino Maia de Despa-chos Ltda.; Xerox; Ferramentas Belzer do Brasil Ltda.; Cooperativa Santa Clara Ltda.; Grimm e Filhos Ltda.; Transportadora Mayer S.A.; Lux-forde Tintas e Vernizes; Grupo Kepler Weber; S.A. Moínhos Riograndense; Pellegrino Distri-buidora de Autopeças Ltda.; Tecelagem Guelfi Ltda.; Brasdiesel S.A.; Representações Kaufmann S/C Ltda.; Sika S.A. Produtos Quí-micos para Construção; Refinadora de Óleos Brasil S.A.; Confecções Burg Ltda.; Insumobrás Insumos Agrícolas do Brasil Ltda.; Bayer do Brasil S.A.; Assembléia Legislativa do RS; Mos-

quiteiros Andorinha Ltda.; Adubos Trevo S.A. Grupo Luxma; Argos - Extração, Beneficia-mento de Minerais Ltda.; Bolsa de Mercadorias de Porto Alegre; Dalro Maroso Laurenzon; Ele-trônica Schock Ltda.; Ind. e Com. de Confec-ções Danyller Ltda.; M. Reis e Cia. Ltda. (Rio-mar); Industrializações de Frutas Monkey Ltda.; Industrial de Metais Metalum Ltda.; Semeq. Me-lhoramento Pecuario Ltda.; Wassermann e Cia. Ltda.; Guará Remates Ltda.; Instituto Santís-sima Trindade; Restaurante Caravela; Lisamar Distribuidora de Comestíveis Ltda.; Casa do Co-lono Alimentos Ltda.; Mapla S.A. Ind. de Mate-riais Plásticos; Modinha Confecção Infantil Ltda.; Lubrax; Indústria de Carrocerias Golnik Ltda.; Myrto Buchholz e Cia. Ltda.; Bel Cabos

- Comércio de Cabos de Aço Ltda.; Comercial Debacco Acessórios Ltda.; Piwo Comércio e Re-presentações Ltda.; Textil RV Ltda.; Moore For-mulários; Agepê Representações Ltda.; D'anelio Ind. e Com. de Roupas Feitas Ltda.; E. Fischer Irmãos e Cia. Ltda.; Representações Casagrande Ltda.; Fertiliza - Com. Rep. Ltda.; Wilson Krü-er e Cia. Ltda.; J. S. Guerra S.A.; Banco Nacio-nal S.A. de Ijuí; Ceriluz - Coop. Eletrificação Rural de Ijuí Ltda.; Transportadora Ijuí Ltda.; Coapel - Laticínios Piá; Banco do Brasil S.A. de Catupe; Tornearia Purper Ltda.; Coop. Mix-ta São Luiz Ltda.; Carlos Becker Metalúrgica In-dustrial Ltda.; Bio-Sul Comércio e Representa-ções Ltda.; Tramontina Porto Alegre Represen-tações Ltda.; Christina Brentano.

regiões de pequenas propriedades, apesar da propagação dos projetos integrados dos grandes frigoríficos, que atrelam o produtor a um mercado cativo. A matéria da página 17 conta um pouco da criação de suínos dessas raças, na região ao redor do município de Tenente Portela. Ali, o porco branco é considerado bicho fino e a causa do fracasso da suinocultura para muitos produtores.

A colza apareceu com a pretensão de se transformar na terceira opção agrícola do Estado, mas a euforia inicial foi passageira e, hoje ela já amarga o sabor de fracasso. A área cultivada no Estado, em torno de 4.000 hectares, se comparado com os 20.000 hectares cultivados no ano de implantação é um bom indicativo de que alguma coisa correu errado. A falta de incentivo por parte do governo - até hoje a colza não tem garantia de preço mínimo e muito menos Valores Básicos de Custeio - e de uma estrutura que garanta a comercialização da produção, somado aos boatos de que o ácido erúico existente no óleo seria prejudicial a saúde, são os fatores responsáveis por todo esse descrédito. Só na Região Pioneira, nesta safra recém colhida, 67 por cento das lavouras foram utilizadas como adubação verde. A Cotrijuí ainda acredita na recuperação da colza e continua desenvolvendo no Centro de Treinamento, trabalhos de melhoramentos da variedade para a região. Última página.

Nem bem o trigo, a cevada, a colza, a linhaça e a aveia foram colhidas, um levantamento feito pelo pessoal do setor de custos de Departamento Agrotécnico da Cotrijuí mostra o quanto um produtor vai ter que ganhar pelas plantas de inverno, para cobrir todos os custos de formação das principais lavouras. Só o custo do trigo cresceu em 247 por cento. Para ter algum lucro, o produtor terá de vender, um saco de trigo pelo preço de Cr\$ 166.008. Página 5.

Ano ruim para a aveia, ano ruim para as demais cul-turas, diz um velho ditado. A não ser a linhaça, nem o trigo, nem a cevada ou a colza passaram no teste de inverno. As geadas e as doenças fúngicas colheram as lavouras neste inverno. A quebra do trigo na Região Pioneira ficou em torno de 50 por cento. Um balanço das culturas de inverno na página 4.

**HOSPITAL BOM PASTOR S/A.**

Av. David José Martins, 1.376 - IJUÍ - RS -  
Ao lado da Rádio Repórter - Fone 332-2690

**ESTÁ ABERTO A TODA A COMUNIDADE**

- Internações em caráter: PARTICULAR, IPE, UNIMED, INPS e FUNRURAL  
- Atendimento médico nas áreas de: CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA, PEDIATRIA, GINECOLOGIA e OBSTETRÍCIA, TRAUMATOLOGIA E ORTOPEDIA.  
- Serviço de ENDOSCOPIA e ENDOFOTOGRAFIA DIGESTIVA

- PLANTÃO MÉDICO: Consultas nas 24 horas do dia, inclusive sábados, domingos e feriados.

## registro

# O fim da peste africana

A peste suína africana está oficialmente extinta no Brasil. No dia 5 de dezembro, o ministro da Agricultura, Nestor Jost, assinou solenemente a ata que considera o país livre da peste, que tanto deu o que falar e tantos prejuízos causou aos produtores. Foi no dia 13 de maio de 1978 — data em que se comemora a abolição da escravidão no Brasil — que a doença foi detectada, no Rio de Janeiro. E aí se iniciou a matança de porcos, a tiros e pauladas, para que a tal peste não se alastrasse. Nessa campanha, que atingiu principalmente os rebanhos de porcos pretos, foram mortos nada menos de 66 milhões de animais. Com isso, o Brasil também perdeu sua condição de exportador, e muitos produtores chegaram ao desespero, com



suas criações exterminadas. Pois a peste deixou de existir, segundo o governo, mas o porco preto continua ameaçado. Há até quem anuncie sua extinção, como decorrência das pressões das indústrias e de outros interessados apenas na produção do porco tipo carne. No minifúndio gaúcho, no entanto, o rebanho de porco comum ainda resiste (veja matéria na página 17), apesar da peste, das campanhas contra a banha e dos projetos integrados, que fazem com que boa parte da produção seja cativa dos grandes frigoríficos.

# Representantes discutem reforma em Dom Pedrito

Uma reunião de todos os representantes de produtores, das regionais Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul, voltará a debater questões relacionadas com as reformas administrativas que devem acontecer na Cotrijui, dentro da proposta de desmembramento dessas regionais. Este encontro acontecerá no dia 10 de janeiro, em Dom Pedrito, e será o terceiro para debate do assunto. O primeiro aconteceu em Campo Grande, em agosto, quando todos os representantes decidiram formar uma comissão para analisar o desmembramento. A comissão, integrada por três associados de cada Regional, esteve reunida dia 28 de setembro, em Ijuí. No mesmo dia, o grupo apresentou uma sugestão alternativa, propondo que, antes do desmembramento, sejam feitas reformas administrativas na Cooperativa. Seriam eleitos — de acordo com a sugestão — vices-presidentes para cada uma das regionais, para que a Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul passem a

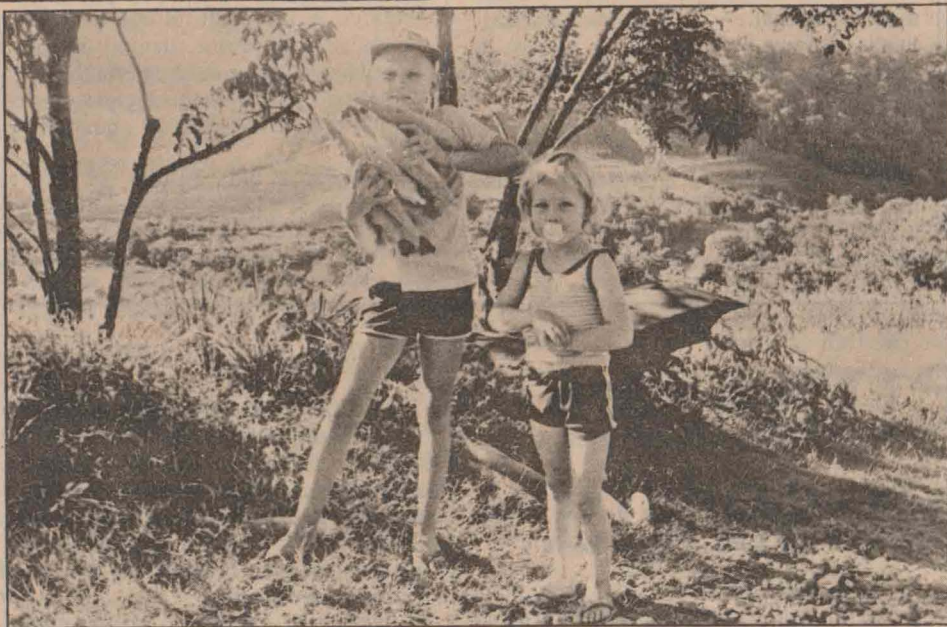
contar com maior autonomia. Cada regional teria também um superintendente. Hoje, como se sabe, há apenas um vice e um superintendente na Cotrijui, e as mudanças exigiram reformas no estatuto. A sugestão será analisada em Dom Pedrito junto com outras novas propostas que possam surgir. Segundo o diretor de Comunicação, Educação e Recursos Humanos, Rui Polidoro Pinto, se houver entendimento em torno de uma alternativa, deverá ser marcada a data da assembléia que tratará das reformas, para que — se for o caso — a eleição de vices e superintendentes para cada regional venha a fazer parte do estatuto. A assembléia talvez aconteça logo depois da reunião do dia 10 de janeiro, já que estão marcadas para março as eleições para escolha dos novos dirigentes da Cooperativa. As eleições terão a participação de todos os associados, como está previsto no novo estatuto aprovado em setembro. O voto será direto, com urnas em toda a área de ação da Cotrijui.

# Juro de mora é mais caro

Os produtores, que já não vêm conseguindo liquidar os financiamentos nos prazos de vencimento, estão diante de mais uma notícia desfavorável. Dobrou o juro de mora cobrado pelos bancos, que vinha sendo de 12 por cento ao ano e passa a ser de 24 por cento, mais a correção monetária integral. A decisão foi tomada pelo Conselho Monetário Nacional, em sua reunião do dia 13 de dezembro, e abrange todo o crédito rural. Quem sofrerá as consequências desta medida é o produtor que, a partir de maio enfrenta as liquidações de custeio da safra de verão. Será preciso fazer novas contas, com base no novo juro, para se saber se valerá a pena ou não esperar para vender a soja, depois do prazo de liquidação, apostando em altas, pois a mora estará mais cara. É mais um presente de fim de ano, para complicar a vida dos que os bancos chamam de inadimplentes, ou seja, que pagam as contas com atraso.

# Bonificação rejeitada

Na reunião do dia 13 de dezembro o Conselho Monetário Nacional tomou outra decisão dirigida à agricultura. Determinou que os agricultores que comercializarem o trigo em janeiro e fevereiro terão uma espécie de abono. Em janeiro, o produtor receberá mais 2 por cento sobre o preço corrigido, e em fevereiro, mais três por cento. Foi um jeito encontrado pelo governo, para empurrar para frente a compra do trigo, pois agora o dinheiro está escasso. Mas este abono não entusiasma muito, pois o acréscimo é insignificante. Na Região Pioneira, se sabe que poucos produtores optaram pelo adiamento da comercialização, que geralmente tinha preço corrigido só até dezembro. Há também quem esteja temendo pela falta de dinheiro nos cofres do governo mais adiante.



# Elton, Adelaide e o milho

Elton Franzman, de 10 anos, e sua irmã Adelaide, de quatro, respiram ar empoeirado durante boa parte do dia. Eles vendem milho verde à beira da estrada, na Linha Turvo, Três Passos, no meio do caminho entre esta cidade e Tenente Portela. Cobrando Cr\$ 100 pela espiga, Elton garante que pode conseguir até Cr\$ 10 mil por dia. Esta é sua tarefa no período de férias na escola, e certamente uma boa fonte de renda para a família. Os irmãos improvisaram a "feira" utilizando apenas um guarda-chuva, para se proteger do sol, pois os negócios se iniciam pela manhã e vão ao fim da tarde. Elton e Adelaide são filhos dos agricultores Erno e Anita Franzman, e moram numa região onde as

crianças ajudam também noutras lidas. São elas que, ao sair cedo para a escola na cidade, levam malas de pano nos ombros, com até oito litros de leite. A entrega é feita a domicílio, e para cumprir o roteiro os meninos andam alguns quilômetros por dia.

O retrato de Elton e Adelaide, tirado no início de dezembro, aparece também a partir da página 12 desta edição, na matéria em que se fala das perspectivas para agricultura em 85. É um jeito de se expressar um pouco de esperança, para que as crianças possam continuar vendendo milho e leite. Mais do que isso: para que o milho e o leite tenham preços justos, e a vida seja um pouco melhor neste minifúndio.

● O Brasil exportou milho em agosto, e agora importa o produto, por preço que deve ficar acima do praticado a nível de mercado interno. As previsões são de que o milho importado deve custar entre Cr\$ 29 mil e Cr\$ 31 mil, enquanto o preço ao produtor oscila entre Cr\$ 18 e Cr\$ 19 mil. A importação deve acontecer em janeiro, mas até o dia 14 de dezembro não se sabia quem seria o vendedor.

● Produtores do Mato Grosso do Sul estão interessados em estimular a criação de cooperativas de crédito naquele Estado, onde o sistema ainda não se desenvolveu. Eles solicitaram informações sobre a formação de

entidades à Cooperativa Pestanense, de Augusto Pestana, com base em reportagem publicada pelo Cotrijornal, em sua edição de setembro.

● O Brasil precisa ampliar, nos próximos anos, sua produção de grãos para 100 milhões de toneladas, segundo Cyro Dias da Costa, presidente da Ocergs (Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul). Mas as condições para isso ainda inexistem. Tanto que o ex-ministro da Agricultura, do governo Geisel, Alysson Paulinelli, promete comer "cada um dos grãos que, na safra 84/85 passarem dos 44 milhões de toneladas".

# Trigo: mais um susto

Os produtores gaúchos levaram mais um susto, no início de dezembro, quando o Banco do Brasil suspendeu, pela segunda vez este ano, a compra do trigo. Em outubro, a comercialização havia parado, por falta de dinheiro, e foi reiniciada em novembro, com a promessa de que não mais haveria interrupções. Mas no início de dezembro o Banco anunciou que uma ordem de Brasília determinava a suspensão das compras. O ministro da Agricultura teve de fazer uma enorme ginástica para conseguir, no dia 7, o reinício das operações. Primeiro, Nestor Jost foi aos ministros da área econômica, e não conseguiu nada. Mas ele não desistiu: saiu dos gabinetes de seus colegas e entrou direto na sala do presidente Figueiredo. Foi aí que o dinheiro, que parecia não existir, terminou aparecendo. O governo espera comprar este ano 1,8 milhão de toneladas de trigo do país. Os produtores esperam que não levem mais um susto até o final da comercialização, pois do dinheiro do trigo depende boa parte dos gastos com a atual safra, que teve custeio bem abaixo do necessário.

# Fora da partilha

A empolgação de alguns dirigentes, durante o V Seminário da Fecotrijo, dias 11 e 12 de dezembro, em Santa Maria, fez com que dois dos seis grupos de trabalho sugerissem o lançamento de uma campanha para que o próximo ministro da Agricultura seja um cooperativista. Mas a empolgação foi logo desfeita, por outros cooperativistas e pelo presidente da Fecotrijo, Jarbas Pires Machado. Para Jarbas, "a estratégia pode ser perigosa". E ele explicou: "Pode parecer que nós estamos querendo um pedaço na partilha do governo, e que assim estaremos com todos os nossos problemas resolvidos". O que interessa, segundo ele, muito mais do que ter um nome no governo, é manter a organização e fazer valer as posições do sistema.

# Ano ruim para o trigo

Mais uma vez a geada levou a lavoura de trigo da região

Mais uma vez o velho ditado que diz que quando a aveia preta não produz bem, é porque o ano não correu bom para cultura nenhuma parece ter-se confirmado. Também o trigo, a cevada, o centeio e a colza não se deram bem nesta safra. E a aveia preta, considerada uma cultura resistente e até utilizada como parâmetro para as demais culturas de inverno não atravessou um ano de farta produção. As doenças fúngicas e as condições climáticas adversas foram os fatores responsáveis para que qualquer cultura se transformasse em fracasso a nível de lavoura.

O trigo, a cultura que ainda ocupa o maior espaço na lavoura do produtor na região, já arrancou mal. Como não havia recursos suficientes para a formação da lavoura, os produtores trataram de plantar o trigo dentro de suas possibilidades, reduzindo inclusive o uso de fertilizantes. Por essa razão, a área de trigo em vez de crescer na Região Pioneira, ela caiu de 81.500 hectares, no ano passado, para 70.180 este ano, com uma redução de 14 por cento. Na verdade, este foi um inverno em que o produtor preferiu não arriscar nem no trigo e nem em outras opções, com medo dos riscos na lavoura, das incertezas do mercado, dos altos custos das lavouras, dos baixos custeios. "Tivemos um ano de pouca lavoura, diz o Francisco Tenório Falcão Pereira, agrônomo e

coordenador da área de produção de sementes da Cotrijuí. Uma lavoura pequena, segundo o Francisco, tem a vantagem de correr menos riscos, uma vez que possibilita aos produtores, seguindo um esquema de rotação de culturas, escolher as melhores áreas da propriedade para realizar o plantio.

As fortes geadas ocorridas principalmente no mês de agosto e a ocorrência de doenças fúngicas, como a helmintosporiose, a ferrugem e o oídio reduziram a produção em 50 por cento sobre os 1.110 quilos por hectare estimado no início do plantio. As geadas atingiram o trigo justamente na fase de florescimento e emborachamento. As variedades mais atingidas foram as precoces, que justamente nesta safra ocuparam 60 por cento das lavouras de trigo da região. A variedade Maringá, que neste inverno ocupou a maior parte da área plantada com trigo, apresentou os piores resultados. As variedades Minuano-82, BR-4 e BR-5, apresentaram um rendimento razoável. A CNT-8, uma variedade tardia, foi na verdade a que melhor se comportou, apresentando os melhores resultados.

Novas perdas ocorreram por ocasião da colheita. Alguns produtores com receio de que as chuvas aumentassem ainda mais as perdas, colheram o produto ainda úmido, "o que resultou em muitos descontos", explica o Francisco.

## CEVADA: QUEBRA DE 40%

A lavoura de cevada da região apresentou a segunda maior quebra nesta safra. A área permaneceu mais ou menos semelhante a do ano passado, não ultrapassando os sete mil hectares. Enfrentando pela frente os mesmos problemas do trigo — falta de recursos para a formação da lavoura —, a cevada recebeu pouca atenção por parte do produtor, que economizou em adubação nitrogenada. O resultado dessa deficiência em adubação foi que a planta cresceu debilitada, favorecendo o aparecimento de viroses. O VNAC — virose do nanismo amarelo da cevada — foi na verdade o responsável pela quebra de 40 por cento sobre os 1.109 quilos por hectare previstos inicialmente. Além das viroses, contribuíram para o aumento na quebra de produção, a ocorrência de geadas na época de floração, os ventos fortes e as chuvas no final do ciclo da planta.

Todos estes fatores somados só poderiam resultar num produto de baixa qualidade. Segundo o Francisco, em torno de 35 a 40 por cento da produção comercializada foi classificada como resíduo. O restante da produção ficou dividido entre os padrões um e dois.

## LINHAÇA: MAIOR PRODUÇÃO

Quem plantou linhaça se deu bem. Aliás, das culturas de inverno, a linhaça foi a única que apresentou algum resultado positivo a nível de lavoura. A área de linhaça na Região Pioneira foi de 7.130 hectares. É uma cultura que deve ser encarada pelo produtor, dentro do sistema de rotação, como uma excelente opção, já que não apresenta problemas de doenças nas raízes, tão comum a qualquer gramínea.

Como é uma cultura de ciclo tardio, a linhaça não chegou a ser afetada pelas geadas e foi a lavoura que mais produziu neste inverno. A produção ficou em



Trigo: quebra de 50%

torno de 634 quilos por hectare. Esse rendimento, abaixo do produzido no ano passado, tem como causa os diferentes níveis de adubação utilizado pelo produtor, já que é uma cultura bastante exigente em fertilidade, principalmente a nitrogenada.

Na safra passada os produtores da região puderam contar com uma nova cultivar, a TAPE Paraná INTA, proveniente da Argentina, e que produziu excelentes resultados. Mas a maior área de linhaça ainda continua sendo cultivada com a variedade Comum RS, que vem apresentando problemas de doenças na parte aérea da planta e baixo rendimento.

A área plantada com colza na Região Pioneira foi de 2.840 hectares. Como a colza é uma cultura de duplo propósito — produção de grãos e adubação verde —, e em função das péssimas condições da maioria das lavouras na época de floração, foram incorporados e utilizados como adubação verde 2.057 hectares. Isso representou uma quebra de 64 por cento na área prevista para a produção de grãos (matéria na última página).

# Forrageiras: uma boa saída

As forrageiras continuam sendo uma boa saída para aqueles produtores que não estão querendo mais saber de ariscar apenas com o trigo na safra de inverno. De um modo geral, elas estão sendo plantadas com vários propósitos: produção de grãos, pastoreio, cobertura do solo e adubação verde. E assim como os produtores estão garantindo o alimento para o gado, de outro lado, também estão procurando preservar as condições físicas do solo, através da rotação de culturas. Apenas na Região Pioneira, as forrageiras ocuparam neste inverno, em torno de 20 mil hectares.

A área ocupada com a aveia para a produção de grãos na região foi de 5.430 hectares. A Cotrijuí, através do Centro de Treinamento, faz parte do programa Sulbrasileiro de Pesquisa para a produção de grãos e ao lado de instituições como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade de Passo Fundo, vem trabalhando em cima de novas variedades, mais precoces e mais resistentes às doenças. A primeira multiplicação de linhagens, a nível de associados foi feita em 1982. Dos materiais selecionados e que estão produzindo por melhor se adaptarem na região, sobram a linhagem CTC-78B207 e a variedade UPF-4. "Para 1985, diz o agrônomo José Luiz Martins Costa Kessler, que também é coordenador da área de forrageiras da Cotrijuí, "devemos ter todas as lavouras comerciais da região formadas com apenas este novo material, pois este ano a Cooperativa não recebeu semente das variedades tradicionais".

A aveia, segundo o José Luiz, além de ser uma alternativa para a produção de grãos, é excelente para o melhoramento do solo na região, deixando sobre a terra grande quantidade de palha. Na Região Pioneira foram plantados 5.400 hectares com aveia. Deste total, 1.250 hectares foram cultivados para a produção de sementes, utilizando variedades novas. Os demais 4.150 hectares foram destinados para a produção de grãos e cultivados com as variedades tradicionais, a Estanzuela 1095 A, Coronado e Suregrein.

As lavouras plantadas com a variedade UPF-4 e a cultivar CTC-78B207 não apresentaram problemas durante o desenvolvimento da planta. Apenas no final do ciclo, em função do porte alto das plantas, ocorreu um acamamento em 80 por cento das lavouras. Os prejuízos em função do acamamento ficaram ao redor de 10 por cento. O rendimento final destas lavouras fechou em 1.500 quilos por hectare.

O rendimento médio das variedades tradicionais andou em torno de 700 quilos por hectare. Estas variedades foram prejudicadas pelo excesso de chuvas, pela ferrugem e pelo ataque de lagartas.

## AVEIA PRETA

A aveia preta também vem sendo muito cultivada na região. É uma espécie bastante rústica, resistente às doenças de inverno e com boa regularidade de produção. A aveia preta ocupou em torno de 10.000 hectares na região, sendo que 1.000 hectares foram destinados a produção de sementes. O ano não foi dos melhores para a aveia preta e o rendimento

final ficou perto dos 1.000 quilos por hectare.

## AZEVÊM: PREJUDICADO

Considerado como uma grande alternativa de inverno, o azevém vem sendo utilizado para pastoreio, produção de sementes e cobertura do solo para áreas de plantio direto da soja. Nas áreas onde o azevém tem sido introduzido tem-se observado, segundo o José Luiz, um controle natural de certas invasoras, como a guaxuma e o papuã.

O azevém ocupou 10.337 hectares na Região Pioneira. 1.000 hectares foram destinados a produção de sementes. As lavouras foram prejudicadas pelas chuvas que retardaram o desenvolvimento das plantas. Não enfrentou problemas de doenças e a grande esperança do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí é de que o azevém ainda venha a ser plantado em consórcio com os trevos, aumentando assim o ciclo produtivo das pastagens. A estimativa de rendimento de semente está em torno de 400 quilos por hectare.

Para facilitar a ressemeadura natural da semente do azevém, o José Luiz recomenda uma escarificação — gradagem superficial do solo após a colheita da soja.

## ERVILHACA: MELHORADORA

A ervilhaca ocupou mais de 500 hectares na Região Pioneira. Seu plantio vem aumentando em função de suas qualidades como planta melhoradora do solo. O José Luiz recomenda o plantio da

ervilhaca em rotação com o milho. Experimentos realizados no CTC demonstraram que o milho após a ervilhaca, sem cobertura nitrogenada, apresentou rendimentos semelhantes ao milho após pousio e com 300 quilos por hectare de uréia em cobertura. O rendimento médio de semente tem ficado em torno de 600 quilos por hectare. A estimativa de recebimento é de 40 toneladas.

A produção de sementes vinha sendo o grande problema da ervilhaca. As variedades que vinham sendo cultivadas na região acamavam após o florescimento e em função das altas temperaturas na primavera, ocorriam doenças fúngicas e as plantas não chegavam a completar o ciclo. A partir desta safra a Cotrijuí está contando com um material novo, de ciclo precoce, que não vem apresentando problemas de acamamento e que tem propiciado boas colheitas.

## CENTEIO

O centeio foi cultivado em 48 hectares. É uma cultura que anda meio que descredenciada entre os produtores em função dos baixos rendimentos. O problema maior é que não existe um trabalho de melhoramento em cima das variedades antigas. A Cotrijuí não tem conseguido produzir sementes suficientes para atender a todos os associados interessados. Ainda se planta na região o Centeio Crioulo e o Centeio Abruzzi. A ferrugem da palha e do colmo estão liquidando com a planta.

Evolução da área e rendimento de aveia para grãos na Cotrijuí, Região Pioneira

ANO	HECTARES	RENDIMENTO (kg/ha)
1981. ....	10.340	1.274
1982. ....	14.700	366
1983. ....	8.930	870
1984. ....	5.400	740*
1985. ....	10.000	1.300

\* Estimativas — DITEC/Forrageiras  
Fonte: Informativo Safras/Ditec

# O que o produtor precisa ganhar pelas plantas de inverno

Um saco de trigo terá de ser vendido, em novembro de 1985, por Cr\$ 166.008. O de aveia por Cr\$ 145.994

Quando os produtores que ainda ariscam na cultura, precisarão ganhar por cada saco de trigo produzido na próxima safra? Alguma coisa ao redor de Cr\$ . . . . 166.008. Quem responde a esta pergunta é o Luís Juliani, tecnólogo em administração rural ligado ao Departamento Agrotécnico da Cotrijuí e responsável pelo levantamento do custo final de cada planta de inverno. O Juliani diz ainda que se os produtores não conseguirem esse preço, dificilmente terão condições de cobrir todos os custos de produção e ainda assegurar a margem de lucratividade de 30 por cento conforme lhes assegura o Estatuto da Terra.

Os cálculos realizados pelo tecnólogo indicam ainda que os produtores vão necessitar, na época de formação da lavoura de trigo, de Cr\$ 2.599.629 apenas para plantar um hectare. Isso significa um acréscimo de 247 por cento em relação ao custo levantado na mesma época do ano passado e que estava em torno de Cr\$ 749.761. O custo de produção de apenas um saco de trigo será de Cr\$ . . . . 129.982, "sem considerar nenhuma margem de lucro. Apenas o necessário para cobrir todas as despesas de formação da lavoura", explica.

## AVEIA E COLZA

Um saco de aveia, deverá ser comercializado em novembro de 85, por um preço em torno de Cr\$ 145.994. Só o custo de produção de apenas um saco deverá girar ao redor de Cr\$ 114.419. Para plantar apenas um hectare de aveia, os produtores vão necessitar de Cr\$ . . . . . 2.288.374, com um aumento de 278 por cento em relação ao custo levantado no

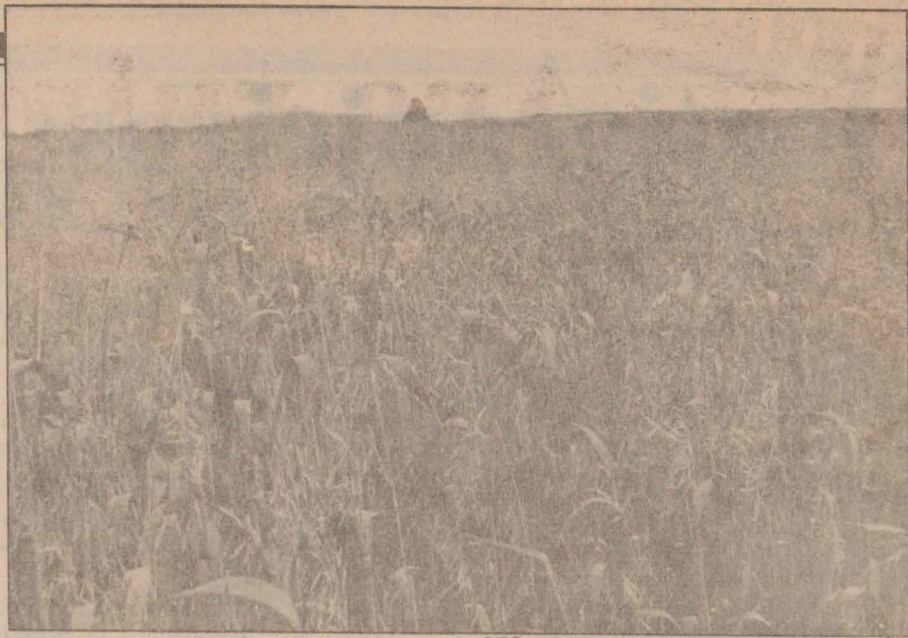
ano passado e que era de Cr\$ 604.584. Para plantar apenas um hectare de linhaça, serão necessários recursos da ordem de Cr\$ 2.125.764. O reajuste no custo de produção desta cultura foi de 315 por cento. Para ter direito a uma margem de lucro de 30 por cento, o saco de linhaça terá de ser comercializado por Cr\$ . . . . . 169.973.

A situação da lavoura de colza não é lá muito diferente. Para a formação de apenas um hectare serão necessários Cr\$ . 2.596.993. O acréscimo em relação ao custo levantado no ano passado — de Cr\$ 606.130 —, foi de 328 por cento. Para cobrir todos estes custos, um saco de colza deverá ser comercializado até novembro de 85 por Cr\$ 165.648.

## OS VBCs

O levantamento calculou ainda os Valores Básicos de Custeio necessários para que os produtores tenham condições de plantar o trigo, a aveia, a colza e a linhaça na próxima safra. O Juliani lembra ainda que todos os valores foram calculados levando em consideração uma produtividade de 20 sacos por hectare para o trigo, a aveia e a colza e 16 sacos para a linhaça.

Para a lavoura de trigo será necessário um VBC (Valor Básico de Custeio) no valor de Cr\$ 873.609 por hectare, para cobrir apenas as despesas consideradas efetivas, tais como gastos com sementes, combustíveis, lubrificantes, fertilizantes, peças, reparos e mão-de-obra. A estimativa de custeio para a lavoura de aveia deverá ficar em Cr\$ 759.305; a da lavoura de linhaça deverá ser de Cr\$ 693.210 enquanto que a estimativa de custeio para a colza deverá ficar ao redor de Cr\$ . . . . .



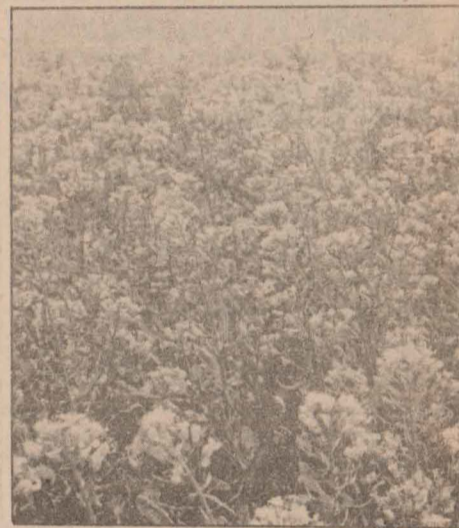
A lavoura de aveia sofrerá um acréscimo de 278 por cento. . .

867.502.

Para chegar até os custos finais de cada uma das culturas apresentadas, o Luís Juliani considerou dois itens: o dos custos variáveis e dos custos fixos. Os custos variáveis existem somente por ocasião da formação da lavoura e variam de acordo com a quantidade produzida. Como custos variáveis são considerados os gastos com máquinas e equipamentos (conservação, reparos, combustíveis, lubrificantes); construções; insumos (sementes, fertilizantes e defensivos); transportes; Funrural; despesas financeiras e Proagro. No item custos fixos — que existem independente da produção —, fazem parte os gastos com depreciação e seguro das máquinas e equipamentos; depreciação de construções; Imposto Territorial Rural; mão-de-obra; remuneração da terra (considerado no caso o custo médio de arrendamento da Região Pioneira); o custo de oportunidade (aquela parcela do dinheiro empregada com máquinas, equipamentos e construções); e conservação do solo.

## AS DESPESAS FINANCEIRAS

Despesas financeiras, é o item de maior peso no custo final de formação de qualquer lavoura, como deixam bem claro os cálculos realizados pelo Juliani. Numa média geral, — e aqui foram computadas as despesas financeiras da lavoura de trigo, aveia, linhaça e colza — o item custo financeiro participa com 44,67 por



. . . e a de colza 328 por cento

cento do custo final. Em seguida aparece o item conservação e reparos de máquinas e equipamentos, com 9,4 por cento. As despesas com fertilizantes aparecem em terceiro lugar e representam 8,34 por cento do custo final.

Os custos variáveis participam com 72,83 por cento do custo total, apenas no caso da lavoura de trigo. Ainda dentro dos custos variáveis, as despesas financeiras, para o caso do trigo, representam 45,22 por cento. Os custos fixos representam 27,17 por cento, sendo o item de maior peso a remuneração com 7,27 por cento.

## Está na época de:

Guardar e conservar.

A terra trabalha dia e noite, sem parar. Dela você tira em dobro, todo o trabalho que põe.

Tudo igual ao Freezer Horizontal Consul.

Ele trabalha sem descanso, dia e noite, para guardar e conservar os frutos que a terra dá, o ano todo. Bela dupla, a terra e o Freezer Horizontal Consul. Aliás, belo trio, você, a terra e o Freezer Horizontal Consul.

# Freezer Horizontal Consul.

**Consul**   
Qualidade & Tranquilidade

# Hortigranjeiros: o varejo ganhando força

Com novos postos e ampliações na central, consumidor e produtor terão vantagens

O setor de hortigranjeiros começou a receber a atenção que merece também na área de varejo, dentro da Cotrijuí, com a concretização de investimentos importantes para quem produz e para quem consome. A Cooperativa fecha o ano com dois novos pontos de venda ao consumidor e novas instalações no varejo que já existia junto ao entreposto, em Ijuí. "Estamos consolidando agora um trabalho que resultou num aumento da produção e na melhoria da qualidade dos hortigranjeiros da própria Região Pioneira", afirma o gerente da unidade de Ijuí, Clóvis Roratto de Jesus, a quem o setor está ligado.

O primeiro ponto de varejo surgiu em fins de 1979, junto ao entreposto, na rua do Comércio, de forma quase improvisada. Este ano, a Cotrijuí decidiu abrir mais um posto, em agosto, na avenida Coronel Dico, e em novembro os moradores dos bairros Elisabeth, Getúlio Vargas e Industrial também ganharam um posto de venda, localizado na rua Emílio Glitz. Agora, no dia 6 de dezembro, os investimentos foram complementados com a inauguração do novo prédio do varejo central, que existia desde 1979 na rua do Comércio e passa a atender numa área de 350 metros quadrados.

## PROGRAMA

O agrônomo Hélio Pohlmann, coordenador da área de hortigranjeiros na Cotrijuí, lembra que a Cooperativa passou a investir na produção em 1977, com a implantação de um programa que fazia parte do plano geral de incentivo à diversificação. O programa abrange ainda hoje três tipos de produtores: os que se dedicam aos hortigranjeiros para o próprio consumo da família; os que vendem excedentes ou são safristas, plantando alho, cebola, lentilha e outras culturas; e os que têm a atividade como fonte permanente de renda.



Venda direta reduz a intermediação

Todos eles passaram a receber acompanhamento técnico, assistindo cursos e contando com o fornecimento de sementes e insumos. A maior atenção foi dada aos que têm a produção como atividade importante na formação da receita, desde a assistência técnica até o assessoramento da área comercial. São estes produtores que lidam com hortaliças, e entregam hortigranjeiros durante praticamente todo o ano ao entreposto. Mas quase todos eles, independente da categoria em que se incluem, plantam em pequenas áreas, e possuem propriedades de no máximo 20 hectares.

## OS SALTOS

"Desde a implantação do programa, tivemos muito êxito a nível de produção e de produtividade, e enfrentamos igualmente algumas frustrações", observa o agrônomo, lembrando que nem todas as iniciativas nesta área obtiveram bons retornos técnicos e econômicos. Mas o saldo geral é favorável, tanto a nível de lavoura como de mercado. Hoje, além de contar com o acompanhamento técnico, o produtor está melhor informado sobre os mecanismos de comercialização. Foi assim que cresceu o número de agriculto-



Varejo central tem área de 350 metros quadrados

res envolvidos com hortigranjeiros, pois a atividade passou a ser viabilizada.

"Mas ainda temos um longo caminho a percorrer", ressalta Hélio Pohlmann, e um dos desafios está na produção de sementes, que deve melhorar em termos de volume e qualidade. Um bom trecho já foi andado, pois sementes de cebola, alho, batata e outros produtos saem da própria Região Pioneira. Para ele, a ampliação do atendimento no varejo permitirá a viabilização de outra idéia (veja quadro abaixo), que é a de desenvolver um trabalho educativo junto ao consumidor, e que automaticamente favorece quem produz.

## EFICIÊNCIA

Este aspecto também é enfatizado por Clóvis Roratto de Jesus, para quem a Cooperativa poderá, a partir de agora, ser mais eficiente na comercialização de hortigranjeiros e certamente remunerar melhor o produtor. Com os varejos, o consumidor terá um melhor atendimento e estará sendo evitada, pelo menos em parte, a intermediação. Haverá redução de custos, com menor utilização de transporte, e em consequência se diminui também a quebra, a perda de produtos. "A produ-

ção da Pioneira — afirma Clóvis — não perde em qualidade para a de outras regiões, e ganha assim uma melhor estrutura na área comercial". Esta área surgiu em outubro de 1978, quando — um ano depois da implantação do programa, a nível de produtor — se inaugurou o entreposto da rua do Comércio. O local funcionou inicialmente apenas como central para recebimento de produtos e distribuição no atacado, Nelci Baroni, o gerente do entreposto, relembra que contava, no início, apenas com um caminhão e quatro funcionários, e comercializava produtos que vinham geralmente de fora. Cerca de 90 por cento dos hortigranjeiros procediam da Ceasa, de Porto Alegre, e a Região participava com algo em torno de 10 por cento.

## PIONEIRA

Hoje, o setor conta com 30 funcionários e três caminhões, e lida em média com 450 toneladas mensais de verduras, legumes, frutas e grãos. O mais importante é que a metade deste volume total de produtos é fornecida por agricultores da própria Região Pioneira. "A produção não só cresceu como também é entregue com maior frequência durante o ano", afirma Baroni. Ele lembra que os postos de varejo poderão contribuir para que se melhore ainda mais esta frequência, especialmente de produtos perecíveis, como alface, répolho, cenoura e outros.

Foi em 1979, segundo ele, que a venda ao consumidor passou a merecer um espaço, dentro do entreposto, com a improvisação de um local bastante acanhado. Em 82, o varejo ganhou novo espaço, mas também este terminou ficando pequeno demais. Com o prédio inaugurado no dia 6 de dezembro, o varejo conta com instalações amplas onde o consumidor encontra não só hortigranjeiros, mas também outros produtos de primeira necessidade, a exemplo do que acontece nos outros dois postos.

O entreposto, que desde 1979 não só traz como também leva produtos a Porto Alegre, abastece nos últimos anos os mercados da Região Pioneira e de Santo Ângelo, Santa Rosa e Santa Maria. Com os postos para venda direta ao consumidor, ele deixa de ser apenas uma central atacadista, e passa a dar prioridade ao abastecimento de seus próprios varejos.



Clóvis Roratto de Jesus

## O produto feio mas saudável

*Toda a publicidade que chega aos consumidores ensina geralmente a mesma coisa: o bom produto é sempre o mais bonito. E isto se reflete, é claro, também na área de hortigranjeiros. Mas as aparências enganam, pois a verdade não é bem esta. Uma cenoura enrugada e com pipocas, quase sempre rejeitada pelo consumidor mais exigente, pode realmente ser feia. Esta cenoura, no entanto, não perde em sabor para outra com bom aspecto, e tem ainda uma vantagem: não foi tratada com agrotóxicos usados contra fungos e pragas. Isto é o que os postos de vendas de hortigranjeiros da Cotrijuí poderão ensinar aos compradores.*

*O exemplo é lembrado por Hélio Pohlmann, pois está na hora de se alertar o consumidor sobre a inexistência de grandes vantagens nos produtos bonitos. O certo é que estes produtos sem defeitos resultam, na maioria das vezes, de tratamentos com produtos químicos que podem deixá-los atraentes, mas também mais nocivos à saúde. O agrônomo observa que o consumidor é quem, afinal, condiciona a produção, em função de seus hábitos. Com os postos, talvez se consiga o contrário, com a conscientização de que a qualidade de um produto não está na sua aparência.*

*Aos poucos, os postos poderão inverter este hábito, contribuindo para*



Cenouras: as aparências enganam

*que a população consuma produtos mais saudáveis e, ao mesmo tempo, garantindo uma melhor comercialização de hortigranjeiros da própria Região. Hélio Pohlmann acredita que assim "o varejo cumpre inclusive com uma função educativa". Ele ressalta que nos maiores centros de hortigranjeiros do país, os produtos freqüentemente conquistam o mercado às custas dessa enganosa aparência. Na Região Pioneira, em consequência da menor aplicação de agrotóxicos, os produtos são até menos competitivos exatamente porque não apresentam este bom aspecto, apesar de serem tão bons e menos nocivos.*

# Cerealista: uma nova subsidiária

Os investimentos na área de abastecimento, dentro da Cotrijuí, atingem também o beneficiamento e empacotamento de cereais, com melhorias num segmento do setor comercial que — a exemplo do que ocorreu com os hortigranjeiros — vinha exigindo maior atenção. Isso aconteceu em maio, quando a Cooperativa adquiriu a Cerealista Cometa, depois transformada na Transcooper Cerealista Ltda, ligada à diretoria de Operações e subsidiária da Transcooper Transportes. A cerealista comercializa em média, por mês, de 300 a 350 toneladas de produtos, e deve aos poucos expandir suas atividades.

A área de beneficiamento de cereais na Cotrijuí, como lembram o diretor de Operações, Euclides Casagrande, e o gerente da Cerealista, Roberto Capssa — que também gerencia a Transcooper Transportes — era bastante restrita. Os serviços visavam quase que exclusivamente o abastecimento da própria rede de mercados da Cooperativa, beneficiando e empacotando produtos da Região Pioneira e procedentes de outros centros produtores.

#### FORTALECIMENTO

A Cerealista Cometa foi adquirida no dia 1º de maio, com o objetivo de contribuir para que se viabilize a produção diversificada da região de atuação da Cotrijuí. "Assim poderemos fortalecer a área comercial e conquistar mercados", afirma Roberto Capssa. Ele observa que o setor de alimentos é um dos menos atingidos num momento de crise, mesmo que aconteça redução na demanda. Hoje, a Cerealista Transcooper coloca seus produtos em todo o Estado, sendo que 20 por cento da matéria-prima beneficiada procedem da própria Região Pioneira.

A Transcooper está beneficiando amendoim, pipoca, feijão, arroz e outros cereais, farinha de milho e de mandioca e toda a linha de condimentos (pimenta, cravo, camela, etc), e tem suas instalações à margem da BR-285, a cerca de quatro quilômetros de Ijuí, onde trabalham 16 pessoas.

Nada é sofisticado, e é neste aspecto que se pode comprovar, segundo Casagrande e Capssa,

que a simplicidade pode levar à eficiência. O importante é que se concretize a idéia de integração entre produção, transporte e comercialização. Outro aspecto enfatizado é o de que a mercadoria fica pouco tempo em estoque, pois a área exige alta rotatividade, o que resulta em redução de custos, especialmente os financeiros.

#### NOVA MARCA

Até agora, a Cerealista continua vendendo seus produtos com o nome Cometa, mas outra marca, a Cooper, deverá estar nas prateleiras dos supermercados em janeiro. A intenção é a de oferecer uma linha de produtos populares, acessíveis à grande maioria dos consumidores, e outra dirigida ao comprador da faixa de maior poder aquisitivo. São alternativas que visam adequar a produção às exigências do mercado.

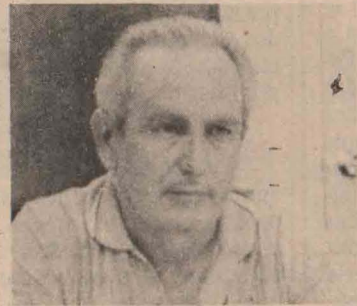
Contando com cinco vendedores autônomos, a Transcooper espera ampliar sua participa-

ção nesse mercado, e para isso aposta principalmente na qualidade de seus produtos. Este detalhe é apontado como decisivo para que também a produção da Pioneira conquiste compradores, tornando viável atividades diversificadas, na área de cereais, com as quais a Região ainda não conseguiu competir em termos de mercado.

"De nada resolveria se estimular a diversificação se, ao mesmo tempo, não houvesse uma preocupação com a comercialização destes produtos", afirma Casagrande. Ele entende que produtos que hoje vêm de fora, como amendoim, pipoca e lentilha, entre outros, podem ser cultivados na Região. O diretor de Operações informa ainda que também a regional Mato Grosso do Sul irá dar maior atenção a esta área de cereais a partir de agora, através da Transcooper. O setor está em implantação naquele Estado e deve começar a funcionar no próximo ano.



Com simplicidade, a cerealista consegue ser eficiente

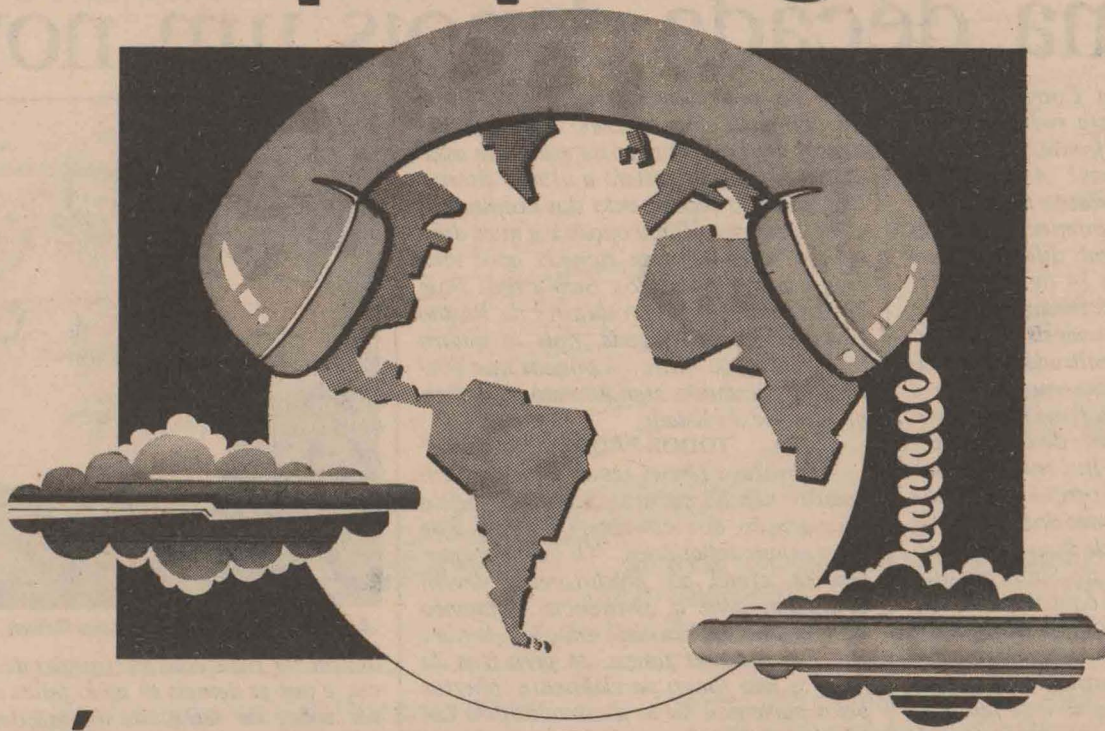


Euclides Casagrande



Roberto Capssa

## Vá de telefone a qualquer lugar.



## É muito mais economia por km ligado.

Usando o telefone, você está usando a cabeça. Porque o uso do telefone significa economia. E, principalmente, quando se trata de comunicação com outra cidade, seja lá onde for.

Por exemplo, você pode, freqüentemente, ter de viajar a negócios. Usando o telefone, você pode se comunicar com quem quiser e deixar tudo pronto, confirmar horários, hotéis e tudo o mais, sem sair de casa.

Aliás, muitas vezes, um telefonema pode até mesmo lhe poupar uma viagem.

É muito mais prático e seguro. Utilize o telefonema interurbano. Com ele, você economiza combustível, tempo e dinheiro.

**CRT** COMPANHIA RIOGRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES

Vinculada à Secretaria de Energia, Minas e Comunicações

O RIO GRANDE SOMOS NÓS. FAÇA A SUA PARTE. GOVERNO JAIR SOARES.



**COTRIEXPORT —  
CORRETORA DE  
SEGUROS LTDA.**

INVESTIMENTO EM  
SEGURO, SEJA INCÊNCIO,  
VEÍCULOS, ROUBO, VIDA,  
ACIDENTES PESSOAIS  
E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras  
1513 — fone: 332-1914  
ou 332-3765 ramal 364

# Hospitais passam mal

Rede Bom Pastor enfrenta problemas com insuficiência de verbas

A extinção do Plano Paraná para os agricultores, determinada pela Previdência no final de outubro, não agrava apenas a situação dos segurados. Esta forma de atendimento médico-hospitalar, que durou pouco mais de quatro meses, deixou de existir num momento em que chegou a se apostar numa melhoria da assistência nesta área. Hoje o quadro é pior do que antes, também para a rede hospitalar, com a volta dos antigos convênios com verbas fixas e insuficientes. A situação atinge diretamente os quatro hospitais sob controle da Cotrijuí, onde as internações de agricultores representam, em média, 50 por cento do movimento total.

Exatamente por serem mantidos pela Cotrijuí, estes hospitais (dois em Ijuí, um em Santo Augusto e um em Jóia) se dispuseram a manter os convênios com a Previdência, após a extinção do Plano Paraná para os rurais. A grande maioria das demais casas de saúde do Estado decidiu não aceitar a volta do antigo sistema, pois as verbas fixas não cobrem os gastos com o atendimento aos rurais. Mesmo com algumas restrições (veja abaixo), a assistência é mantida pela rede de hospitais Bom Pastor, da Cotrijuí, já que a situação seria ainda mais grave com a total suspensão dos serviços ao agricultor.

## CONTAS

Em Ijuí, o hospital, que tem 42 leitos, atendeu 252 agricultores, no período de junho a novembro, sendo que muitos dos segurados recorreram ao Bom Pastor por não ter outra opção. Acontece que o Hospital de Caridade, a outra casa de saúde da cidade não renovou o convênio com a Previdência (veja Cotrijournal de outubro/novembro). Isso fez com que o Bom

Pastor absorvesse, a partir de novembro — com o fim do Plano Paraná —, muitos pacientes que poderiam ter sido atendidos pelo HCl. Naquele mês, foram realizados 18 partos, contra uma média que vinha sendo de cinco partos mensais, como lembra Douglimar Radaeli, administrador do hospital.

O Bom Pastor passou a contar, em novembro, com uma verba fixa mensal de Cr\$ 1 milhão e 600 mil, para atendimento aos rurais. Mas em 12 dias os recursos haviam sido gastos pelo hospital, que necessitaria, no mínimo, de Cr\$ 8 milhões para atender agricultores. O pior é que até mesmo as contas do período em que vigorou o Plano Paraná não foram pagas integralmente pela Previdência. As despesas, incluindo-se internações de segurados urbanos, somaram cerca de Cr\$ 20 milhões de junho a novembro, mas o hospital recebeu apenas Cr\$ 9 milhões.

## PREJUÍZOS

A Previdência, que não chega a apresentar explicações convincentes para o não-pagamento integral, promete saldar o débito, mas sem dizer quando isso irá acontecer. O mesmo aconteceu em Jóia, onde o hospital mantido pela comunidade, e administrado pela Cotrijuí desde 1980, não recebeu tudo o que a Previdência lhe deve. Alfonso Conrad, administrador da casa de saúde, lembra que de junho a setembro as contas cobradas, referentes a internações apenas de rurais, somaram Cr\$ 6 milhões e 590 mil. A Previdência pagou somente Cr\$ 3 milhões e 200.

O hospital de Jóia, que não interna segurados urbanos pela Previdência, re-

gistrou neste período de junho a setembro 125 baixas de agricultores. Em 10 meses, segundo Alfonso, o Bom Pastor acumulou um prejuízo de Cr\$ 19 milhões, pois as verbas da Previdência não cobriram os gastos, mesmo durante a vigência do Plano Paraná. Desde novembro, o hospital voltou a contar com verba fixa, desta vez de Cr\$ 1 milhão e 74 mil por mês, quando precisaria de Cr\$ 5 milhões. "O hospital pertence à comunidade, mas a Cotrijuí comprou esta briga, mesmo que esteja se desgastando para manter o atendimento, até uma solução melhor", diz Alfonso.

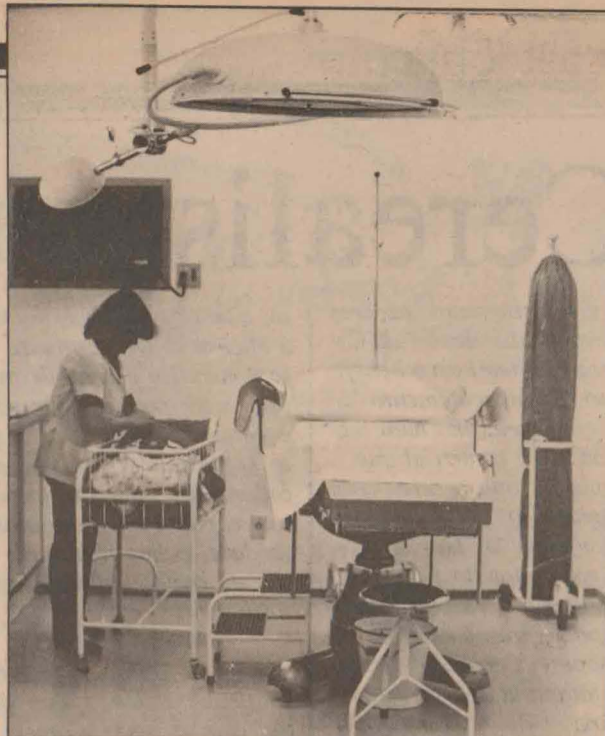
## Cr\$ 20 MILHÕES

Em Santo Augusto, o Bom Pastor possui 55 leitos, e sua capacidade deve ser ampliada em mais 24 leitos, em janeiro. O administrador, Alberto Tomelero, lembra que a partir de novembro passou a receber Cr\$ 2 milhões e 901 mil como verba fixa para atendimento a agricultores, mesmo que os gastos mensais exijam em torno de Cr\$ 20 milhões. O hospital atendeu, em média, por mês, de janeiro a outubro, 120 segurados urbanos e 118 rurais. De julho a outubro, pelo Plano Paraná, foram cobrados da Previdência Cr\$ 59 milhões e 987 mil, referentes a gastos de urbanos e rurais.

A Previdência pagou apenas Cr\$ 36 milhões e 122 mil, e ficou devendo 23 milhões e 865 mil. Em novembro, recebeu-

do apenas a verba fixa, o hospital teve um prejuízo de Cr\$ 6 milhões e 56 mil. Em Santo Augusto, onde há outro hospital, o Bom Pastor é o único a manter o convênio com a Previdência, a exemplo do que acontece na cidade de Ijuí. No interior de Ijuí, a Cooperativa mantém outro hospital, no distrito de Coronel Barros, mas este, com 19 leitos, não chega a enfrentar tantos problemas, já que seu atendimento se restringe apenas aos moradores da localidade.

A situação geral mostra que o Plano Paraná pode ter apresentado vantagens para os agricultores, com a realização de cirurgias que antes não eram feitas e internações em qualquer município, mas deixou mal os hospitais. A Previdência não só se nega a pagar parte das contas, como liquida os débitos com três meses de atraso. Com as verbas fixas, esta deficiência cresce ainda mais, até porque os recursos são reajustados sempre abaixo dos índices da inflação.



Em Ijuí, número de partos triplicou em novembro

## Uma década depois, um novo impasse

De que forma a Cotrijuí poderá continuar mantendo esta rede de hospitais que, daqui para frente, acumulará prejuízos ainda maiores? A indagação vem sendo feita há bastante tempo, mas ganha importância no momento, pois as saídas estão cada vez mais difíceis. Numa reunião em Ijuí, no dia 14 de dezembro, as alternativas existentes foram debatidas, e surgiram algumas prováveis respostas. Uma delas já está formalizada, numa sugestão que a Cooperativa encaminhou a Brasília, propondo que a Previdência assumira os hospitais, em regime de comodato.

Este encontro em Ijuí teve a participação da direção da Cotrijuí e da rede Bom Pastor, representantes dos sindicatos de trabalhadores rurais de Ijuí, Jóia, Chiapetta e Santo Augusto, do Sindicato Rural Patronal de Ijuí, das comissões de saúde integradas por produtores dos quatro municípios, e dos administradores dos hospitais. Os dados mostrados levaram à conclusão de que a situação é de fato grave, pois as verbas fixas que serão recebidas pelos quatro hospitais não chegam perto dos custos que deveriam ser cobertos.

## TRÊS OPÇÕES

Foram três as alternativas levantadas pelos participantes da reunião, segundo Gustavo Drews, gerente de Recursos Humanos e diretor administrativo dos hospitais. Inicialmente, a Cotrijuí deve sugerir à Previdência que esta assumira a manutenção da rede, conforme proposta já encaminhada à Brasília. Como opção imediata, os hospitais devem, em conjunto com os médicos, estabelecer valores unificados para cobrança de taxas referentes a serviços, de forma a contemplar os interesses das casas de saúde, dos profissionais e dos pacientes.

Se não houver consenso em torno da cobrança dessas taxas, e se a Previdência rejeitar a proposta para que assumira os hospitais, restará a última alternativa, que é o fechamento dos hospitais. É claro que esta última opção é a mais drástica, e somente seria tomada após uma consulta aos associados. Sem a rede Bom Pastor, milhares de produtores da Região ficariam sem assistência, pois os quatro hospitais estão entre os poucos que continuam prestando atendimento aos rurais no interior do Estado.

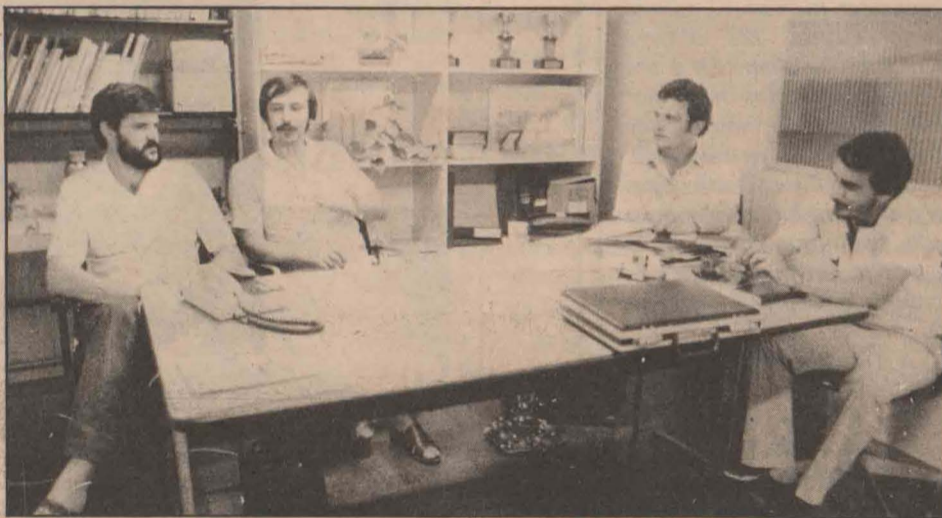
## TODOS PAGAM

Gustavo Drews ressalta que, por enquanto, não há outra saída que não seja a manutenção dos convênios, mesmo que estes sejam deficitários. "Os hospitais pertencem, afinal, aos produtores, e devem continuar com a assistência, enquanto não for encontrada uma solução", lembra ele. De qualquer forma, os prejuízos da rede, se não forem parcialmente cobertos pelos pacientes, serão absorvidos pela Cotrijuí, e todos os associados acabarão pagando pelo déficit.

As taxas adicionais, ou as diferenças, como são conhecidas pelo produtor, passaram a ser cobradas em novembro, quando a Previdência extinguiu o Plano Paraná para os rurais. Elas fazem parte de um conjunto de medidas válidas para a rede, e que, como era de se esperar, provocaram muitas resistências. Muitos pacientes se negam a participar da cobertura das despesas, por entenderem que devem contar com atendimento gratuito, assegurado pela Previdência, mesmo que esta mesma Previdência não garanta recursos suficientes para que isso aconteça.

## AS MEDIDAS

As medidas que vêm sendo cumpridas pela rede estabelecem que somente



Alberto Tomelero, Gustavo Drews, Alfonso Conrad e Douglimar Radaeli

devem ser realizadas as cirurgias de urgência, e que as demais só serão feitas se houver sobra de verba. As internações também devem ser autorizadas de acordo com o limite da verba fixa, com exceção dos casos de urgência. Toda a despesa superior ao valor fixo do convênio, num mês, deve ser repassada ao mês seguinte. Os hospitais devem entrar em acordo com os pacientes, para que estes participem do pagamento dos custos com exames complementares.

Estas medidas foram debatidas com as comissões de saúde dos quatro municípios, e levadas ao conhecimento da superintendência do INAMPS no Estado, ainda em novembro. Mesmo que não sejam nada simpáticas, elas representam no momento, segundo Gustavo Drews, a única forma capaz de continuar assegurando a manutenção dos hospitais. Resta agora aguardar uma resposta da Previdência, so-

bre a sugestão para que esta assumira as casas de saúde, ou outra solução para a assistência ao agricultor.

## UMA DÉCADA

Se os problemas persistirem e a Cotrijuí for obrigada a fechar os hospitais, mesmo que isto pareça pouco provável, estará sendo encerrada uma experiência pioneira do cooperativismo nesta área. A rede Bom Pastor começou a ser formada em 1975, com o hospital de Santo Augusto, e cresceu como decorrência de uma série de obstáculos que a Cooperativa se dispôs a contornar.

Hoje, estes problemas são tantos, que ameaçam toda uma estrutura montada para atender especialmente o produtor, e que conta com 132 leitos e dezenas de profissionais. A rede poderá deixar de existir ou se consolidar, em 85, exatamente no ano em que a Cotrijuí completará uma década de atividades nesta área.



# Agricultores protestam na capital

Mais de dois milhões estão sem assistência hospitalar no Estado

Os moradores da capital já estão encarando com naturalidade as invasões de agricultores. No dia 11 de dezembro foi a vez de pequenos produtores do Estado ocuparem o centro de Porto Alegre, para protestar contra o tratamento que vêm recebendo da Previdência Social, principalmente a partir da extinção do Plano Paraná para os rurais, no final de outubro. Num cortejo de mais de 3 mil pessoas, eles fizeram passeata, acamparam por instantes no coração de Porto Alegre e conseguiram mostrar a todo o Estado a situação que enfrentam. Mais do que isso: conseguiram fazer repercutir o movimento também fora do Rio Grande do Sul.

O quadro é grave para os agricultores. Há mais de dois milhões de pessoas sem atendimento médico-hospitalar no Rio Grande do Sul, desde a suspensão do Plano Paraná. Os hospitais se negam a prestar atendimento através dos antigos convênios do Pró-Rural, com verbas fixas e insuficientes (veja na página ao lado), e também os médicos passaram a cobrar pela assistência, quando de internações. Desesperançados, os agricultores decidiram acampar diante da sede do INAMPS na capital, após uma série de reuniões no interior.

## TRÂNSITO

O movimento foi organizado pela Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul), e levou produtores de mais de 200 municípios a Porto Alegre. No dia 11, eles saíram do auditório Araújo Viana, com a intenção de parar na frente da sede do INAMPS, na Avenida Perimetral, mas foram impedidos pela Brigada, "porque atrapalhariam o trânsito". Dali, eles foram para o centro, entre as ruas dos Andradas e Salgado Filho, e transformaram a calçada em tribuna, para denunciar o que vem ocorrendo.

A reação da população foi de simpatia. Até mesmo do prédio do INAMPS foram jogados papéis picados, em solidariedade ao protesto. No dia seguinte, eles mantiveram contatos com o superintendente do INAMPS no Estado, Baldur Schubert, e com o governador Jair Soares. Na audiência com Schubert, a desesperança aumentou, e muita gente abandonou o encontro pela metade. O superintendente defende a idéia de que pelo menos um hospital, em cada município, deve manter atendimento, dentro de um plano de emergência, até que uma solução seja encontrada. Mas os hospitais não querem saber dos convênios.

## ARREPENDIDO

O governador expressou apoio ao movimento, mas também não expôs nada de concreto para que o atendimento seja retomado. A reação mais esperada, em função da mobilização, era a do ministro Jarbas Passarinho, da Previdência, que se viu obrigado a voltar a falar no assunto. Passarinho não gostou do protesto e mandou dizer aos gaúchos que o Plano Paraná para os rurais é questão encerrada. O pior é que ele anuncia agora o retorno do projeto do tal Prev-Rural, que chegou a ser debatido no início deste ano.

Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí e coordenador regional da Fetag, relembra que o Prev-Rural não é visto como solução. De acordo com este projeto, a contribuição obrigatória passaria dos atuais 2,5 por cento para 3,5 por cento sobre a produção. Haveria ainda uma contribuição suplementar, esta não-obrigatória, de 8 por cento do salário mínimo, para quem pretende contar com assistência equiparada aos dos trabalhadores rurais. O certo é que, mesmo com o aumento

da contribuição de 2,5 para 3,5 por cento, pouco irá mudar. O Prev-Rural tem muitas falhas, e o melhor seria — como observa Karlinski — que o Ministério da Previdência desse atenção ao projeto elaborado pelos próprios produtores, e entregue em Brasília, há dois anos, pela Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura). Esta proposta está na gaveta, e — a curto prazo — dificilmente sairá de lá.

## AS CONTAS

O Plano Paraná, inicialmente implantado para os urbanos, foi estendido aos rurais em junho, como experiência para o Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Mas, segundo o ministro, a Previdência errou feio nas contas, e as despesas com internações cresceram, em vez de ficarem menores. Só os técnicos do Ministério não viram isso, pois desde o



Produtores acamparam no centro de Porto Alegre

início os médicos, os hospitais e os próprios agricultores falaram na possível frustração do Plano, o que acabou acontecen-

do. Hoje, Passarinho acusa os hospitais de terem manipulado as contas, complicando ainda mais a situação da quebrada Previdência.

Ele também acusa a Fetag e os hospitais de terem armado um complô contra seu Ministério, e ameaça com a volta do Prev-Rural. Mas o que importa mesmo, segundo Carlos Karlinski, é que "o assunto Previdência não está morto". Ele acha interessante que o ministro seja, pelo menos, obrigado a se defender das acusações dos agricultores, de que ele e o superintendente do INAMPS são os responsáveis pelas mortes que venham a ocorrer em consequência da falta de atendimento.

O movimento deve continuar, e talvez repita, desta vez com força redobrada, o que começou a acontecer em 1979, quando os gaúchos iniciaram a luta por uma melhor Previdência. Naquela época, os agricultores passaram a questionar o atendimento que recebiam dos hospitais, levantando questões locais. Foi aí que descobriram as causas de uma situação que enfrentam até hoje, e que não poupa gaúchos, catarinenses, cearenses, pois a legislação previdenciária rural — como lembra Karlinski — é injusta para todos.

## Agora você já pode contar com a nova conta telefônica.

Já está implantada nesta cidade, a nova conta telefônica. É o DOC-Conta CRT, que veio facilitar a sua vida. Olhe aqui as vantagens.

- Você recebe o DOC-Documento de Crédito e o demonstrativo de serviços com todas as suas ligações, pelo Correio, antes do vencimento. Com isso, você vai saber de tudo sobre sua conta, antes de efetuar o pagamento no banco.
- Você escolhe onde quer receber sua conta telefônica. Em casa, no escritório, onde você quiser. Portanto, se desejar mudar o local de recebimento, basta se dirigir à CRT desta cidade.
- Até o dia 10 de cada mês, data de seu vencimento, a nova conta pode ser paga em qualquer agência bancária integrante do sistema de compensação integrada. Depois disso, somente nas agências do Banrisul. Mas, você pode optar pelo

débito em conta-corrente: você autoriza o seu banco a pagar, o débito vai direto para ele e você recebe em casa, antecipadamente, o demonstrativo dos serviços.

- Qualquer outra informação sobre a nova conta telefônica, pode ser obtida junto a gerência local da CRT.

**Nova conta telefônica só conta vantagens para você.**

**CRT** COMPANHIA RIOGRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES  
Vinculada à Secretaria de Energia, Minas e Comunicações

O RIO GRANDE SOMOS NÓS.  
FAÇA A SUA PARTE.  
GOVERNO JAIR SOARES

# Combate sem risco de vida

Se tudo correr direitinho e a Cotrijuí conseguir produzir em laboratório 100 mil doses do *Baculovirus anticarsia*, bem menos dinheiro será gasto na aplicação de inseticidas para o combate a lagarta da soja nesta safra. "Se cada produtor que receber uma dose do vírus, multiplicá-lo e aplicá-lo novamente no restante da lavoura infestada, muita economia será feita", diz o agrônomo e coordenador do trabalho de multiplicação do baculovírus no Centro de Treinamento da Cotrijuí, lembrando ainda da impossibilidade, de num primeiro momento, se produzir uma dose do vírus para cada associado. Afora o lado econômico, o Léo também fala da vantagem do controle ser natural, sem o produtor correr qualquer perigo. "A saúde do produtor fica livre de qualquer contaminação". O baculovírus é seletivo, isto é, não prejudica os inimigos naturais, nem o homem, as plantas, os animais e muito menos contamina o meio ambiente.

O programa de controle biológico através do baculovírus — também conhecido como doença preta pela coloração que a lagarta adquire depois de morta —, iniciou por volta de 1980, no Estado do Paraná. Pela região Noroeste do Estado, ele só apareceu um ano mais tarde e, apesar do reduzido número de aplicações a nível de lavoura, em função até da própria falta de lagartas contaminadas, a técnica vem ganhando a credibilidade dos produtores, tanto daqueles que tiveram a oportunidade de comprovar na prática a eficiência do controle, como daqueles que apenas visitaram as lavouras infestadas.

A utilização do baculovírus no combate a lagarta da soja, exige por parte do produtor, alguns pequenos cuidados que vão desde a armazenagem do vírus até a aplicação na lavoura. Justamente com a intenção de deixar os produtores mais esclarecidos com relação a este tipo de controle biológico, o Departamento Agrotécnico da Cotrijuí está lançando um Caderno Técnico tratando do assunto. Neste caderno os produtores vão encontrar todas as informações necessárias para que a aplicação do baculovírus surta os efeitos desejados.

## AÇÃO SOBRE A LAGARTA

O vírus só age sobre a lagarta quando ingerido por ela. Ele não se propaga pelo simples contato. Logo após a ingestão, esse vírus atinge o intestino do inseto, onde é dissolvido pelo organismo e liberado. Em poucos dias, o vírus atinge praticamente todos os órgãos da lagarta.

Desde a infestação até ocorrer a morte da lagarta, se passam aproximadamente sete dias. A lagarta infestada apresenta, de início, uma descoloração na parte ventral, que aos poucos, vai se espalhando pelo restante do corpo. A partir do quarto dia, a lagarta já apresenta pouca mobilidade, deixando de se alimentar. Nos primeiros dois dias após a sua morte, ela apresenta um corpo amolecido, que não se rompe com tanta facilidade e uma coloração amarelo esbranquiçado. Aos poucos a lagarta vai escurecendo até atingir a coloração preta. Nesta fase o corpo se rompe com facilidade, liberando grande quantidade de vírus sobre as folhas das plantas. Estas folhas infestadas, servirão de alimento para outras lagartas e, assim, se dando o controle natural.

Liberado pela lagarta, o vírus se acumula nas folhas das plantas ou sobre o solo, onde deverá permanecer, se bem resguardado, por até um ano. "Esse vírus, explica o Léo, em condições climáticas ideais, poderá produzir a infestação natural das lagartas na safra seguinte, sem necessidade, portanto, de qualquer aplicação".

## MELHOR PERÍODO

De acordo com o agrônomo, é praticamente impossível aplicar o vírus de forma preventiva, pois ele é muito sensível a radiação solar, e pode não surtir o efeito desejado. O período de duração do vírus sobre as folhas das plantas é muito pequeno, por esta razão o Léo recomenda a aplicação em horários menos quentes do dia, evitando-se assim, uma redução na sua eficiência.

O nível de persistência do vírus na lavoura, varia de um dia para o outro. No primeiro dia esse nível fica em 100 por cento, mas a partir do sexto dia após a aplicação, a eficiência do vírus sobre a lagarta cai para 60 por cento. Mesmo assim, o Léo considera esses resultados excelentes, pois as lagartas que ingeriram o vírus através das folhas das plantas logo nos primeiros dias, estarão morrendo a partir do quinto dia e já iniciando a liberação de vírus, que novamente estarão contagiando as demais lagartas presentes na lavoura.

A dosagem de vírus necessária para o controle de um hectare de lavoura é bastante simples de ser medida. Basta que o produtor colete 50 lagartas grandes — medindo 2,5 centímetros de comprimento, de preferência — e esmague com um pouco de água. 50 lagartas são suficientes para aplicar num hectare de lavoura. O resultado dessa maceração é uma espécie de "calda", que antes de ser colocada no pulverizador deverá ser coada em um pano limpo ou peneira fina, para eliminar as peles e outros resíduos que possam entupir os bicos do pulverizador. Tudo pronto, é só colocar essa "calda" no tanque do pulverizador, misturada a uma certa quantidade de água, que varie de 80 a 200 litros de água e iniciar o trabalho de pulverização. A quantidade de água deverá ser suficiente para cobrir toda a área a ser pulverizada.

Já que o vírus age sobre a lagarta por ingestão, isto é, apenas se a lagarta comer as folhas contaminadas, quanto melhor for a cobertura das plantas com a



Já na safra passada produtores andaram catando lagartas doentes

aplicação, mais eficiente será o controle das lagartas.

## DOSAGEM

Para o produtor obter uma mortalidade de 80 a 90 por cento das lagartas, a dosagem certa é de 50 lagartas grandes ou então, 15 gramas de lagartas mortas e infestadas. A aplicação deve ser feita quando a maioria das lagartas nas lavouras apresentarem um tamanho igual ou inferior a 1,5 centímetros.

Embora o tempo necessário para a ação do vírus sobre o inseto seja um pouco mais demorado se comparado com a ação de qualquer inseticida químico, o Léo lembra que a lagarta atacada pelo vírus tem a sua capacidade de alimentação reduzida. Logo que ela come o vírus, vai aos poucos deixando de se alimentar. "Por esta razão, o produtor não precisa ficar preocupado, pois o estrago na lavoura vai ocorrer somente nos primeiros dias após a aplicação. A partir desse dia, a lagarta pára de se alimentar".

A partir da dose inicial recebida e aplicada na lavoura, o próprio produtor pode fazer o trabalho de multiplicação do vírus a nível de lavoura. Basta apenas o produtor coletar as lagartas mortas e in-

festadas, para dar continuidade ao processo.

O agrônomo aconselha a coleta de lagartas recém mortas, pois neste caso a multiplicação do vírus é muito maior. As lagartas pretas e com sinais de deterioração apresentam baixos níveis de contaminação e o efeito, portanto, é menor. As lagartas coletadas poderão ser lavadas em água corrente — para eliminar os possíveis detritos presos aos seus corpos — e em seguida, separadas em lotes de 50 (dose indicada para o controle de um hectare de lavoura), acondicionadas em vidros ou plástico e armazenadas em congelador.

O armazenamento no congelador permite a manutenção do vírus durante um período que varia de um a três anos. Nesse tempo, as lagartas podem ser retiradas do congelador e aplicadas nas lavouras. Cada dosagem, segundo observa o Léo, deverá ser feita com lagartas grandes, medindo em torno de 2,5 centímetros de comprimento. Caso elas sejam pequenas — medindo menos do que 2,5 centímetros de comprimento — o agrônomo recomenda usar em torno de 100 lagartas em vez de 50. "Mas a medida ideal é pesar 15 gramas de lagartas mortas.



## MUITAS VANTAGENS

**Helmuth Guth — Linha 6 Oeste — Ijuí —** "Apliquei o baculovírus em quatro hectares de lavoura, toda infestada e o resultado foi 100 por cento. Além de preservar o inimigo natural na lavoura, o vírus não prejudica a natureza e nem a saúde do homem. E depois tem a economia que faz. Só em deixar de comprar veneno para matar as lagartas, o produtor já tem uma grande vantagem. Para esta safra tenho guardada umas 20 doses de lagartas contaminadas, colhidas na minha própria lavoura no ano passado. Assim que aparecer algum foco, vou fazer a aplicação. A vizinhança também está meia preparada. Eles viram os resultados da minha lavoura e gostaram da experiência. Só falta agora a gente encontrar uma solução parecida para acabar com o fedefede".



## SAÚDE DO HOMEM

**Ari Noronha — Rincão da Ponte — Ijuí —** "O uso do baculovírus no combate a lagarta da soja tem muitas vantagens, mas sem dúvida que a principal delas diz respeito ao fato de não afetar a saúde humana. O produtor anda tão intoxicado, que de agora em diante, quanto menos ele lidar com veneno nas lavouras, melhor para ele. Fiz a experiência com o baculovírus em dois hectares de lavoura com altíssima infestação e comprovei que realmente vale a pena, mesmo contando que o efeito é um pouco mais demorado que o do inseticida químico. Não tive problemas de redução da produtividade em função do ataque de lagartas. Até colhi, uma média de 40 sacos por hectare nesse pedacinho. Já estou me preparando para esta safra. Assim que aparecer algum foco na lavoura, vou aplicar o vírus, para multiplicar e poder usar no restante da lavoura".

## Lembretes

● *Recomenda-se lavar muito bem o pulverizador com uma mistura de uréia ou espalhante adesivo e mais água, numa concentração de dois por cento. De preferência, deixar o pulverizador com esta mistura no seu interior, por umas 24 horas. Resíduos de herbicidas ou pesticidas, que geralmente ficam depositados no fundo dos equipamentos são nocivos ao vírus e responsáveis pela sua morte, anulando totalmente o efeito da aplicação sobre as demais lagartas.*

● *A eficiência do baculovírus ainda é maior, quando for constatada na média de amostragem, até 40 lagartas pequenas — menor que 1,5 centímetros — e menos de 10 lagartas grandes por batidas de pano. O vírus não age de forma tão eficiente sobre as lagartas adultas.*

● *O vírus só atua sobre a fase de larva — lagarta —, não tendo nenhum efeito sobre o adulto — mariposa —. Por esta razão, não se recomenda a aplicação preventiva do baculovírus.*

● *A ação do baculovírus é específica sobre a lagarta da soja — a Anticarsia Gemmatilis —. Outras espécies de insetos, como cascudinhos, não são atacados pelo vírus.*

# A comissão que vai tocar o trabalho

Levado ao conhecimento da comunidade ijuiense durante uma reunião do movimento pela retomada do desenvolvimento no dia 9 de novembro, o programa de conservação de solos já tem definida a sua comissão técnica que daqui para frente será responsável pelo andamento do trabalho proposto. Essa comissão está formada por representantes da Associação dos Profissionais de Agronomia de Ijuí — Apaju —, pela Associação dos Técnicos Agrícolas — Atargs —, pela Cotrijuí, Fideine/Unijuí, Prefeitura Municipal, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Sindicato Rural Patronal, Emater e Associação Comercial de Ijuí.

Como primeira tarefa a comissão técnica tratou de planejar o trabalho a ser feito dentro dos próximos meses, "principalmente neste período em que as lavouras já estão todas plantadas", diz o Léo Goi, agrônomo e representante da Cotrijuí na Comissão. Dentro deste planejamento ficou decidido que a comissão vai tratar, num primeiro momento, da divulgação e conscientização do produtor com relação a necessidade de melhorar as condições do solo na região, seja através de rotação de culturas, da incorporação de restebas de outras culturas, ou da cobertura vegetal. Para este trabalho de conscientização a comissão técnica vai se valer de cartazes, programas de rádio, reuniões com lideranças sindicais e representantes de núcleos. Essas lideranças irão atuar na difusão dos objetivos do programa, preparando os agricultores para o trabalho prático. Nessas discussões, os próprios produtores terão condições de fazer uma análise do programa "e se houver necessidade de mudanças elas serão feitas", observa o Léo. O programa de conservação de solos não é uma imposição. É mais uma proposta a ser levada e discutida pelos produtores.

Sem ainda ser do conhecimento de grande parte dos agricultores, o programa de conservação de solo já vem ganhando a simpatia e a adesão de alguns produtores mais preocupados com a situação degradante de seus solos. Alguns grupos de produtores espalhados por diversos pontos do município e especialmente um formado por oito agricultores de Coronel Barros, desde agora já começam a se movimentar no sentido de realizar um trabalho de conservação de solos, envolvendo suas propriedades que são todas lindeiras. "O interesse já existe. O produtor vem sentindo há tempos, na sua própria terra, que é preciso fazer, o mais urgente possível, alguma coisa que trate de melhorar as condições do solo", diz o agrônomo.

## DEFINIÇÃO

O período para o trabalho de conscientização do produtor vai até o final do mês de fevereiro, mas isso não significa, segundo o representante da Cotrijuí na comissão técnica, que se faça outros trabalhos paralelos aproveitando a época. Mas até o final de fevereiro a comissão deverá ter definido as áreas e propriedades modelos, onde serão executados os primeiros trabalhos na área de solos. Essas propriedades serão escolhidas em diferentes pontos do município, para que a propagação da prática chegue a um maior número de agricultores num tempo mais curto.

Os trabalhos práticos de conservação de solos só serão incrementados a partir da colheita das lavouras de verão. "As mudanças na fisionomia das lavouras só vão ocorrer com a formação de terraços de base larga, com a implantação de cobertura verde no inverno e rotação de culturas", explica o Léo, reforçando ainda a idéia de que o trabalho, para apresentar resultados, deverá ser feito de forma comunitária. Segundo ele, de nada adianta

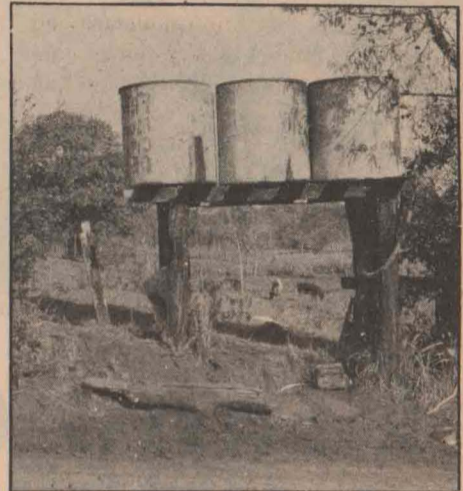


Terraços de base larga: trabalho comunitário

combater erosão numa determinada área, se o vizinho continua não observando certas práticas consideradas fundamentais para a manutenção das qualidades físicas do solo. Uma boa cobertura verde na maior parte do ano e terraceamentos de base larga evitam muita erosão nas lavouras, "mas o produtor precisa ter bem claro essa situação e optar por conta própria por métodos de manejo de solo menos prejudiciais. E como um pequeno alerta, o Léo lembra que o produtor pode iniciar todo um trabalho de conservação de solos reduzindo ao máximo o número de operações e o trânsito de máquinas na lavoura. A prática de subsolagem, em caso de compactação do solo, favorecendo a infiltração da água e o menor acúmulo desta nos canais dos terraços também é um cuidado essencial. Ou ainda, procurar evitar de preparar o solo com excesso ou falta de umidade.

## CUIDADOS

Ao mesmo tempo que vai discutir a questão da conservação do solo, a comissão vai aproveitar a oportunidade e fazer um alerta aos produtores com relação aos problemas ocasionados pelo uso inadequado dos agrotóxicos. "A nossa intenção é o de incentivar ao máximo o uso do controle biológico no combate a lagarta da soja, reduzindo portanto, a aplicação de inseticidas". E com a propagação do uso do baculovírus, que inclusive vem sendo multiplicado em laboratório, para posterior distribuição para o quadro social, o Léo espera que nesta safra menos produtores se envolvam com venenos "e que quando realmente houver necessidade de aplicação, que sejam usados produtos menos tóxi-



Abastecedores para os pulverizadores

cos". Afora esta questão, é importante que os produtores tomem certos cuidados no abastecimento dos pulverizadores, eliminando as embalagens de forma correta. Para o abastecimento dos pulverizadores o agrônomo aconselha a construção, por grupos de produtores vizinhos, de um abastecedor comunitário. Em vez de abastecer nos rios, poluindo e contaminando suas águas, os produtores se valeriam deste abastecedor que funcionaria por gravidade.

Com relação ao lixo tóxico, embalagens soltas nas beiradas das estradas, no meio das lavouras ou por perto dos rios, a comissão técnica está sugerindo a construção de cercados. Todo esse lixo tóxico ficaria melhor armazenado em escavações feitas no solo, cercadas e distante do contato com as pessoas e os animais.

## Os óleos de quem conhece máquinas agrícolas. Você e a Shell.



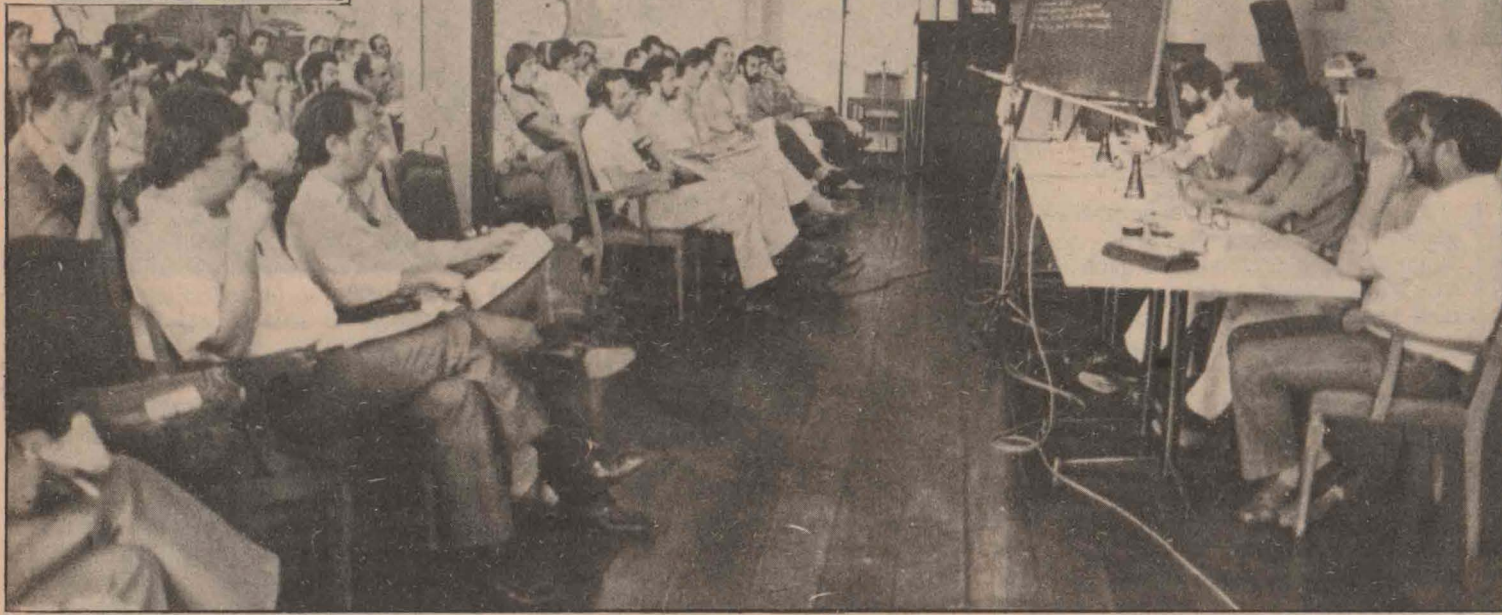
Todo agricultor sabe que deve tratar bem as máquinas, como se trata a terra. Porque a terra depende delas para produzir. Rimula é o óleo da Shell que ajuda você a colher mais soja, milho, algodão, café. E ajuda a preservar seu patrimônio. Rimula dá melhor desempenho para as máquinas, protege o motor e prolonga sua vida por muitas e muitas colheitas.



Você pode confiar



## V Seminário do Sistema Fecotrigô



Durante dois dias, mais de 200 dirigentes e funcionários de cooperativas de trigo e soja debateram as prioridades para o setor

# Plano de Emergência

Documento inicia a abertura de espaços dentro do futuro governo

O cooperativismo deve, com pressa, conquistar espaços dentro da equipe que está sendo formada pelo futuro governo, para fazer valer suas posições. Este foi um dos pontos mais ressaltados, durante o V Seminário do Sistema Fecotrigô, realizado nos dias 11 e 12 de dezembro em Santa Maria, com mais de 200 dirigentes e comunicadores de cooperativas de trigo e soja e outras entidades ligadas ao setor. Nesse encontro, ficou definida a primeira etapa a ser cumprida, como parte desta meta que exige a ocupação de espaços na área federal: o Plano de Emergência, a ser encaminhado ao candidato Tancredo Neves.

O Plano foi comparado ao oxigênio que um doente precisa para pelo menos chegar até o hospital. O doente, no caso, é a agricultura, que necessita de medidas urgentes, para que suas dificuldades não sejam agravadas. São nove itens (veja ao lado), que tratam desde a comercialização da safra de verão, até a questão das barragens do rio Uruguai. As prioridades foram estabelecidas após trabalhos em grupos, e tratam apenas de assuntos mais imediatos. Outros temas levantados serão depois incluídos num plano geral para a agricultura, já esboçado com o Grito do Campo.

### NEGOCIAÇÕES

O Seminário, no Hotel Itaimbé, fez parte, na verdade, da continuidade do Grito, que levou 40 mil agricultores ao estádio Beira-Rio, no dia 2 de outubro. O Plano de Emergência ocupou todo o tempo do encontro, e serviu, ao mesmo tempo, para que os cooperativistas abordassem também questões ainda divergentes. É o caso, por exemplo, do crédito subsidiado para agricultura, que divide opiniões (veja matéria na página seguinte). O assunto é tão polêmico, que nem chegou a ser incluído entre as reivindicações de urgência.

Mas o que interessava mesmo, segundo o presidente da Fecotrigô, Jarbas Pires Machado, era tratar logo dos problemas que já existem ou podem surgir, a curto prazo. Tratando disso, a agricultura pode ter um bom começo, em 1985, se conseguir sensibilizar o novo governo. "Em 85, será formada uma grande mesa de negociações, e ninguém será convidado a participar desta mesa. Quem quiser, terá que se apresentar, e nós queremos e podemos estar nesta mesa", disse Jarbas Pires Machado, enfatizando um apelo que tem repetido nos últimos meses.

Na abertura do Seminário, ele fez uma análise das mudanças históricas ocorridas no Brasil, especialmente a partir de 1930, para lembrar que nada é alterado política, econômica e socialmente sem uma real participação popular. Isso aconteceu em 1930, quando uma revolução chegou a acenar com a possibilidade da democracia, e em 1945, no momento em que o país, ao final da Segunda Grande Guerra, apostava "em novos rumos". Finalmente, também em 1964 — segundo Jarbas — outro ciclo parecia estar sendo fechado.

### E A ESPERANÇA?

Em todos estes exemplos — disse o presidente da Fecotrigô — está claro que os caminhos imaginados não foram os que realmente a população teve de enfrentar. "Quando não se mobiliza a sociedade como um todo, os rumos lhes fogem das mãos", afirmou Jarbas. O pior, para ele, é que nas mudanças que foram programadas a partir de 1964, o povo sempre teve "a cabeça erguida", enquanto hoje a situação é outra. "O que nós vemos é a apatia e o imobilismo de uma sociedade que em nada mais acredita, em nada mais tem esperança. E esta é uma casca que precisa ser rompida, com a sociedade confiando em si mesma e na sua capacidade de promover mudanças".

Tudo isso, segundo o presidente da Fecotrigô, é consequência da "falsa democracia", pois "aprendemos a não decidir e a não participar". Para ele, o novo ciclo que se anuncia, com a mudança de governo, "será tão promissor na mesma medida em que a sociedade estiver organizada". E mais: "A mudança de governo não pode ser confundida com mudança de poder. A mudança de poder depende de todos, da socie-



Jarbas: 1985 pode marcar um novo ciclo.

dade". É aí que o cooperativismo pode e deve surgir como aliado, para que o novo ciclo signifique de fato mudanças.

"Estamos numa situação em que não podemos brincar, e não podemos entrar 85 sem propostas, sem perspectivas", disse Jarbas. Para ele, as consequências da crise brasileira, nos últimos anos, são mais devastadoras do que uma guerra. "Enfrentamos toda a sorte de arbítrios e malfício social, num país que é o oitavo mercado do mundo e explora só 10 por cento de sua área". O presidente da Fecotrigô também comentou a recessão, o desemprego, as intromissões do FMI e "a fome, que existe também no campo", e fez um apelo às lideranças, para que ninguém esteja indiferente a este momento.

### OS "APOLÍTICOS"

Na abertura do Seminário, após os discursos de Cyro Dias da Costa, presidente da Ocergs (Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul) e outros integrantes da mesa, houve debates. Esta troca de idéias não chegou a ocupar muito tempo, mesmo porque não existiram discordâncias, mas foram esclarecedoras. No momento em que se discutiu a questão das alianças, por exemplo, Jarbas Machado condenou "a hipocrisia" do comportamento dos falsos "apolíticos" existentes dentro das cooperativas.

Por muito tempo, segundo ele, se pregou, no cooperativismo, que o setor não deveria ter ligações com políticos, e que os dirigentes e associados não poderiam ter preferências partidárias. Isso acontecia — disse Jarbas — como uma forma de sufocar a participação política de oposição, porque o engajamento na verdade existia e poderia existir, "se estivesse ao lado de um determinado partido". O presidente da Fecotrigô entende que é preciso não só admitir, como também estimular, o engajamento de agricultores e de toda a população às atividades políticas. Mais do que isso: "É preciso respeitar suas posições".

Participaram do Seminário, como representante da Cotrijuí, o vice-presidente Arnaldo Drews; o diretor de Comunicação, Educação e Recursos Humanos, Rui Polidoro Pinto; os diretores adjuntos Bruno Eisele, de Comercialização, e Renato Borges de Medeiros, da área agrotécnica; a coordenadora de Comunicação e Educação, Noemi Huth; e o sociólogo Walter Frantz, assessor da mesma área.

## As nove

As nove questões prioritárias para a agricultura resultaram de uma triagem, após o relato dos trabalhos em grupo. São reivindicações que as cooperativas encaminharão ao candidato Tancredo Neves, da Aliança Democrática, já que este — segundo os participantes do Seminário — "é o virtual presidente da República". Alguns dos presentes chegaram a indagar sobre possibilidade de encaminhar os apelos também ao candidato do PDS, Paulo Maluf, mas ninguém defendeu a idéia. Tancredo, conforme os cooperativistas, assumiu compromissos com o setor, e é dele que as cobranças devem ser feitas. Há também entre os itens assuntos internos do cooperativismo:

1 — Garantia de recursos para comercialização da safra de verão. Os empréstimos devem ser liberados com prazos de vencimento de acordo com as culturas, para que coincidam com as épocas em que o produtor dispõe de verbas para liquidação.

2 — Os preços mínimos devem ser compensadores, e corrigidos até o vencimento dos financiamentos, para que — especialmente no caso das lavouras de inverno — o produtor tenha de fato compensações.

3 — A verba de colheita da atual safra de verão deve ser antecipada. Há casos em que o produtor precisa dos recursos para aplicar defensivos na lavoura.

4 — Os agricultores precisam de um atendimento médico-hospitalar de urgên-

## SUBSI

## De que jeito

O crédito subsidiado já pode ser visto como uma "ferida", que o cooperativismo só irá tratar na hora em que puder lidar com polêmicas dentro do sistema. Isso ficou bem claro em Santa Maria, onde o assunto foi tratado nos grupos, mas não chegou a ser debatido na plenária que encerrou o Seminário. E por que o assunto é tão delicado? Porque, para as cooperativas, prevalece a idéia de que todos são iguais, e que assim devem ser tratados, independente da condição de grande, médio ou pequeno produtor. E o crédito subsidiado para a agricultura, pela tendência que se configura, até entre cooperativistas, seria algo para se defender em benefício do pequeno produtor ou, no máximo, como privilégio para quem produz para o mercado interno.

Esse comportamento, de indefinição diante do assunto, foi notado em vários grupos. O crédito subsidiado, com taxas bem inferiores às do mercado e à inflação, que existiu na década de 70, é um fantasma que os agricultores querem espantar. Este dinheiro barato, como foi lembrado, serviu para concentrar a renda e a terra, pois beneficiava a todos, sem distinção. No final da década de 70, passou a se diferenciar os agricultores, por categoria, e os custos passaram a ser liberados nessa proporção: mais para os que têm menos.

Na prática, isso nem funciona direito, mas é claro que desagradou quem se vê, de repente, recebendo menos do que recebia antes. Um dos grupos sugeriu que a diferenciação deixa de existir. Em outros, se falou em crédito subsidiado "para a cultura", e não para o produtor. O dinheiro barato seria, dessa forma, concedido de acordo com o produto plantado (feijão, batata, milho e



Divergência: su

# questões

cia, até que se defina um novo plano nesta área.

5 - Liberação de um crédito especial para manutenção das famílias de pequenos produtores, na forma de bônus, como já ocorreu em outras ocasiões.

6 - Suspensão dos projetos para construção de barragens no rio Uruguai, até que se comprove que as obras são mesmo necessárias.

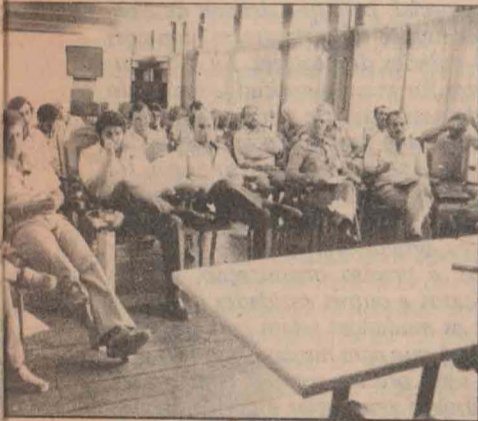
7 - Reassentamento dos colonos sem-terra, acampados no Rio Grande do Sul, e de agricultores que perderam suas áreas para construção da barragem do Passo Real.

8 - Criação de um programa de saneamento financeiro das cooperativas, e reestudo da circular 761, que trata da liberação de empréstimos para organizações em dificuldades.

9 - Retenção de 30 por cento da próxima colheita, pelos pequenos agricultores, para que estes possam se manter até a safra seguinte.

Há reivindicações que o novo governo terá de atender tão logo assumo, pois são de fato urgentes. Outras foram incluídas na lista, talvez por descuido, e estão prejudicadas, como a antecipação da verba de colheita. A verba sai em fevereiro, e o novo governo assume a 15 de março. Este e outros apelos surgidos no Seminário deverão, certamente, fazer parte dos pedidos de rotina que o setor encaminha ao atual governo.

## DIO e pra quem?



subsídio ao produto ou ao produtor?

culturas de subsistência), e não com base na categoria do produtor.

As controvérsias são tantas, que a questão do crédito de custeio para a próxima safra de inverno nem chegou a fazer parte dos itens incluídos no Plano de Emergência. Alguns participantes do Seminário chegaram a tocar no assunto, na plenária, que reuniu todos os grupos, mas isso não foi suficiente para que houvesse debate. Parece ter prevalecido o ponto de vista de que o momento exige a integração de todos, e que isso não acontecerá na hora em que se discutir assuntos que, como este, vão provocar divergências.

A verdade é que atualmente a agricultura não conta com crédito subsidiado, e que a questão dos financiamentos com juros baixos deve voltar a ser abordada. Mesmo porque o candidato Tancredo Neves (veja nas páginas 14 e 15) promete recursos com subsídios à agricultura, baseado na constatação de que nenhum país com setor primário forte dispensa este incentivo. O difícil é saber, por antecipação, de que forma este dinheiro será concedido e quem poderá recebê-lo.

# As propostas dos grupos

O Plano de Emergência que a Fecotriga começou a elaborar em Santa Maria é mais um dentre os tantos planos de emergência que entidades de industriais, comerciantes, economistas e outros setores já encaminharam ao candidato Tancredo Neves. O plano das cooperativas, para início de conversa, é bem resumido, e trata — como se vê no quadro ao lado — de coisas elementares. Mas as sugestões dos agricultores não vão ficar só nisso. Coisas mais esmiuçadas irão surgir, como decorrência do debate que se abriu com o Grito do Campo, e farão parte de um Plano Geral a ser elaborado daqui para frente.

Em Santa Maria, alguns assuntos foram abordados com detalhes, nos debates dos grupos, a partir de cinco itens apresentados: a atual safra, a safra de inverno, as questões sociais (previdência, sem-terra e outras), as questões internas do cooperativismo e o encaminhamento do Plano de Emergência. As sugestões mais detalhadas ficaram de fora do que se chamou de emergência, mas devem ser incluídas depois no Plano Geral. Abaixo, um resumo dos relatos dos grupos, com propostas que devem posteriormente ser aproveitadas:

### SAFRA DE VERÃO

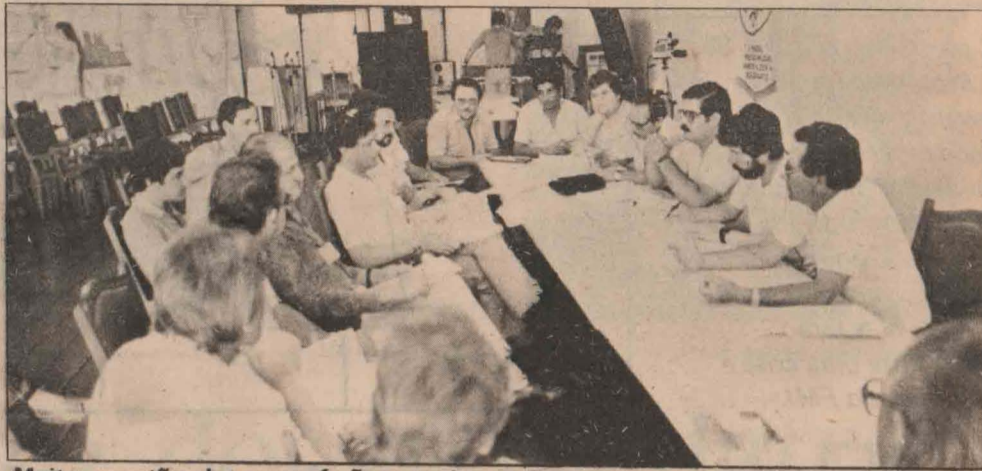
Há a ameaça de falta de recursos para comercialização. Os empréstimos (EGF, AGF e NPR — Nota Promissória Rural), devem ter juros neutros, ou seja, de acordo com a correção das ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), e vencimento em data que coincida com a disponibilidade de recursos por parte do produtor. Houve até quem sugerisse que os produtores pedissem moratória, suspendendo-se o pagamento dos juros dos financiamentos. A sugestão foi desprezada. Outra sugestão, esta aprovada: o produtor deve reter 30 por cento da safra, para poder se manter.

### SAFRA DE INVERNO

O custeio do trigo deve estar de acordo com os custos. Deve ser eliminado o subsídio ao trigo, repassando aos moinhos pelo governo. As culturas alternativas (aveia, linhaça, colza) devem ter linha especial de crédito, para que sejam estimuladas. O crédito rural deve ser concedido sem discriminação de grande, médio e pequeno produtor. As culturas para abastecimento interno (feijão, batata, arroz e outras) precisam de prioridade quanto a crédito.

### QUESTÕES SOCIAIS

As cooperativas expressam apoio à luta da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura), para que os agricultores tenham assistência médico-hospitalar. Os hospitais precisam de verbas suficientes para manter o atendimento. É preciso reassentar os agricultores sem terra, cooperativas devem participar dos estudos em torno da reforma agrária, defendendo a criação de um crédito fundiário (para compra e ocupação de terras). Suspensão dos



Muitas sugestões dos grupos farão parte de um plano geral para a agricultura

projetos das barragens do rio Uruguai.

### QUESTÕES INTERNAS

A consciência política dos produtores deve ser estimulada pelas cooperativas, inclusive com o engajamento a partidos. Ao mesmo tempo, é preciso cobrar posições dos políticos em favor do cooperativismo. O momento exige maior participação do sistema nas decisões, a nível de governo, para o setor primário. A Ocergs (Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul) deve ter funções redimensionadas. Criação de um programa de saneamento financeiro das cooperativas.

### ENCAMINHAMENTO

O Plano de Emergência deve ser encaminhado ao novo governo, depois de novamente debatido junto às bases. Definir com o candidato Tancredo Neves as formas capazes de viabilizar as propostas contidas no documento aprovado quando do Grito do Campo. Ocupar espaços na equipe econômica do candidato e cobrar suas promessas quando da realização do Grito.

## Debate envolve a Ocergs

“Se tem tanta lei emendada, por que esta também não pode ter emenda?” A pergunta é do produtor Assis de Souza Medeiros, dono de 56 hectares em Bossoroca, e participante do Seminário. Ele se referia, um debate em grupo, sobre a lei 5764, que disciplina as atividades das cooperativas e trata, entre outras coisas, da contribuição que a Ocergs (Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul) recebe de suas filiadas. Para Assis, a contribuição, de 0,2 por cento sobre capital e fundos de cada cooperativa, não se justifica.

Ele questiona a representatividade da Ocergs, como órgão máximo do cooperativismo gaúcho, e acha que as entidades do sistema Fecotriga devem se afastar da organização. “A Fecotriga faz o que a Ocergs deveria fazer, e muito melhor”, assegura o produtor. Este questionamento andou de grupo em grupo, já que — segundo os presentes ao Seminário — a Ocergs não está sendo órgão de representação política e tampouco de assessoramento técnico ao sistema.

É o que diz Getúlio Martini, presidente da Cotrimaio, de Três de Maio: “A Ocergs deveria representar o sistema a nível estadual, e a OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) a nível federal. Mas nenhuma delas faz isso”. Martini diz que a Cotrimaio vai pagar à Ocergs, este ano, Cr\$ 5 milhões por mês, mas sem contar com assessoria técnica. “Com este dinheiro eu posso pagar uma boa assessoria financeira, social e comercial”. E o pior — diz ele — é que 40 por cento da contribuição dos gaúchos vão para a OCB, que tem 28 por cento de sua receita garantidos pelas cooperativas do Estado, sem que estas estejam representadas na organização.

### POUCO DINHEIRO

O presidente da Ocergs, Cyro Dias da Costa, acompanhou as críticas à entidade, e se defende: “Vamos receber este ano, das contribuições, apenas Cr\$ 300 milhões, mas este dinheiro é suficiente somente para pagar os salários de 20 funcionários”. Ele estranha que por tão pouco as cooperativas de trigo e soja estejam se queixando, e inclusive tentando ficar com parte da contribuição, como foi sugerido no Seminário.

Cyro Dias da Costa acha que, quanto à ação política, a Ocergs enfrenta obstáculos, especialmente no que se refere às reivindicações, por representar todo o sistema e se formos reivindicar melhor preço para o trigo, entramos em conflito com as cooperativas de consumo”, diz ele. A Ocergs, que congrega as 462 cooperativas gaúchas, é — segundo ele — um órgão “80 por cento técnico e apenas 20 por cento político”. E tem dirigido seu trabalho principalmente às pequenas cooperativas, “que têm dificuldades de organização”.

A principal sugestão, referente à Ocergs aprovada no seminário propõe que as contribuições das cooperativas retornem, em parte, às federações. Segundo os autores da proposta, com este dinheiro poderiam ser aperfeiçoados os serviços que essas entidades prestam às suas filiadas, e que não são prestados pela Ocergs ou pela OCB. A sugestão depende da mudança na lei e talvez seja encaminhada ao Congresso Nacional.



Cyro Dias da Costa

Getúlio Martini



Assis: “Vamos mudar a lei”



A partir de março de 85 o Brasil terá um novo governo. O que o produtor pode esperar desta mudança? Os candidatos prometem superprodução, prioridade ao mercado interno e até a reforma agrária. Mas terão pela frente uma crise e as ordens do FMI.



## E o novo governo?

Reforma agrária, preços de garantia, crédito, tributação. Nunca como agora estes e outros assuntos relacionados com a agricultura haviam sido abordados, nos últimos 20 anos, por candidatos à presidência da República. Pois o país terá um novo governo, eleito a 15 de janeiro — com posse a 15 de março — e pela primeira vez os dois nomes que disputam a sucessão presidencial expõem seus planos e debate. Isso acontece duas décadas depois de quase inexistência de discussão em torno dos compromissos que, em nações democráticas, são assumidos publicamente pelos que pretendem chegar ao principal cargo de comando de um país.

E o que, afinal, o agricultor poderá esperar desta mudança de governo, que se anuncia como o início da retomada da democracia no Brasil? Os candidatos Paulo Maluf, do PDS, e Tancredo Neves, da Frente Democrática, estão assumindo estes compromissos em promessas que tornaram públicas no final de novembro (veja ao lado). Os dois falam em produção abundante, em menor interferência do Estado no controle do mercado e em apoio ao cooperativismo, e também demonstram pontos de vista divergentes.

### PROMESSAS

Maluf, por exemplo, não se compromete a conceder crédito subsidiado à agricultura, mas anuncia que não cobrará imposto territorial de quem produz. Tancredo defende e promete crédito com subsídios, mas não encampa as sugestões para que se reduza a tributação para a agricultura. Maluf diz que vai "rever" o Estatuto da Terra, e Tancredo promete colocar em execução o Estatuto. Ambos,

no entanto, anunciam a reforma agrária — prevista, afinal, no Estatuto —, mas sem "radicalismos".

De acordo com os dois candidatos, o seguro rural (Proagro) precisa mudar, a Previdência Social para o produtor será aperfeiçoada e a produção de alimentos deve, ao mesmo tempo, ser destinada aos mercados interno e externo. Tancredo Neves esclarece, contudo, que em primeiro lugar estará o abastecimento interno, que — segundo ele — foi deixado de lado nos últimos anos. Maluf dá ênfase à expansão da fronteira agrícola, com ocupação de novas áreas no Centro-Oeste e na Amazônia, enquanto o candidato da Frente Democrática entende que, antes de mais nada, é preciso reinvestir nas atuais zonas produtoras.

### COMO CUMPRIR?

Para poder cumprir com tudo o que prometem, os candidatos terão que superar toda uma realidade que há vários anos é desfavorável a quem se dispõe a produzir no Brasil. E passar por cima de uma situação mais recente, criada pela interferência do Fundo Monetário Internacional no país. A estrutura e a conjuntura são desfavoráveis a qualquer plano que anuncie o aumento da produção sem levar em conta as milhões de famílias sem terra, a falta de infra-estrutura, a Previdência deficiente, o crédito caro e escasso, a recessão.

Para contornar ou amenizar este conjunto de coisas, o novo governo terá, no mínimo, que lidar com velhos e novos interesses internos e externos. Terá que encarar o fantasma da tal reforma agrária, para poder mexer no alicerce das desigualdades sociais. E, num exemplo de interesse de fora, se verá obrigado a conter as

imposições do FMI, que restringe o crédito, decreta a recessão e leva o país à pior crise de sua história, com queda na produção, no campo e na cidade, e níveis alarmantes de desemprego. O novo governo passará por cima destes desafios (veja as opiniões ao lado) ou tudo continuará na mesma?

### BASE DO BOLO

A verdade é que os projetos para a agricultura são, afinal, parte de um bolo maior, do qual o setor primário faz parte — segundo os candidatos — como base para qualquer tentativa de superação da crise. Neste bolo é que se definirá o perfil do novo governo. E é claro que não será com programas que simplesmente se terá pela frente a garantia de mudanças profundas na realidade brasileira. Se fosse assim, tudo o que os partidos assumiram como compromissos, por escrito, nas últimas eleições, teria pelo menos resultado hoje no encaminhamento de soluções aos problemas dos municípios, dos Estados, da nação e, enfim, da população.

O que se vê é que muita coisa incluída nestes programas não saiu do papel. Mesmo assim, as posições assumidas pelos candidatos à presidência servem como amostra do que, depois de instalado o governo, poderá ser cobrado. Também é assim que já se sabe, por antecipação, o que eles dificilmente farão em favor da agricultura. O que interessa mesmo é tentar prever o futuro para o setor, levando-se em conta o que cada um dos candidatos representa, e que postura vêm assumindo desde que participam da política. E isto, pelo que se sabe, o agricultor mais ou menos informado já pôde demonstrar que está ao seu alcance.

## Em 20 anos, o primeiro civil

Um colégio integrado por 686 pessoas (senadores, deputados federais e delegados de cada um dos 23 Estados e dois territórios) irá eleger o novo presidente da República, a 15 de janeiro em Brasília. Paulo Maluf, 52 anos, deputado federal e ex-governador de São Paulo, e Tancredo Neves, 73 anos, eleito em 82 para o governo de Minas Gerais, estarão disputando os votos deste reduzido eleitorado, que se reunirá pela última vez, conforme compromisso dos próprios candidatos. As próximas eleições, é o que se espera, serão diretas.

Maluf, do PDS, fez uma das mais rápidas carreiras como político, dentro da extinta Arena, apesar de sempre contrariar as preferências do governo. Começou como diretor da Caixa Econômica Federal, em São Paulo, e chegou ao governo de seu Estado contra a vontade do Palácio do Planalto. Também foi assim que es-

te ano ele conseguiu superar resistências em Brasília, e vencer Mário Andreazza, ministro do Interior, na convenção do PDS que indicou o candidato à presidência. Seu companheiro de chapa a vice é o cearense Flávio Marçílio, presidente da Câmara dos Deputados.

Tancredo Neves, da Frente Democrática, foi ministro, deputado e primeiro-ministro durante o curto governo parlamentarista de João Goulart. Foi também senador, e um dos fundadores do PP (Partido Popular), que se aglutinou ao PMDB. Tancredo foi indicado em convenção pelo PMDB, e tem o apoio das oposições e dos dissidentes do PDS, que não pretendem votar em Paulo Maluf. Seu vice é o senador José Sarney, do Maranhão, que até este ano presidia o PDS.

### PRIMEIRO CIVIL

Quando um deles receber a faixa do

presidente João Figueiredo, em Brasília, dia 15 de março, pela primeira vez, nos últimos 20 anos, um civil estará chegando à presidência da República. O novo presidente enfrentará não só os problemas econômicos e sociais do país, mas a própria reacomodação política, que deve acontecer logo após as eleições, com o quase certo surgimento de novos partidos.

Com a devolução do poder aos civis, o Brasil é mais um dos países da América do Sul a iniciar o restabelecimento da democracia. Isso ocorreu há pouco, em novembro, no Uruguai, com a realização de eleições diretas. Mas resta acontecer ainda nos regimes militares do Chile de Augusto Pinochet e no Paraguai de Alfredo Stroessner. Este último promove eleições a cada cinco anos, mas sem que isso seja reconhecido como demonstração de democracia no país.

## Uma meta:

A prioridade ao abastecimento interno, que faz parte de qualquer discurso em que se fale em agricultura hoje, é um desafio que há muito não vinha sendo encarado. Afinal, os 41 milhões de toneladas de grãos anuais, que o país produz hoje para consumo próprio, conforme estimativas — sem considerar outros produtos — são insuficientes para abastecer o mercado. O país precisaria, no mínimo, dobrar esta produção, a curto prazo, conforme estudos apresentados no Congresso Brasileiro de Agricultura de Grãos, realizado no final de novembro em Brasília. A verdade é que a produção está estagnada, nos últimos sete anos, entre 45 a 50 milhões de toneladas, considerando-se o volume total produzido anualmente.

A meta anunciada por dirigentes de cooperativas, economistas e pessoas envolvidas com o futuro governo fala em 100 milhões de toneladas, para os próximos 10 anos. Ainda assim é muito pouco para um país onde a metade da população enfrenta

## A opinião das



Karlinski



Kommers

Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí e coordenador regional da Fetag: "Entendo que o novo governo deve dar prioridade à Previdência, à questão da terra e à mudança da política agrícola. O modelo agrícola precisa estar voltado para o abastecimento interno, sem que se deixe de lado as exportações. A questão da terra deve merecer atenção especial, para que deixem de existir acampamentos de agricultores num país com 800 milhões de hectares. Se o Estatuto da Terra for mesmo aplicado, será dado um grande passo para se alterar a estrutura fundiária, mesmo que este seja um problema que não vá se resolver a curto prazo. Há expectativa da população, e se espera que o novo governo seja mais sensível aos anseios não só dos agricultores, mas do povo em geral. Mas é preciso organização, através dos sindicatos e outras entidades de classe, para que as mudanças sejam conquistadas. A verdade é que para mudar o modelo econômico, seria preciso romper com o FMI ou no mínimo renegociar a dívida ou não pagá-la".

Reinhold Luiz Kommers, presidente do Sindicato Rural Patronal de Ijuí: "Eu não tenho grande esperança de melhoras, devido aos compromissos com o FMI e os banqueiros. Acho que a inflação em 85 será maior que a deste ano, e que a crise pode até se agravar. Não me refiro às pessoas que irão assumir o governo, mas à situação que irão enfrentar. Mesmo que o candidato Tancredo Neves tenha prometido crédito subsidiado, de onde ele irá tirar estes recursos, se não há dinheiro nem mesmo para comprar a safra de trigo? E ele mesmo já anunciou que contará com apenas 20 por cento da verba necessária para a agricultura em 85. As previsões feitas, para a economia em geral, não são boas, e para o nosso setor em especial. Entendo que a agricultura deveria ter recursos a juros baixos, e crédito sem discriminação de grande, médio ou pequeno produtor. Acredito que em dois ou três meses, após a posse do novo governo, o povo passará a cobrar mudanças, e os protestos irão acontecer. A renegociação da dívida deveria ser feita a nível de governo, pois só assim a população deixaria de ser sacrificada e se poderia acreditar em melhoras para a economia e a agricultura".

# 00 milhões

deficiências de alimentação e milhares de pessoas morrem de fome a cada ano. A área cultivada no país é 28 milhões de hectares, e precisaria crescer para 46 milhões.

Os técnicos envolvidos no levantamento destes dados, apresentados pela Associação Brasileira de Óleos Vegetais (Abiove), garantem que isso não é difícil. Basta assegurar, de fato, prioridade à agricultura, e a ela destinar os recursos que hoje se diz não existirem. É claro que a Abiove está preocupada com a sua situação, diante da ociosidade das indústrias do setor.

Mas essa preocupação não deixa, de qualquer forma, de ser também a de todos os que vêm na agricultura o início da retomada para recuperação da economia brasileira. Além disso, é preciso investir não só na produção, mas também, e principalmente, na solução dos problemas sociais do campo. Se não for assim, nada do que vier a ser feito terá sentido para a maioria dos que se dispõem a produzir alimentos.

## ideranças



Suleiman



Ávila

**Suleiman Hias**, presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito e integrante da Comissão de Crédito da Confederação Nacional da Agricultura: "Toda a mudança, via de regra, vem para melhor, e nós temos que apostar no novo governo e na possibilidade de recuperação da economia. Mas isso somente acontecerá com uma agricultura sólida, que beneficie todos os outros setores. O que me preocupa, de imediato, é a exigência de um grande volume de recursos para comercialização da próxima safra. Haverá, por exemplo, recursos para comercializar o arroz? Além disso, 40 por cento das verbas para custeio da lavoura ainda não foram liberados. E o crédito é decisivo para a agropecuária, mas sem que seja subsidiado. O governo deve subsidiar o produto, e não o processo de produção. O subsídio deve ser concedido ao produto, para que a alimentação chegue mais barata especialmente às camadas mais carentes da população. Assim se beneficia quem produz e quem consome. O subsídio ao crédito se presta a toda sorte de distorções e falcatruas e beneficia o mais esperto, o mais bem informado, sem maiores respostas como benefício real à produção".

**Otair Ávila**, presidente da Federação da Agricultura do Mato Grosso do Sul: "O que nos preocupa, de imediato, é a comercialização da safra, pois já para o custeio enfrentamos problemas com a escassez de recursos. Mas acredito que, de forma geral, a agricultura e a economia brasileira não podem ficar em situação pior do que estão hoje. A curto prazo, pelo que se sabe, em 85 teremos um grande arrocho, sem que se possa dizer com antecipação de que forma isso irá atingir o setor. O candidato Tancredo Neves, apontado como provável presidente, já disse que irá subsidiar a agricultura. Mas de onde ele irá tirar recursos? A agricultura necessita de subsídio, através de crédito a juros baixos ou do barateamento do produto ao consumidor, e só não sabemos como isso poderá ser conseguido. A promessa de cumprimento do Estatuto da Terra também é interessante, mas não deve se limitar apenas à distribuição de terras a agricultores. É preciso também que se dê condições para produzir. O Estatuto também prevê a margem de ganho de 30 por cento a quem produz, e outras medidas que certamente favorecerão a agricultura".

### Maluf

*Promete não cobrar impostos das terras produtivas, e garante crédito suficiente e oportuno, mas a juros de mercado. Irá "rever" o Estatuto da Terra, mas fala em reforma agrária*



### Tancredo

*Promete executar o que determina o Estatuto da Terra, mas diz que reforma agrária não será "radical". Anuncia crédito subsidiado, mas não fala em isenção de impostos para a agricultura*



## Os planos dos candidatos

Os dois candidatos à presidência da República ainda não haviam falado com objetividade sobre seus planos para a agricultura até o dia 20 de novembro. Naquela data, eles receberam representantes de várias entidades ligadas ao setor primário e também à indústria, quando responderam muitas indagações. Nesses encontros, ficou evidente que muitas questões não são tratadas, tanto por Tancredo como por Maluf, com a clareza esperada pelas lideranças do setor.

A verdade é que os pontos considerados polêmicos sempre ficam, numa hora como esta, de véspera de eleição, em banho-maria. Os candidatos temem um escorregão, para não ferir interesses ou frustrar expectativas. Por isso, muitas respostas são ainda bastante vagas, até porque um projeto de governo não pode se resumir a simples promessas. Os compromissos de Tancredo Neves estão resumidos num texto distribuído por sua assessoria, com base nas respostas dadas às entidades, no dia 20.

O candidato Paulo Maluf, por sua vez, expôs seus projetos para a agricultura em matéria que mandou divulgar nos jornais. A síntese que publicamos abaixo foi tirada destes dois textos, para que o agricultor possa conhecer as principais prioridades e fazer comparações. Outros projetos dos candidatos — como eletrificação rural, melhor ensino, melhor Previdência, melhor estrutura de armazenagem — não constam desta síntese, porque não chegaram a ser por eles detalhados.

#### Interferências

**Maluf:** Entende que o governo deve interferir o menos possível nas questões de mercado. Anuncia que não irá adotar medidas "restritivas ou protecionistas, com a intenção de beneficiar o produtor ou o consumidor". O governo se limitará a suprir deficiências que não estejam ao alcance da iniciativa privada, como no caso do fornecimento de sementes, quando houver falta do produto.

**Tancredo:** O governo irá propiciar as condições básicas para a atividade agropecuária, mas sem interferências "paternalistas" no mercado. Pretende fazer valer para o setor primário as regras "do capitalismo social, com respeito aos direitos de cada cidadão, na preservação e estímulo à livre iniciativa". A política para o setor não será definida "de cima para baixo".

#### Crédito

**Maluf:** O candidato pretende assegurar "crédito suficiente e oportuno" para o setor. Mas não promete recursos com subsídio. O dinheiro para a agricultura terá "juros de mercado". Maluf entende que o importante é assegurar preços remuneradores, e não crédito barato. "A política de crédito subsidiado tem demonstrado ser ilusória, beneficiando alguns produtores, e nem sempre os mais necessitados. E tem favorecido as inver-

sões (investimentos) fora da agropecuária".

**Tancredo:** Lembra que na maioria dos países o dinheiro para a agricultura é subsidiado, com taxas menores que as de mercado. Defende a concessão de recursos para a agricultura com taxas que levem em conta os riscos do empreendimento. "As taxas reais, de mercado, são incompatíveis com a atividade agrícola". Segundo ele, é preciso que "não falem recursos em volume e condições adequadas".

#### Mercado interno

**Maluf:** Promete estimular os que "plantam e criam nas regiões tradicionais", para que se obtenha aumento na produção de alimentos básicos, como arroz, feijão, mandioca, milho e carne. Acha que uma política nos moldes das praticadas pelos "países de planejamento centralizado" pode garantir uma boa oferta de alimentos para a população, que remunerere o produtor e assegure — "através da abundância" — preços acessíveis ao consumidor.

**Tancredo:** Anuncia prioridade ao mercado interno, com projetos que "privilegiem a alimentação dos brasileiros". Acredita que assim poderá reduzir ou eliminar inclusive a importação de trigo, substituindo este por outros alimentos. Muitos produtos podem ter produção ampliada e ser absorvidos pelo mercado. Mas para isso é preciso melhorar também o poder aquisitivo da população.

#### Mercado externo

**Maluf:** "Produzir para o mercado externo é indispensável ao reequilíbrio das nossas contas e ao serviço da dívida externa". O candidato acredita que não existam conflitos numa política que defenda, ao mesmo tempo, aumento da produção para mercado interno e para exportar. "A participação dos produtores brasileiros no comércio internacional será encorajada".

**Tancredo:** "A agricultura brasileira tem todas as condições para aumentar a produção destinada aos mercados interno e externo". Tancredo prevê que esta maior produção de alimentos, para exportação, pode inclusive fazer parte dos próximos compromissos para pagamento da dívida externa. O candidato defende ainda uma estrutura mais organizada do Brasil, dentro dos Estados Unidos, para tratar das exportações. É contra, por enquanto, a criação do Ministério do Comércio Exterior.

#### Questão fundiária

**Maluf:** Promete "rever o Estatuto da Terra, para torná-lo um instrumento hábil e eficaz de promoção da justiça social e de aproveitamento da terra". Promete uma reforma agrária "legítima e produtiva, que não se restrinja à mera distribuição de terras". Segundo o candidato, "quem possui terra deve usá-la: plantar ou criar.

Quem não a tiver, mas dispuser-se a nela trabalhar, não pode ser privado do meio de produzir. A reforma agrária se dará, com prioridade, no Nordeste e na Amazônia.

**Tancredo:** "Vamos nos empenhar em executar a legislação que aí está, proclamada e não cumprida". Anuncia, com isso, o cumprimento do Estatuto da Terra, que — segundo ele — "por si só corresponderá a uma revolução no campo". Anuncia que não pretende adotar "medidas radicais e novas para a solução do problema fundiário no Brasil". Lembra que as estatísticas têm demonstrado uma crescente concentração da terra no Brasil, e por isso entende que a reforma agrária deve ocorrer.

#### Tributação

**Maluf:** Haverá uma revisão na política fiscal para o setor, com benefícios para os municípios e o produtor. "Em particular, o imposto não será cobrado sobre a terra em uso produtivo, mas sim sobre o solo que, embora apresente condições propícias à agricultura, seja mantido em ociosidade (sem uso)". Os municípios irão receber o que for arrecadado como "primeiros tributos incidentes sobre a agropecuária e a agroindústria existentes em seu território".

**Tancredo:** Acha que a reforma tributária que pretende adotar, não só para o setor primário, mas para a economia em geral, cuidará disso. Não promete — com antecedência — a isenção de impostos que incidem sobre a atividade agropecuária ou sobre produtos. Segundo o candidato, a prática mostra que a não-cobrança de impostos não se traduz em preços inferiores dos produtos ao consumidor. Mas entende que tributos como o ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) e ITR (Imposto Territorial Rural) podem sofrer mudanças.

#### Cooperativismo

**Maluf:** Defende o crescimento da produção com estímulos "ao surgimento de microempresas agropecuárias e agroindustriais, do cooperativismo e de todas as demais formas de associação e ação comunitária". O estímulo à "associação cooperativa dos produtores" será dada "desde a fase de produção até o beneficiamento, industrialização e comercialização dos produtos, tanto no plano doméstico como no externo".

**Tancredo:** "O cooperativismo ou outra forma de associativismo do produtor tem a virtude de permitir maior representatividade no sistema". Para o candidato foi o cooperativismo que oportunizou a organização de produtores e sua participação mais efetiva no "desenvolvimento agrícola". Sem as cooperativas — diz ele —, muitos agricultores não teriam hoje acesso ao crédito rural e à assistência técnica. O setor é importante para a produção de alimentos destinados ao mercado interno.

# Meio caminho andado

O que representou este IV Encontro Integração a nível de organização da mulher do meio rural? Como será o encaminhamento do trabalho de agora em diante? Quem responde a estas questões é a Noemi Huth, coordenadora do Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuf. Na mesma página, abaixo, representantes de alguns núcleos cooperativos de Augusto Pestana, Tenente Portela, Ijuí e Ajuricaba, fazem uma avaliação de todo o trabalho que vem sendo realizado com a mulher e dizem o que representou este IV Encontro.

Como base para todo o trabalho de organização da mulher rural, a Noemi ressalta a importância que tiveram as reuniões mensais dos núcleos, onde as mulheres discutiram e levantaram questionamentos. "Durante todo o ano muitas propostas foram levantadas e organizadas pelas líderes de seus municípios, como aconteceu nos Encontros Integração de Tenente Portela e Ajuricaba. Todos estes Encontros preparatórios serviram de instrumentalização da mulher rural e representou uma efetiva participação dentro dos Sindicatos rurais. A partir das discussões elas puderam elaborar propostas de

trabalho e vieram ao IV Encontro Integração muito mais organizadas e preparadas para discutir qualquer assunto, seja ligado ao seu reconhecimento como trabalhadoras ou de forma mais geral, como os problemas da Previdência, por exemplo".

Conscientes de sua organização as mulheres começam a identificar todo o trabalho em duas etapas. Numa primeira, foi desenvolvido todo um trabalho de base que se encerrou com o III Encontro Integração. A segunda etapa, está caracterizada pelo trabalho realizado durante todo o ano de 1984, que fechou com o IV Encontro Integração. Essa visualização do trabalho pelas próprias mulheres, segundo a coordenadora do Departamento de Comunicação e Educação é o resultado de toda uma caminhada iniciada de forma mais sistemática em 1976. "Foi daí em diante que a mulher pode se organizar melhor. Participar e se fazer presente em todas as lutas tanto no que atinge diretamente a sua família, a sua Cooperativa, ou qualquer outro segmento da sociedade".

Embora numa primeira etapa os trabalhos tenham acontecido mais a nível de organização e conscientização da mulher



Em Tenente Portela o primeiro Encontro Integração do município

a respeito de seus direitos, a Noemi acredita que os desafios estão aumentando. "Já superamos muitos obstáculos, mas os maiores desafios ainda estão pela nossa frente. Cada vez mais se intensifica a necessidade de reflexão e de discussão. A nossa organização precisa ficar mais forte, mais coesa, para poder fazer frente às "correntes" que se contrapõem ao trabalho de organização da mulher na região".

A Noemi também reforça a idéia de que não será o IV Encontro que fará "milagres". A luta precisa continuar. "Es-

se Encontro foi um passo decisivo na caminhada, que tem perspectivas de ser longa e trabalhosa. Os fatos só vão acontecendo dentro de todo um processo educativo dinâmico, no qual não se pode parar. É um processo que envolve pessoas e não objetos". Todo esse trabalho, na visão da Coordenadora do Departamento de Comunicação e Educação só terá continuidade, se a mulher rural seguir na busca de seu espaço nas suas diferentes frentes de luta e a Cooperativa assumindo o seu papel específico dentro deste trabalho.

## A luta é contínua



Gerti Schneider



Silca Wathier



Sílvia Siqueira Rodrigues



Nilza Calgaro



Gertrudes Commander

**Gerti Schneider** — 20 anos — Fundo Alegre — Augusto Pestana: "Classifico a participação da mulher rural da região em duas etapas bem distintas. Numa primeira etapa, que envolve até os três primeiros Encontros Integração, se deu um trabalho de base, quando a mulher começou a tomar consciência de sua situação e de que não havia mais razão para ficar calada. Era hora de começar a lutar pelo que queria e aos poucos ela foi vencendo as inibições e tomando coragem para partir para um trabalho bem maior. Numa segunda etapa, que começa justamente com os preparativos para o IV Encontro Integração, a mulher aparece como uma batalhadora e com seu espaço garantido. Ela não se sentiu nenhum pouco constrangida em levantar durante as palestras para dar sua opinião e seu depoimento. É claro que contou para isso, em parte, o fato dos palestrantes serem pessoas conhecidas e que levantaram assuntos que falaram da realidade da região. Ela já tem bem claro que existe uma luta muito grande pela frente, que vai desde o próprio reconhecimento da mulher como trabalhadora até as questões envolvendo saúde do homem do campo. Também nesse Encontro, a mulher veio muito mais organizada e não foi um trabalho de última hora. A organização aconteceu durante todo o ano. O seu avanço é tão grande, que ela está perfeitamente consciente de que o último Encontro não vai resultar em nenhum milagre. As pressões precisam continuar até que sejam encontradas soluções para as suas reivindicações e que a luta tem que

ser muito maior e contínua. E sempre que aparecer alguma luta, ela está organizada".

**Silca Wathier** — casada, dois filhos, 43 anos. Líder Sindical. Ponte do Ijuizinho — Augusto Pestana: "O IV Encontro foi decisivo para a participação da mulher, pois nos Encontros anteriores ela saiu muito confusa, sem saber direito que rumo tomar. Os próprios assuntos levantados, principalmente os do III Encontro, fugiram bastante da nossa realidade, então ela preferia ficar mais reservada, apenas escutando. Mas neste último ela voltou mais crescida e até ficou mais à vontade e teve até a coragem de se manifestar e enfrentar alguns questionamentos. E até por essa razão, as coisas ficaram muito mais claras para a mulher. Todo esse crescimento, essa participação da mulher é uma coisa que vem acontecendo aos poucos, através das reuniões de núcleos, da discussão de assuntos, como a própria Previdência, que está aí, amargando a vida do agricultor. Essa é uma luta que também é das mulheres e elas estão na frente, ao lado do homem, lutando pelos mesmos direitos. Quem via, por exemplo, até alguns anos atrás, uma mulher entrar num Banco, para tratar de dinheiro? Ninguém. A mulher só andava ao redor das panelas, alheia ao que acontecia pelo lado de fora da porta da casa. Mas hoje essa situação é diferente e a mulher está em todas as lutas e de forma organizada".

**Sílvia Siqueira Rodrigues** — representante do núcleo de Barro Preto, Ajuricaba: "Através destes Encontros que

vem sendo realizados, tanto o regional como o local, pode se observar que a mulher está cada vez mais consciente do seu papel e que está disposta a lutar por seus direitos. No Encontro local, através das palestras, abordando o papel da mulher na sociedade, na família, no sindicato e na Cooperativa, se pode sentir as modificações que a sociedade sofreu através dos tempos. No IV Encontro, muitas questões ficaram mais claras para a mulher. Ela hoje, inclusive, tem condições de analisar toda a situação porque passa o homem do campo. Esse conhecimento ela só adquiriu através das discussões em núcleos, e nos Encontros Integração, que só têm servido para clarear as idéias da mulher, deixando elas mais atualizadas".

**Nilza Calgaro** — 30 anos — casada — 3 filhos — Linha Glória, Tenente Portela: "Esse quarto Encontro foi o mais importante. Foi um passo dado na hora exata. A mulher saiu muito mais consciente de que precisa ter uma participação mais ativa, embora ela já se apresente muito mais organizada. Até os três primeiros Encontros, ela participava mais por curiosidade, para ver o que ia acontecer. Mas nesse último Encontro ficou bem claro que ela já tem um espírito de luta e tem certeza que vai conseguir ver suas reivindicações atendidas. E se as reivindicações não forem atendidas num curto espaço de tempo, a mulher vai continuar lutando, porque uma coisa já está bem claro: não se pode mais parar e o trabalho precisa seguir em frente. E mesmo que a participação seja ainda pequena, ela já é bem maior que no

ano passado. A mulher está crescendo dia a dia, embora ainda tenha muito o que ser feito pela frente".

**Gertrudes Commander** — 50 anos — casada — 5 filhos. Líder do núcleo de Linha 6 Norte, Ijuí: "Vejo o IV Encontro como mais um passo dado na luta da mulher pelo reconhecimento de seus direitos. Foi um Encontro em que a mulher veio mais participativa que em anos anteriores. Ficou bem claro que ela já adquiriu um maior conhecimento em relação ao que acontece no país e que envolve toda uma situação que está aí e que precisa ser entendida. Só em mostrar que está interessada em mudar as coisas, em participar mais, já é meio caminho andado. Se a mulher der uma paradinha e pensar um pouco, ela vai ver que toda essa organização, essa união já resultou em algumas coisas positivas. Aqui na própria Cooperativa, ela até já adquiriu o direito de participar das eleições, de dar o seu voto, caso o marido não possa comparecer. O que a mulher discutiu de Estrutura do Poder nesse ano que passou. Quando que, em anos atrás, ela fazia isso? Nunca. Era assunto apenas para o marido. É claro que para assegurar este espaço, ela enfrentou muitas barreiras, até dentro de casa mesmo. E se as nossas reivindicações não forem atendidas, e nossos direitos não forem assegurados, teremos que lutar com mais força e mais união. Também nem estamos esperando que as coisas aconteçam de uma hora para a outra. A nossa participação é importante em todo esse processo".



# O porco-banha ainda resiste

Apesar das pressões das indústrias, muita gente continua criando o porco preto

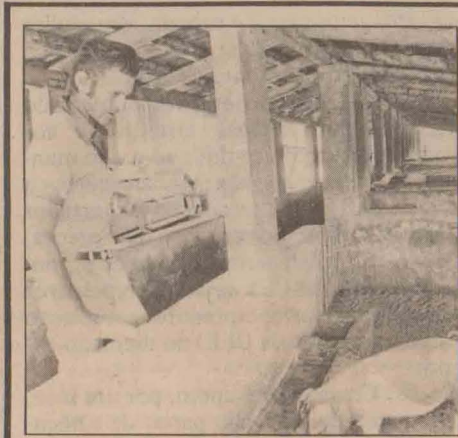
O porco-banha irá, em pouco tempo, desaparecer dos chiqueiros do país. Esta previsão vem de Minas Gerais, e é claro que tem um pouco de exagero. Segundo o veterinário Antonio Stockler Barbosa, da Universidade Federal de Minas Gerais, a tendência hoje, favorável ao porco tipo carne, é uma séria ameaça às antigas raças de suínos pretos, como caruncho, piaú, piratininga. A verdade é que, por mais que se reduza o rebanho, o porco-banha continuará existindo por um bom tempo, especialmente nas regiões de minifúndio, onde é criado para consumo da própria família.

O porco preto não agrada às indústrias, pois produz muita banha, e foi por isso que as raças mais finas, de suínos brancos e vermelhos, como Landrace, Large White e Duroc foram introduzidas, especialmente no Sul do país. Mas ainda há porco-banha, e em boa quantidade, no Rio Grande do Sul e outros Estados, mesmo que suas raças estejam cada vez mais indefinidas, em consequência de cruzamentos. Hoje, é difícil de se dizer se um porco preto pertence a uma determinada raça, e até mesmo o próprio criador não sabe que tipo de suíno possui no chiqueiro.

## OITO RAÇAS

Segundo o veterinário de Minas, o porco-banha foi trazido de Portugal, logo após o descobrimento do Brasil, e são oito as raças conhecidas: caruncho, piaú, piratininga, tatia, canastra, canastrão, mião e pereira. Ele não cita entre estas raças o carranca, que alguns criadores dizem existir. Barbosa lembra que os porcos pretos têm 80 por cento do seu peso constituídos de banha, enquanto as raças brancas reduzem a gordura a 45 por cento.

Com toda a campanha contra o consumo de banha, que traria problemas para o coração, é que as raças nobres, trazidas nos anos 50 dos Estados Unidos, passaram a ser propagadas. Em 1978, a guerra contra o suíno comum ganhou uma aliada, a tal peste africana, que fez com que 66 milhões de animais fossem mortos no país. Agora, no início de dezembro, o governo deu a peste como extinta no Brasil, sem que até hoje os produtores tenham sido convencidos de



Valdemiro Kroessin (acima) acha que criar porco preto não é bom negócio. Já o produtor Arnaldo Hermann (ao lado) pensa o contrário



que a doença de fato existiu. Para muitos, ele foi parte de uma trama em favor da introdução de outras raças no Sul do país.

## DESILUDIDO

Arnaldo Hermann, produtor de Trapuá, município de Miraguai, onde possui 44,8 hectares de terra, está certo de que porco-banha de sua criação é o carranca. Arnaldo é um dos tantos desiludidos com o porco branco, que ele começou a criar há cinco anos. Sua família sempre se dedicou à suinocultura, mas lidando com o porco preto. Em 1979, ele comprou cinco criadeiras da raça Wessex, e terminou descobrindo que este tipo de suíno é próprio para criador especializado, pois exige muito cuidado.

No final de novembro, ele vendeu os três últimos porcos brancos, da raça Large White, e não quer mais saber de nenhuma raça de animal fino, como esta. "Eu cheguei a vender porco preto, com seis meses e uma média de peso de 90 quilos, enquanto que os brancos, com a mesma idade, mal chegaram aos 50 quilos", conta Arnaldo. Só que, ao fazer esta comparação, ele cita um detalhe importante: tanto os porcos brancos como os comuns

eram tratados com a mesma alimentação, ou seja, lavagem ( quirela de milho e soja quebrado), pasto, abóbora. O criador admite que os suínos Wessex não tinham tratamento especial, com o uso de ração, como geralmente os técnicos recomendam. Quando ele passou a comprar concentrado, a atividade ficou cara e se tornou inviável.

O certo é que, como diz Arnaldo Hermann, o porco branco exige não só uma alimentação mas também acompanhamento permanente. "O porco comum — diz ele — pode até ficar sem trato por um dia, o que não pode acontecer com o branco". Ele conhece vizinhos que investiram em raças finas, até com a construção de pocilgas, e se deram mal. A partir de agora, o produtor irá se dedicar apenas ao porco preto, e pretende inclusive aumentar a criação, hoje com quatro criadeiras. Se o preço não compensar, ele criará para o gasto, pois em sua casa o azeite só entra na cozinha quando falta banha.

## UMA TROCA

Muitos criadores de Tenente Portela, Braga, Redentora, São Martinho e outros municípios de minifúndio, localiza-

dos em zona de terra dobrada (bastante acidentada) pensam como Arnaldo Hermann. Eles se dedicam à criação como atividade que complementa a agricultura, e poucos podem ser considerados especialistas. Mas nem todos acham que a saída é reinvestir no porco-banha, que pode ser criado mais à vontade e com menores custos. Valdemiro Kroessin, que possui 12,5 hectares em Coxilha Ouro, também no município de Miraguai, pensa exatamente o contrário de Arnaldo.

Valdemiro já criou porco vermelho (Duroc) e branco, e agora tem sete criadeiras de porco preto. Mas vai desistir do suíno comum, para voltar ao vermelho. "Pretendo ficar com apenas uma porca preta, para garantir o consumo da casa, e comprarei quatro ou cinco matrizes de Duroc", conta Valdemiro. Este ano, ele vendeu uns 4 mil quilos de porco comum, e acha que conseguiu uma renda bruta de Cr\$ 6 milhões e 500 mil. Com o porco vermelho o produtor espera ficar num "meio termo" entre o branco e o preto.

## PREÇOS

O porco branco — segundo ele — "é enjoado de criar, e o preto tem preço muito baixo". No início de dezembro, a Cotrijuí estava pagando Cr\$ 1.750 pelo quilo do comum, Cr\$ 1.950 pelo misto e Cr\$ 2.000 pelo tipo carne. Valdemiro acha que a diferença de preço é grande demais, e se convenceu de que é preferível criar Duroc, mesmo com maiores custos, por entender que a compensação vem depois no preço. A alimentação para os suínos vermelhos será a mesma dada hoje aos pretos: uma mistura de milho com torresmo e farelo de soja, sem o uso de concentrado.

"Vou trocar de raça, mas não penso em deixar de criar porco", afirma Valdemiro, lembrando que, "quando a soja não dá, o que tem quebrado o galho é o suíno". Para ele, o porco-banha seria compensador hoje, se o preço estivesse ao redor de uns Cr\$ 2.500. A única porca preta a ser preservada terá que garantir o abastecimento da casa, pois a família do produtor consome uns 10 porcos por ano. E também ali a banha tem preferência na cozinha, onde o azeite de óleo de soja só entra por acaso, na hora de aperto.

## Porca preta com leitões brancos

Enquanto existir minifúndio, certamente existirá o porco-banha, criado em pequenas propriedades, principalmente para abastecer a própria família, com a comercialização apenas dos excedentes. Mas ninguém saberia hoje dizer a quantidade de porco preto existente, por exemplo, no rebanho de suínos do Rio Grande do Sul, calculado em 2 milhões e meio de cabeças. O que se sabe é que, especialmente a partir dos anos 70, as raças mais finas foram ocupando espaços, através dos chamados projetos integrados de criação que proliferaram em Santa Catarina.

Na Região de Tenente Portela, quase na fronteira com Santa Catarina, os tais integrados também vão sendo introduzidos, mas até agora são poucos os criadores especializados na suinocultura. Em Portela, somente são conhecidos dois desses produtores, que têm a criação de porcos como atividade principal. O resto cria porco branco, vermelho e preto, todos misturados, sem maior preocupação com raças, mas sim como complementação de sua renda de agricultor.

## REALIDADE

"Em Santa Catarina, há criadores que plantam. Nós aqui temos agricultores

que criam porcos", observa o veterinário Daniel Heuser, da unidade da Cotrijuí em Tenente Portela. Esta realidade, em que o importante é ter a suinocultura como atividade complementar à agricultura, vem sendo respeitada pela Cooperativa. Tanto que a Cotrijuí não rejeita nenhum tipo de porco, como lembram Valdomir Ottonelli, agrônomo e coordenador técnico da unidade, e Eduardo Siqueira, técnico agrícola. Afinal, se não pudesse entregar o porco preto à Cooperativa, o produtor ficaria praticamente sem comprador, pois os frigoríficos não querem saber deste tipo de animal.

Em Tenente Portela, de janeiro a novembro deste ano, a unidade havia recebido 1.657 suínos, dos quais o porco-banha é maioria, com 618, contra 586 do tipo carne e 453 do misto. Isso não quer dizer que o porco comum exista em maior quantidade que os outros no município, mas que é geralmente na Cooperativa que ele vai parar, na hora da comercialização. Estes porcos, que valem menos que os demais, por terem menor aproveitamento industrial, chegam à Cotrijuí em pequenos lotes. São a "miudeza", que as indústrias rejeitam.

## CRUZAMENTO

Segundo os técnicos da unidade, hoje não há nada que defina uma tendência na região, em favor de uma maior criação de porcos finos ou pretos. Mas eles asseguram que dificilmente os produtores voltarão a investir de novo em grandes criações, como aconteceu por volta de 1978, quando havia recursos bancários para isso e a moda era ter animal de pelagem mais nobre no chiqueiro. "O criador está mais cauteloso", diz Daniel Heuser, lembrando que antigos especialistas estão criando hoje raças misturadas.

O veterinário já constatou, no entanto, que muita gente descobriu uma forma de ganhar mais com o porco, sem se submeter às exigências da indústria, para que se crie apenas o suíno tipo carne. Estes produtores fazem cruzamentos de uma porca branca com um cachão preto. Os leitões nascem com pelagem branca, e são vendidos como porco de raça, pois a classificação é feita apenas com base na



Daniel Heuser, Eduardo Siqueira e Valdomir Ottonelli

cor do animal, e não por rendimento da carcaça. Estes leitões brancos são redondos, gorduchos, como qualquer porco-banha, e têm de branco só o pêlo.

O ideal para estes produtores seria a criação de porcos em campo aberto, com o uso apenas de pasto e lavagem como alimentação. Mas o pessoal dos municípios ao redor de Tenente Portela enfrenta exatamente a falta de terra, já que a maioria possui pequenas áreas. Mesmo assim, segundo os técnicos, é preferível criar porco comum, em condições adequadas a esta realidade, do que se dedicar à criação de suínos que exigem maior cuidado e alimentação cara. "Um porco preto pode levar até dois anos para engordar. Mas na hora de pegar o dinheiro, o criador não vai precisar entregar quase tudo ao fornecedor de ração", diz Daniel.

# O leite, a carne e a soja

*Produção de leite interfere no mercado da carne e atinge também negócios com farelo*

Argemiro Luís Brum,  
de Montpellier/França

O mercado da carne e da soja tem muito que ver com o que está acontecendo a nível da produção e da comercialização do leite na Europa. Sendo assim, para responder claramente esta questão, vamos analisar o que está acontecendo com a produção de leite na Comunidade Econômica Européia e seus reflexos no mercado da carne. A partir daí vamos verificar como esta relação entre os dois mercados europeus poderá atingir o mercado da soja, da carne e mesmo do leite no Brasil.

## LEITE: A CRISE DA SUPERPRODUÇÃO

Em termos econômicos existem no mínimo dois tipos de crise, levando-se em conta a produção diretamente agropecuária: a) a falta de produção e a conseqüente diminuição na renda por falta de produto e, b) a superprodução e a conseqüente diminuição na renda pela queda nos preços do produto. Esta realidade pode ser evitada, em boa parte, se a política econômica adotada pelo país ou região, onde estes fatos ocorrerem, estiver direcionada em função de estoques de garantia e fundos de sustentação da atividade agropecuária. Isto, bem entendido, se o país ou região possuir recursos para tal.

A Comunidade Econômica Européia, composta de 10 países (França, Reino Unido, Irlanda, Alemanha Ocidental, Itália, Grécia, Luxemburgo, Holanda, Bélgica e Dinamarca), vinha desde 1970 enfrentando problemas com a sua alta produção de leite e derivados sem um correspondente consumo, o que exigia altos gastos em fundos de sustentação da atividade leiteira, isto é, dos produtores de leite.

A este respeito, em 1982 tive a oportunidade de escrever o seguinte: "Deste 1970, na Europa, o consumo de produtos leiteiros, em especial na CEE, não acompanha o aumento da produção. Nos últimos 4 anos, 10 por cento da produção total anual não encontra consumidores na Europa. Estes são os excedentes chamados estruturais e que servirão para exportação, para alimentar o gado europeu, e para venda a baixos preços no mercado internacional, inclusive sob forma de ajuda alimentar.

"Estas práticas somente são possíveis através de subsídios muito caros à CEE (...). A tal ponto que o fundo criado pela Comunidade para sustentar a produção alcançou um custo de 29 bilhões de francos em 1979 e não pára de crescer há 10 anos. O custo total para manter este sustento ao mercado do leite, motivado pelo crescente excedente, está levando o

setor de produção da CEE a uma severa reflexão sobre os modos de intensificação da produção, sua evolução, o mercado e os preços".

Na verdade dois anos atrás a situação de crise já estava configurada e só fez se agravar até 1984. Mais dia, menos dia, uma decisão teria que ser tomada. Esta decisão veio no dia 31 de março de 1984 e está provocando uma série, enorme de conseqüências que inclusive poderão, como veremos mais adiante, atingir o mercado da carne, da soja e mesmo do leite no Brasil, mais especialmente aí no Rio Grande do Sul.

Mas antes de comentarmos o que está ocorrendo, vamos colocar alguns pontos a seguir, sobre a produção de leite na CEE, que permitirão uma melhor compreensão do que houve antes desta decisão de março. Vejamos então:

1) A produção de leite na CEE, no início de 1984, passava aproximadamente 15 por cento do consumo interno.

2) Isto se deve ao fato de que a coleta de leite aumenta de 2 por cento a 3 por cento ao ano, enquanto o consumo cresce em apenas 0,5 por cento ao ano.

3) Para manter a estrutura da produção e comercialização do leite e dos demais produtos agropecuários, a CEE, junto com a criação da Política Agrícola Comum - PAC em 1958, criou o Fundo Europeu de Orientação e de Garantia Agrícola - FEOGA, que é o organismo de financiamento da PAC.

4) O papel do FEOGA é duplo: financiar a organização comum dos mercados, isto é, a sustentação dos preços e financiar o melhoramento das estruturas agrícolas.

5) Os fundos do FEOGA (de 60 por cento a 70 por cento do orçamento total das comunidades européias) provêm de impostos e taxas aduaneiras sobre as importações, das cotizações dos países membros e de uma parte (1 por cento atualmente) da Taxa ao Valor Acrescido - TVA recolhida dentro dos países membros. Na verdade a TVA é uma taxa que incide sobre qualquer etapa de industrialização de qualquer produto, sendo que seu percentual varia de acordo com a qualidade do produto.

6) Aproximadamente 94 por cento do orçamento da FEOGA é consagrada a sustentação de preços e apenas 6 por cento para melhoramentos nas estruturas agrícolas.

7) O setor leiteiro absorve 30 por cento do orçamento da FEOGA e é o mais dispendioso da CEE. Estas despesas neste setor ocorrem em dois níveis:

a) as intervenções sobre o mercado interior, constituídas pelas ajudas ao mercado aos estoques públicos e privados dos

produtos leiteiros que sobram, e as ajudas diversas para encorajar a utilização e o consumo destes produtos leiteiros;

b) as restituições para o mercado exterior, subvenções atribuídas aos produtos leiteiros vendidos ao preço mundial, inferior àquele do mercado europeu (a restituição endereçada ao exportador constitui a diferença entre os dois preços). Estas restituições permitem que os produtos leiteiros da CEE sejam competitivos (bons preços aos compradores em relação aos concorrentes da CEE) no mercado exterior.

8) Graças a este apoio, por um lado, a produção de leite não parou de aumentar até hoje provocando enormes estoques de derivados, como é o caso do leite em pó. A tal ponto que em 1982, 3/4 da produção européia deste produto voltou novamente ao gado, misturada na ração. O sistema é tão custoso que medido em custo energético anual chega ao equivalente a um meio reator nuclear para a Europa. E, além do leite em pó, existe a manteiga e outros derivados que se encontram no mesmo problema.

9) Por outro lado, no entanto, a abundância de leite aumenta enormemente os custos de manutenção do sistema como acabamos de ver. O orçamento do FEOGA, no que tange a garantia de preços aos produtos leiteiros, progrediu de 248 por cento de 1975 a 1982, porém, a parte das restituições, para facilitar as exportações dos estoques, aumentou de 642 por cento no mesmo período.

Diante de todo este quadro, uma decisão precisava ser tomada pela Comissão Européia, que decide os destinos da PAC e suas ramificações, e é composta pelos ministros da área econômica dos 10 países membros. Esta decisão foi a de diminuir a produção de leite, já em 1984, em 2 por cento para o conjunto dos países membros, em relação a produção de 1983. O sistema a ser utilizado é o de quotas leiteiras para cada país e para cada produtor.

Uma decisão nada fácil a ser posta em prática. A França por exemplo possui 400 mil empresas agrícolas, é o primeiro produtor europeu e o terceiro produtor mundial de leite. A Alemanha por sua vez, ao definir suas quotas passou a atingir 400 mil das 700 mil explorações agrícolas que possui. E assim todos os países da Comunidade, uns mais outros menos, passaram a adotar o sistema de cotas leiteiras a partir de 31 de março com o objetivo de baixar a produção global de leite da CEE em 2 por cento.

No dia 31 de agosto passado, na França, 50 mil criadores, representando algo em torno de 1,8 milhões de toneladas de leite já tinham solicitado o benefício auxílio, para poderem terminar com

suas atividades, conforme as grandes linhas de um plano social criado em 10 de maio para apoiar os produtores que decidiram deixar de produzir leite. Isto significa 1 produtor para cada 8 existentes na França. Afinal, o objetivo francês é diminuir em 800.000 toneladas, em dois anos, a produção de leite. Com isto, a produção francesa deverá ser de 25.585.000 toneladas na campanha 1984/85.

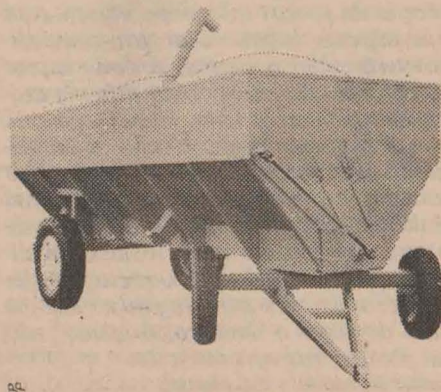
Mas as conseqüências da medida não param aí. Devido a diminuição da produção cerca de 8.000 a 10.000 empregos na indústria leiteira do país serão eliminados. E, a nível de produtores, já na metade de outubro passado se constatava que nas regiões onde as produções leiteiras aumentam (como o Grande Oeste) os candidatos a partiram para outras atividades e mesmo para fora do meio rural eram os pequenos criadores. Na região onde a produção diminui, são os médios criadores que deixam sua atividade, agravando assim a tendência de diminuição. Isto significa um novo processo de seleção dos produtores no meio rural francês, pelo menos a nível da produção leiteira. Uma frase, dita pelo senhor Quinger, antigo secretário geral da União dos Agricultores da Baviera (região da Alemanha), resume bem a situação:

"No passado, se encorajou as explorações agrícolas a crescerem suas performances. Se forneceu ajudas e subvenções, e atualmente a gente percebe que nos enganamos quanto aos objetivos a atingir. É necessário saber se queremos uma agricultura que responda as leis do mercado ou mantermos uma estrutura social e ecológica dentro do país". Verdadeiramente uma escolha política que hoje igualmente está presente na agricultura do Rio Grande do Sul com a produção de soja.

Enfim, embora os dispositivos oficiais para tamanha operação ainda estejam sendo postos em prática (alguns começaram a funcionar somente em 1º de Novembro), e a confusão reinante entre produtores, cooperativas, indústrias, sindicatos, e o próprio Conselho da CEE, o processo está em andamento e já deixa no ar uma questão decisiva pelo lado da produção de leite: Quantos criadores, com o volume de leite definido pela CEE, para ser produzido, deverão ou poderão ser mantidos nos anos futuros? Efetivamente é uma escolha econômica e política da máxima importância. Escolha que deve ser acompanhada de perto pelos produtores de soja do Brasil, como veremos adiante.

Além disso, a nível imediato e, quem sabe, a mais importante conseqüência desta decisão, diz respeito aos reflexos sobre o mercado da carne na Europa e em especial na França.

## COM A CARRETA GRANELEIRA M-80 VOCÊ SÓ CARREGA LUCROS.



A Carreta Graneleira M-80 é o mais novo lançamento da Minami para o agricultor moderno. Prática e versátil, com 8 toneladas de capacidade e bica de descarga dobrável, acaba definitivamente com os problemas de transporte de soja, milho, arroz e grãos de cereais em geral. M-80: uma solução econômica que elimina mão-de-obra e sacaria, carregando muitos lucros para você.



MINAMI - Indústria de Aparelhos para a Lavoura Ltda.

FÁBRICA E VENDAS  
Estrada Mogi-Salesópolis, km 17  
Tel. (011) 462.1077 (KS)-Biritiba Mirim-SP

ESCRITÓRIO  
Rua Major Pinheiro Franco, 8  
Tel. (011) 469-4544 (KS)-Mogi das Cruzes-SP

# A crise causada pela superoferta

A questão é simples. Com a crise do leite e a enorme quantidade de produtos de leite que estão deixando a atividade, milhares de vacas estão sendo abatidas desde julho passado principalmente, fazendo engrossar os estoques de carne da Europa, que já não estavam baixos. Com isto, a CEE vai pressionar as exportações de carne de tal forma que o preço internacional poderá vir abaixo, o que atinge diretamente a pecuária gaúcha e brasileira. Mas, vamos por partes, analisando com maiores detalhes o que está acontecendo na Europa:



Brasil exportou em 1983 e espera ter exportado em 1984.

1) Já em 21 de agosto passado, devido a forte produção de carne nos países criadores da CEE, o Conselho Econômico da Comunidade (o mesmo que decidiu as medidas para o leite) decidiu começar a intervir no mercado, comprando carne para estocar, a fim de sustentar os preços a nível de criador.

2) A estimativa naquela época era de que, até 23 de novembro, data limite da conclusão dos contratos (isto é, em 3 meses), cerca de 100.000 toneladas de carne bovina poderiam ser estocadas, na França. Isto significa dizer que este mecanismo de intervenção no mercado passou a comprar aproximadamente 8.000 toneladas por semana (mais de 50 por cento da produção).

3) A nível da CEE as compras atingem a 20.000 toneladas por semana, na luta para manter os preços ao criador, já que o mercado não consegue absorver a produção por si só.

4) No entanto, entre julho e agosto iniciou-se um processo que veio agravar o problema da oferta de carne bovina. A crise do leite, que como vimos está forçando milhares de produtores a deixarem aquela atividade, deve levar ao abate cerca de 2 milhões de vacas leiteiras na CEE nos próximos anos. Isto deverá conduzir a um aumento na oferta de carne bovina da ordem de 450.000 toneladas aproximadamente (quase a mesma quantidade que o

Brasil exportou em 1983 e espera ter exportado em 1984).

5) Esta nova situação, que podemos classificar como uma crise de superoferta, está provocando múltiplos distúrbios e previsões. Entre eles podemos citar os que consideramos como principais:

— A renda dos criadores, mesmo com toda a interferência oficial, poderá baixar em 25 por cento neste 1984 em relação ao ano anterior;

— Entre 21 de agosto e 19 de outubro os estoques de intervenção já estavam em 71.260 toneladas na França, devendo chegar até o final do ano entre 140.000 e 160.000 toneladas;

— Por sua vez, no conjunto da CEE, no final de setembro os estoques já estavam em 500.000 toneladas, isto é, 100.000 toneladas acima do final de 1983;

— O mecanismo de intervenção oficial do governo francês, por exemplo, paga entre 22 e 24 francos (tomando por base o dólar, temos no momento em que escrevo este artigo (14.11.84), 1 dólar = 8,98 francos) o quilo da carne bovina aos criadores. Este quilo é revendido a 14 francos à indústria de transformação, que a congela e exporta fora do mercado comum, graças a uma segunda subvenção comunitária — a restituição — de 6 a 7 francos o quilo. Em 1983 este sistema custou 1,5 bilhão de ECU (moeda comum para negócios entre os 10 países membros

da CEE); (1 ECU = 6,85 francos).

— Este sistema de intervenção, realmente vem conseguindo, no momento, segurar os preços e até elevá-los. Na semana entre 1º e 7 de agosto o preço médio no mercado francês era de 1.084 francos/100 kg (76 por cento do preço de orientação). Já na semana entre 17 e 23 de outubro, o mesmo preço médio atingiu 1.127,40 francos/100 kg (80,06 por cento do preço de orientação);

— Entretanto, se o consumo interno ou as exportações não aumentarem, em pouco tempo haverá um colapso do sistema. Afinal, o aumento do volume de carne a subsidiar neste 1984, devido em grande medida ao problema do leite, coloca em risco a capacidade de financiamento e subvenção do sistema como um todo. Temos a repetição do que está ocorrendo com o leite.

— A nível dos mecanismos internos, a Comissão Europeia já autorizou os países produtores de carne bovina a estocarem-na em países vizinhos a fim de abrir espaços nos frigoríficos locais. A França deverá usar deste expediente com 45.000 toneladas (25.000 toneladas entre Bélgica, Alemanha, Itália e Grécia e, 20.000 toneladas entre Suíça, Áustria e Espanha);

— Por outro lado, a nível de consumo interno, o governo francês está investindo 10 milhões de francos em uma cam-

panha nacional de publicidade, a fim de aumentar o consumo ou pelo menos mantê-lo. A nível da CEE, a título de comparação, enquanto a produção, que havia crescido em 3 por cento em 1983, aumentou de 4 por cento a 5 por cento neste ano, o consumo poderá aumentar em 3 por cento neste ano depois de crescer entre 1,5 por cento e 2 por cento nos últimos anos.

## PREVISÕES

Segundo um estudo que foi publicado a respeito do consumo de carnes na Europa, feito por Frost & Sullivan, o mercado de carnes em geral deverá se desenvolver em 7 por cento daqui até 1988 e passar as 25 milhões de toneladas, com os frangos tendo os melhores resultados. A origem do aumento no consumo está sendo visto pelo estudo como causada por um crescimento na economia e a estabilização nos preços devido a abundância na oferta. O consumo por habitante deverá passar de 84 quilos/ano/por habitante em 1983 para 88 quilos/ano/por habitante (no Brasil, somente em carne bovina, o consumo por pessoa fica em apenas 13 quilos/ano).

No entanto, para a carne de gado as notícias não são das melhores para os europeus. Seu consumo no período deverá crescer em apenas 4 por cento e a crise de superoferta deste mercado está sendo prevista para até 1986. Atualmente seu consumo está estagnado e ele representa 60 por cento de todo o consumo de carne na França. Não há nenhuma perspectiva de melhora até 1986.

Diante deste quadro, no momento, três questões ficam no ar:

1) Terá, a CEE, capacidade de aumentar as exportações, enfrentando a concorrência da Argentina, Austrália e Brasil, por exemplo?

2) Terá, a CEE, capacidade de realmente aumentar o consumo interno?

3) Terá, a CEE (e o ministério francês em particular), fundos secretos para evitar uma baixa catastrófica das rendas dos criadores?

## Reflexos na agropecuária brasileira

Podemos, a partir do que está acontecendo na CEE, apontar no mínimo três reflexos sobre a agropecuária brasileira em geral e gaúcha em particular:

a) O mercado do leite, que por sua natureza de estrutura é um mercado interno no Brasil, poderá sofrer uma pressão mais forte da oferta de leite em pó da CEE. Seguidamente o mercado brasileiro, e do Terceiro Mundo em geral, sofre a concorrência da importação de leite em pó e outros produtos derivados do leite, provindos em especial da CEE. Nem que para isto seja necessário utilizar os mais variados artifícios, desde a venda de produtos a preços muito mais baixos do que os de mercado interno até a utilização de campanhas, através das grandes companhias multinacionais do setor, tipo a famosa "contaminação do leite" ocorrida no Brasil em fevereiro de 1983 e até hoje não explicada. Isto acontecendo, será difícil ocorrerem aumentos no preço do produto de acordo com as necessidades dos produtores. Mesmo porque, tanto para o leite como para qualquer outro produto, não havendo consumo interno, pela falta de poder aquisitivo da população, mais difícil ainda ficam as coisas.

b) Mas os efeitos mais diretos e decisivos poderão ser sobre o mercado da carne e do farelo de soja. Em termos da carne, fica evidente que será difícil para o Brasil conseguir exportar seu produto para 1985. E, além da dificuldade para

exportar em volume, o preço dificilmente será compensador a nível do mercado externo.

A CEE espera exportar 9 por cento de sua produção, correspondendo a cerca de 800 mil toneladas para 1985, o que a colocaria em primeiro lugar no mercado exportador. Isto significa um aumento de quase 33 por cento sobre as vendas de 1983/84.

Por outro lado, deverá importar cerca de 50 mil toneladas da América Latina para manter o mercado de trocas em aberto, cumprir os acordos do GATT (Acordo Geral de Comércio e Tarifas) e para garantir futuros abastecimentos em épocas de necessidade. No entanto, este volume deverá ser adquirido principalmente da Argentina.

Sem dúvida pode ser uma água fria na fervura dos bons preços que a pecuária gaúcha conseguiu nos últimos meses principalmente. Água fria que promete ser difícil de aguentar até fins de 1986, pois se de um lado o consumo interno no Brasil vem baixando a cada ano, do outro lado os tradicionais mercados de exportação como o Egito, a URSS, o Irã, Israel e outros, deverão sofrer uma oferta mais acentuada de carne da CEE a preços possivelmente mais compensadores. Já em 1983, a Argentina (outro concorrente no mercado da carne bovina) perdeu 20 por cento de suas exportações em função da concorrência.

Mas, e após 1986?

A baixa dos efetivos leiteiros trará

possivelmente conseqüências danosas ao mercado da carne bovina da CEE a longo prazo. Basicamente porque, segundo o que já está se prevendo aqui na Europa, o abate de tal quantidade de vacas significa menos bezerras para engorda para os próximos anos. Isto quer dizer, segundo um estudo divulgado pelo Grupo de Economia Bovina, que após a superoferta nas campanhas 1984/85 e 1985/86 a situação poderá se inverter e a CEE corre o risco, inclusive, de ficar deficitária em 1989/90. Resta saber se o Brasil terá condições de enfrentar este mercado, da forma como ele tende a se desenvolver, e se estará preparado para ocupar os espaços que poderão surgir no final da década. Nunca esquecendo que é preciso acompanhar as tendências dos outros produtores, como a Argentina, a Austrália, o Uruguai e outros países.

c) Por fim, em termos do farelo de soja igualmente este quadro aqui analisado não é favorável. O ano de 1984 foi caracterizado pela falta de compras por parte dos europeus, em função do dólar e da boa oferta mundial. Ora, além do dólar não oferecer uma tendência de baixa animadora para 1985, com relação as moedas européias, pelo menos até o momento, temos o fato de que 2 milhões de vacas estarão a menor no rebanho bovino da CEE para 1985. A CEE é o maior mercado comprador do farelo de soja brasileiro e um dos maiores do mundo para todo o complexo soja. Isto significa dizer que já temos, desde agora, mais um fator

negativo nos preços da soja presente no mercado. Resta saber o comportamento da oferta para termos o quadro completo.

E, como se isto não bastasse, segundo notícia divulgada no final de outubro aqui na França, a Comissão Europeia deverá propor nas próximas semanas aos 10 países membros, a instituição de uma taxa de 7,2 por cento sobre as importações do farelo de soja do Brasil.

Os senhores lembram das acusações dos Estados Unidos da América a respeito dos subsídios que o Brasil estaria dando as suas exportações de soja? Pois o resultado é esta taxação. O motivo alegado pela CEE, atendendo as pressões dos EUA, é o preço abaixo do mercado internacional, do farelo de soja, oferecido pelo Brasil em 1983. A chamada política de "dumping" que o Brasil teria aplicado.

Enfim, como estamos vendo, qualquer mercado é dinâmico e sofre influência de diversos fatores. Tanto isto é verdade que acabamos de verificar como os mercados da carne e da soja têm relação com o mercado do leite. Como os problemas que ocorrem na Europa poderão atingir diretamente os produtores do interior gaúcho. Esta é a economia de mercado e, na medida em que a ela estamos integrados, ou a entendemos e aprendemos a manejá-la a nosso favor ou por ela somos absorvidos e muitas vezes eliminados do próprio processo produtivo.

# O cooperativismo de crédito continua crescendo no Estado

O cooperativismo de crédito ganhou novo impulso no Rio Grande do Sul, no início desta década, e já conta hoje com 57 entidades funcionando no Estado. O setor é considerado fundamental para que a agropecuária não dependa unicamente do caro e escasso crédito oferecido pelos bancos. O texto abaixo foi elaborado por Milton Schmidt, gerente da Cooperativa de Crédito Rural Pestanense, de Augusto Pestana, que faz um balanço do que existe hoje no Estado nessa área:

Indiscutivelmente a mobilização da classe rural para a criação de Cooperativas de Crédito Rural é uma coisa altamente positiva, em todo mundo. Quando os produtores entraram em crise, eles só acharam uma solução, que foi a criação das Cooperativas de Crédito. Hoje, na Europa toda, os produtores independem de recursos de terceiros, porque o Cooperativismo de crédito rural dá todo o suporte de que eles precisam. Assim é no Japão, nos Estados Unidos e em todos os países desenvolvidos.

A finalidade do Cooperativismo de crédito é a dos produtores rurais passarem a administrar também as próprias finanças. Hoje o produtor produz e entrega, e quando comerciali-

za sua produção todo dinheiro vai para o sistema bancário. Quando eles precisam de recursos vão buscar o seu próprio dinheiro nos bancos, pagando juros altíssimos. O SICREDI - Sistema Nacional de Crédito Rural Cooperativo, pretende criar um sistema bancário cooperativo que os próprios agricultores possam administrar.

Para se ter uma idéia das vantagens que as cooperativas de crédito já estão dando aos produtores (existem hoje no Estado 58 cooperativas das quais 57 já estão funcionando), no ano passado 50 por cento delas devolveram aos associados que trabalharam com as referidas cooperativas 45 por cento das taxas de juros pagas durante o ano. Algumas cooperativas deram um retorno de até 80 por cento. Isto significa que os associados pagaram os juros e receberam no fim do ano 80 por cento de volta como lucros distribuídos.

O movimento em torno de cooperativas de crédito rural reiniciou em 1981/82 no Rio Grande do Sul, que é pioneiro deste movimento, germinou e alastrou-se sistematicamente organizado nos Estados do Paraná, São Paulo e Santa Catarina. Inicia-se ago-

ra em Minas Gerais, Goiás e em muitos outros Estados que ensaiam e desenvolvem medidas visando fortalecer este importante segmento cooperativista.

Esta é a posição do SICREDI no Rio Grande do Sul: Número de associados - 53.400; patrimônio líquido - Cr\$. . . . . 3.260.451.408; e depósitos à vista - Cr\$ 5.930.800.000. As sobras líquidas do primeiro semestre foram de 1 bilhão e 800 milhões.

A Cooperativa de Crédito Rural Pestanense Ltda, conta atualmente com 945 associados, dos quais somente 170 movimentam suas contas normalmente, conseguindo com isto atingir um saldo médio de depósitos no último mês de setembro de Cr\$. 26.800.000, colocando-se em 42º lugar entre as 57 cooperativas do estado, enquanto que em número de associados está em 24º lugar. O patrimônio líquido é de 10.000.000, ficando em 47º lugar entre as demais.

Isto significa o início de uma campanha com o objetivo de trazer o associado de volta à sua cooperativa e para que ele possa também plantar sua semente e colhê-la no futuro, como muitas outras já estão fazendo.

## MERCADO DA SOJA

# A influência dos fatores comerciais

Fazer uma estimativa sobre o complexo soja é hoje uma missão bastante difícil, como mostra a análise feita pelo coordenador da área de Comercialização da Cotrijuí na Região Pioneira, o Ênio Weber, no dia 18 de dezembro.

Mesmo assim, o Ênio acredita que o mercado deverá permanecer nos níveis atuais ainda por algum tempo. Motivos que poderiam dar uma maior firmeza praticamente não existem neste final de ano. O enfraquecimento do dólar em relação as moedas européias, seria na atualidade, uma razão muito séria para que houvesse um bom incremento na demanda.

A níveis comerciais, tivemos durante a semana que passou um bom negócio entre os Estados Unidos e México, envolvendo 162 mil toneladas de soja, 61 mil toneladas de farelo de soja e 30 mil toneladas de óleo de soja. Este acontecimento serviu até de movimentação na Bolsa de Chicago, que logo em seguida foi derrubado pelo fortalecimento do dólar.

Como se pode observar, o mercado está sendo movimentado nos últimos dias por fatores financeiros e não comerciais, como seria o normal.

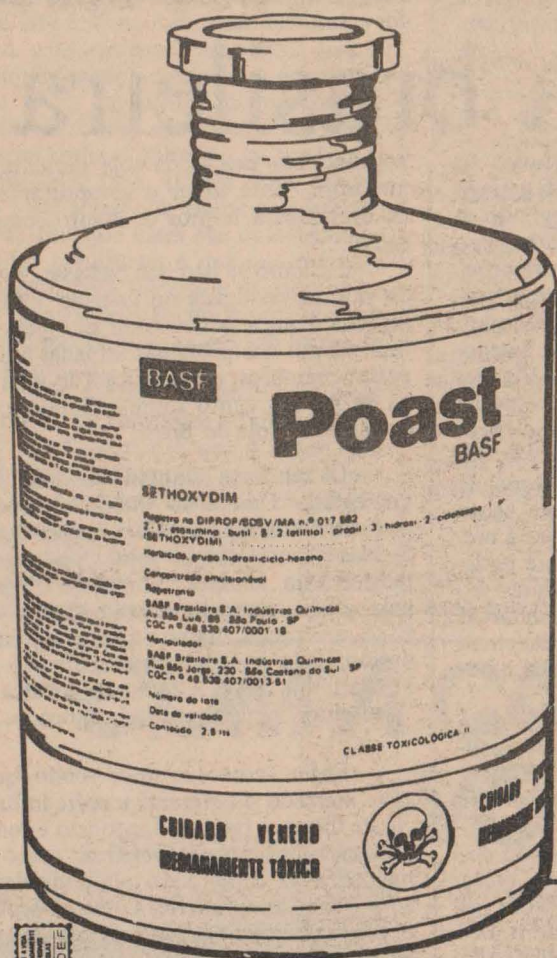
## INFORMATIVO COTRIJUI

Velho conhecido. Todo domingo, às 11 horas, você acompanha. É informação, notícia comentada, a voz dos produtores. Planta, colhe, armazena e comercializa. Por isso defende o interesse dos produtores.

Ouçã e divulge o INFORMATIVO COTRIJUI. E, de repente, dê sua opinião também.

INFORMATIVO COTRIJUI é mais que um programa de rádio. É a soma dos esforços, é a união de todos.

Domingo, às 11 horas, pelas rádios Progresso, de Ijuí, e Municipal, de Tenente Portela.



# QUAL?

Esta é uma pergunta para os sojicultores que conhecem e aplicam herbicidas pós-emergentes.



Este produtor, que planta convencionalmente e acha que o fator econômico não deve ser esquecido jamais, respondeu:

— Eu uso Poast; Poast é mais econômico porque só é aplicado onde e quando as ervas daninhas nasceram. Ele seca as gramíneas, formando uma cobertura morta, que protege o solo e evita reinfestação, fazendo do mato inimigo um aliado para a cultura. Poast aumenta o rendimento por hectare e eu aumento minha lucratividade.

**Pós-Emergência  
Tecnologia BASF**

uma boa  
resposta

**Poast**  
para o controle de gramíneas  
**Basagran**  
para o controle de folhas largas

**BASF**

# Rebanho é menor, mas a lã melhorou

*Estudo mostra que a qualidade da lã em Dom Pedrito fica bem acima da média no Estado*

O rebanho de ovelhas de Dom Pedrito foi reduzido em 35 por cento nos últimos sete anos, conforme trabalho realizado por três técnicos que lidam com esta área no município. O veterinário João Bosco Greca Mesquita, o agrônomo Paulo Arinos Tarouco Pedroso e o técnico agrícola Luiz Gustavo Rufino fizeram uma avaliação do rebanho, constatando que ainda há muito a ser feito para que a ovinocultura do município atinja um nível zootécnico satisfatório. Mas eles observam, ao mesmo tempo, que Dom Pedrito continua liderando no Estado em termos de qualidade da lã, como é possível notar no levantamento que realizaram e que publicamos abaixo:

No ano de 1976, o número de criadores de ovinos em Dom Pedrito era de 1.284, com um total de 573.262 ovinos. Em 1983, o número de criadores era de 1.188, com um total de 373.966 ovinos. Observando os dados acima, notamos que ocorreu uma diminuição de 35 por cento do rebanho, e 0,8 por cento no total de criadores, neste período de 7 anos no município.

O número de carneiros que era de 8.900 em 1976, diminuiu para 6.750 em 1983, ou seja, uma diminuição de 24 por cento; o número de ovelhas que era 254.527 diminuiu para 194.237, ou seja, 24 por cento de diminuição; o número de cordeiros de 129.468 passou para 75.730, diminuindo 41 por cento; o número de borregos (as) de 64.985 passou para 40.584, diminuindo 37 por cento; o número de capões de 112.382 passou para 56.665, com menos 51 por cento.

Chamamos a atenção para o percentual de diminuição do número de capões e cordeiros, que foi superior ao percentual de diminuição do rebanho. Também observamos que a diminuição do número de ovelhas e carneiros foi proporcional e menor que o percentual de diminuição do rebanho.

Acreditamos que a diminuição do rebanho em Dom Pedrito deveu-se principalmente a fatores econômicos, mas as variações de percentuais nas classificações devem-se à falta de orientação técnica, fator este que julgamos de grande importância, pois no mínimo amenizaria a situação, como veremos mais abaixo.

O índice de produção de cordeiros, que era de 44 por cento passou para 38 por cento, ou seja, baixou em 14 por cento. Esclarecemos que em cada 100 ovelhas, 38 conseguem criar seus cordeiros. De acordo com a tese



A maior redução foi no número de capões e cordeiros

dos Drs. Vidal Ferreira e Jorge Bofil (Secretaria da Agricultura), o rebanho que não conseguiu mais que 65 por cento de sobrevivência de seus cordeiros, começa a envelhecer. Assim, chegamos à conclusão de que só para termos a sobrevivência futura de nossos rebanhos, precisamos aumentar em 27 por cento a produção de cordeiros.

Podemos citar, a título de orientação, que ao nosso ver,

além da causa econômica, como responsável por estes índices, temos: a falta de seleção de carneiros; a infertilidade de grande parte dos mesmos; nascimento de cordeiros em época de chuvarada; falta de um programa de profilaxia a nível de fazenda, como por exemplo vacinação contra a gangrena; manejo inadequado dos rebanhos; controle de verminose; e aumento da área de plantio e aumento dos abates.

## QUALIDADE DA LÃ

Com referência à classificação de lãs, podemos salientar que após 1979, com o incremento da assistência técnica, houve uma evolução positiva na qualidade da nossa lã. Para compararmos, citamos que em 1979, na Cooperativa local, eram recebidos 30 por cento de lã corrente, ou seja 300 toneladas, e a FECOLA tinha uma média de 20 a 25 por cento.

Hoje, com a assistência técnica, a cooperativa local recebe menos de 4 por cento de lã corrente e, a FECOLA permanece com 20 a 25 por cento. Na lã supra, que eram recebidos em torno de 2.000 kg, ou seja, 0,2 por cento, hoje recebe-se mais de 11 por cento, ou seja, 95.150 kg, na cooperativa. Na FECOLA mantém-se o mesmo índice dos anos anteriores, em torno de 5 por cento. A evolução dos outros tipos de lã tiveram a mesma melhoria.

Quanto ao desempenho das raças por peso de velo, citamos as médias por raça na cooperativa de nosso município; Merino - 2,63 kg; Merino Australiano - 3,27 kg; Ideal - 3,16 kg; Corriedale - 3,03 kg; Romney Marsh - 2,78 kg; e Merilin - 2,66 kg.

Como os campos de Dom Pedrito são excepcionais em termos de fertilidade do solo, estando entre os melhores do mundo, sabemos que essas médias podem ser bem mais altas, embora nosso município tenha a maior média de velo por ovino no Rio Grande do Sul.

Nos criadores de corriedale, que representam cerca de 90 por cento do nosso rebanho, 38,8 por cento estão acima da média da raça. Na raça Ideal temos 27,8 por cento acima da média da raça. Na Merino Australiano, 66,6 por cento acima da média da raça. No Romney Marsh, 43,2 por cento acima da média da raça. As outras raças são menos representativas em número.

Finalizando, face ao acima exposto, concluímos que muito podemos e devemos realizar na melhoria zootécnica e sanitária, para um aumento da produtividade, visando principalmente os mercados de lã, carne e peles. Ficou demonstrado claramente que, com a assistência técnica, melhorou a qualidade da lã, sem novos investimentos e com aumento da produção. E esclarecemos que, para orientação técnica, temos em Dom Pedrito, a Inspetoria Zootécnica, Cotrijuí, Arco e Emater.

## Para acertar no mato da soja use Fusilade na hora certa e na dose certa.



Com FUSILADE você dispõe agora do mais avançado e eficiente método de controle de gramíneas em culturas de folha larga.

FUSILADE é o mais eficiente e completo herbicida seletivo de pós-emergência para o controle de gramíneas, tanto anuais como perenes.

O controle pós-emergente, obtido com FUSILADE, dá a você a flexibilidade de saber, onde e qual o tipo de ervas que você tem na sua lavoura, antes de investir tempo e dinheiro no combate às infestantes.

Com FUSILADE você faz investimento seguro, porque só aplica em soja que vingou.

**COTRIEXPORT**

**CORRETORA DE SEGUROS LTDA.**

Representa tranquilidade contra as incertezas do dia-a-dia

Em Ijuí: Rua das Chácaras 1513 fone: 332-3765 ou 332-2400



Arroio Bonito



Ijuizinho



Esquina Gaúcha

## Encerramento de cursos

Vários cursos, de tricô, bordado, pintura em tecido foram encerrados durante o mês de novembro, marcando mais uma etapa do trabalho realizado pelo Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí.

Em Augusto Pestana, nos núcleos de Rosário, Esquina Gaúcha, Arroio Bonito, Ijuizinho e Formigueiro, aconteceu o encerramento de cursos de tricô, bordado e pintura em tecido. Os cursos foram coordenados pelas comunicadoras Leonair de Barros e Clarice Felipin Dalepiane. No núcleo de Ijuizinho, as comunicadoras contaram com a assessoria de Marcia Schefel.

No núcleo de Formigueiro, aconteceu um curso de tricô, que contou com a participação de 24 esposas e filhas de associados. Participaram do curso: Beatriz Zardin, Carmelina da Silva, Eli Ghisleni, Fátima Froner, Irma Nogara, Loreni Ghisleni, Luci Pascoal, Lisete Wagner, Marisa Paschoal, Marli Zardin, Maria do Carmo, Noemi Nogara, Neli dos Santos, Neusa Paschoal, Neli Neuberger, Neiva Barbosa, Nilce Neuberger, Nilsa Carvalho, Sibila Neuberger, Sirlei Nogara, Santana dos Reis, Tânia Pedroti, Odete Barbosa, Leda Vieira.

As concluintes do curso de tricô em Rosário foram: Elizabete Mainardi, Marisa Lazzari, Theza Istidel, Leonia Padilha, Lurdes Maroski, Iris Arnold, Marlena Becker, Loni Fritz, Rosa Pascoal, Sandra Scarton, Geni Lazzari, Eunice Anesi, Clarice Anesi, Lurdes Tissot, Míriam Oliveira, Elíria Anesi, Isabel Anesi, Silma Klein, Renate Ladwig, Neusa Scarton.

Em Esquina Gaúcha, o

curso de tricô contou com a participação de 26 alunas. Participaram do curso Clélia Schneider, Cledi Roepke, Clarice Hoerle, Clasina Wunder, Eda Rieger, Erica Helbich, Edite Herter, Edi Wunder, Isolda Wolf, Ivete Woltz, Ilse Drews, Ilse Helbich, Ilse Schunemann, Janete Wust, Liziane Goerke, Luciana Chesani, Marli Chesani, Márcia Helbich, Marivone Felten, Maria Wunder, Roseli Drews, Rosane Voigt, Selmira Felten, Sandra Felten, Soeli Fier e Marli Schmidt.

Em Ijuizinho, o curso de bordado a mão contou com a participação de Lony Losch, Marli Schunemann, Iria Sheinen, Maristane Steinagel, Sandra Rentz, Gerta Schunemann, Elaine Terezinha Alf, Rejane Hoerlle, Maria Sirlei Heberhart, Winilda Wüst, Leoni Pottim, Ilenir Pottim, Valéria Kunzler, Lurdes Joeb, Liani Furch, Terezinha Müller, Neusa Müller, Geni Wunder, Marlise Steinagel, Rose-li Almeida.

No núcleo de Arroio Bonito, o curso de pintura em tecido teve a presença de Maria Ciotti, Marinês Barrasuol, Avani Menegol, Clementina Menegol, Clarice Bender, Bernardete Bohcher, Maria Alf, Loreci Kunzler, Neiva Bilck, Loiva Krombauer, Helga Sartori, Tassiana Manjabosco, Clair Frantz, Zenaide Matte, Odete Bernardi, Nádia Weber.

Em Ijuí, no núcleo da Li-



Rosário

nha 4 Leste, também foi encerrado mais um curso de pintura em tecido, que teve uma duração de 11 horas aulas. O curso foi ministrado pela comunicadora Rosani Maria Ottonelli, da



Formigueiro

Unidade de Ijuí. O encerramento do curso aconteceu com uma pequena mostra dos trabalhos e uma festa de confraternização, onde não faltaram bolinhos,ucas e muitos docinhos. Participa-

ram do curso: Dalva Aurora Meincke, Erna Elsa Webber, Erica Ilse Webber, Clarice Kappke, Marli Maass, Nelcy Borré, Sélia Friedrich, Elisa Copetti e Edelci Borré.



Linha 4 Leste, em Ijuí

# TROCA-SE ERVAS DANINHAS POR SOJA.

FAZEMOS QUALQUER NEGÓCIO:  
NO PLANTIO CONVENCIONAL  
PRÉ-PLANTIO INCORPORADO  
E PRÉ-EMERGÊNCIA  
NO PLANTIO DIRETO  
MANEJO E APLICAÇÃO PRINCIPAL

TRATAR COM  
**LEXONE**<sup>®</sup>  
NA SUA COOPERATIVA  
OU REVENDEDOR MAIS PRÓXIMO.

**DU PONT**  
MARCA REGISTRADA

SIGA CORRETAMENTE AS INSTRUÇÕES DO ROTULO.

# LAVOURA DO MÊS

Em mudas plantadas neste inverno é conveniente a aplicação de Nitrogênio para estimular o crescimento durante o verão. A alta temperatura noturna ocorrida em fins de outubro diminuiu a produtividade da batata.

O mês de dezembro é um dos mais fartos em disponibilidade de hortaliças, pois estão em produção as culturas de primavera. A maior disponibilidade de produção e as altas temperaturas normalmente faz com que a partir desta época a horta doméstica não seja adequadamente cuidada.

O fato é que a maioria das hortaliças produz bem durante o verão, desde que se mantenha a umidade do solo e em algumas espécies se providencie na proteção ao sol. Em períodos de alta temperatura e umidade podem ocorrer problemas na germinação e emergência das sementes, com tombamento das plantinhas pelo ataque de fungos do solo. O controle dos fungos do solo pode ser feito preventivamente, com a aplicação de água quente um dia antes da semeadura, que se terá melhores sementeiras.

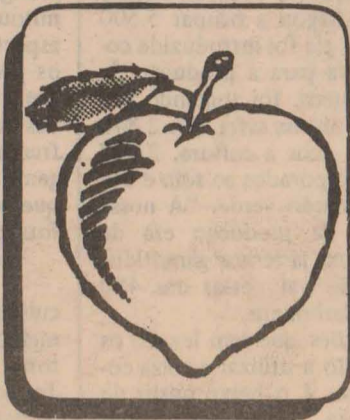


## CEBOLA

A produtividade das lavouras bem conduzidas está sendo satisfatória. Um fato que se observou nesta safra é que o Trips — pequeno inseto que ataca as folhas da cebola — é uma praga importante e que reduz significativamente a produção e deve receber uma atenção maior por parte do produtor.

A partir do início de outubro, a maior parte das lavouras apresentou folhas empalidecidas, perdendo a cor verde, vigorosa. Este é um sintoma típico de que o Trips está prejudicando as plantas.

Aos associados que colheram cebola para consumo próprio, lembra-se que para a melhor conservação do produto, este deve ser estaleirado em local ventilado, que se conservará por muito tempo.



## FRUTÍFERAS

As figueiras estão com bom desenvolvimento e sem sintomas de doenças. Aos produtores que podaram as plantas e não aplicaram, lembra-se que ainda é tempo de realizar esta operação.

A uréia estimula o crescimento das plantas e como a figueira produz no ramo novo, haverá também maior produção.

As pereiras estão, em muitos locais, apresentando sintomas de uma doença que provoca manchas nas folhas, nos frutos, e queda da produção. O tratamento para esta doença é simples e barato, sendo que o Departamento Técnico poderá esclarecer as dúvidas.

As plantas cítricas — laranjeiras, bergamoteiras e limoeiros — que tenham sido plantados neste inverno ou no ano passado, são muito beneficiadas com a aplicação de Nitrogênio ou Sulfato de Amônia. Com esta prática se aumenta o crescimento durante o verão, principalmente se for

chuvoso.

As goiabeiras neste ano estão com bom desenvolvimento e com boa carga de frutas. As plantas de goiaba nesta fase são atacadas pela ferrugem que atinge folhas e frutas, prejudicando seriamente a produção. O controle da ferrugem é feito com fungicidas e o tratamento normalmente é eficiente, sendo que maiores informações podem ser obtidas junto ao Departamento Agrotécnico.

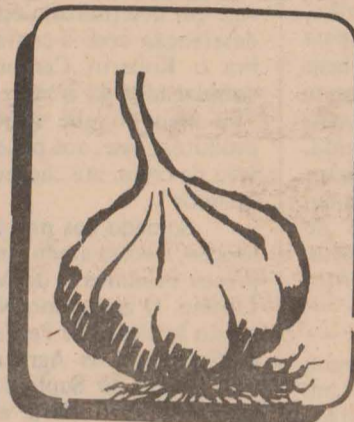


## LENTILHA

A colheita da lentilha está encerrada em toda a região de atuação da cooperativa. As lavouras, em grande parte, apresentaram boa produtividade e qualidade razoável. Acredita-se que o cultivo de lentilha nos próximos anos deverá ter a área aumentada nesta região em função do resultado deste ano.

Aos produtores que tiverem sementes em casa para próximos plantios, lembra-se os cuidados para

evitar a ocorrência de pragas, sendo o melhor método manter as sementes no pó, que a manutenção da qualidade é assegurada.



## ALHO

O período de colheita está encerrado e o alho Portela está praticamente na fase final da cura.

A qualidade do produto é razoável, sendo que nas lavouras em que não houve um eficiente controle do Trips resultou em produção de bulbos de tamanho pequeno. Recomenda-se aos associados que retenham em casa o produto de tamanho menor ou os bulbos abertos para usarem como semente para a próxima safra. Esta prática diminuirá significativamente o custo da lavoura, dando condições de se obter melhor resultado no próximo cultivo.

O importante no alho a ser retido em casa para semente é que não esteja doente, para garantir uma lavoura melhor.



## BATATA

A batata de primeira safra está praticamente toda colhida, apresentando resultado variável. Algumas áreas apresentaram produtividade muito boa e outras não atingiram o esperado inicialmente.

A análise mais técnica deste fato aponta para um fator climático que teve importância decisiva na determinação da produção final. Este fator climático foi a temperatura noturna no final do mês de outubro. Sabe-se que as noites quentes no período em que estão se formando as batatas, prejudicam seriamente a planta.

O interessante deste problema é que na parte aérea não se nota problema algum, estando a planta aparentemente muito bem, só que, observada a parte das raízes, praticamente não há produção. Assim, algumas lavouras, mesmo implantadas com sementes boas não tiveram produção satisfatória em consequência deste fato.

## QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m <sup>2</sup> Coração de Boi e Matzukase				12 m <sup>2</sup> Matzukase Chumbinho				12 m <sup>2</sup> Matzukase Chumbinho	
Couve			12 m <sup>2</sup> Manteiga				12 m <sup>2</sup> Manteiga					
Rabanete	4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m <sup>2</sup> Cultivada			6 m <sup>2</sup> Cultivada			6 m <sup>2</sup> Cultivada			6 m <sup>2</sup> Cultivada		
Cenoura			18 m <sup>2</sup> Nantes						18 m <sup>2</sup> Kuroda			
Alface	12 m <sup>2</sup> Kagriner e Maravilha verão		12 m <sup>2</sup> Boston Branca e Rainha Mai		12 m <sup>2</sup> Boston Branca e Rainha Mai		12 m <sup>2</sup> Boston Branca e Rainha Mai		12 m <sup>2</sup> Kagriner e Maravilha verão		12 m <sup>2</sup> Kagriner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m <sup>2</sup> Tall Top						18 m <sup>2</sup> Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 plantas Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do plantio do acima): Rabanete, Alface, Couve, Rúcula, Cenoura, Beterraba, Tomate, Pepino e Cebola.

# Chance de recuperação

Os problemas de comercialização e a falta de apoio oficial foram os responsáveis pela redução do cultivo no Estado

Introduzida no Estado por volta de 1974, a colza vem amargando de uns dois anos para cá, um suposto fracasso, já até mesmo diagnosticado pelos próprios produtores. Mas nem todo esse descrédito conseguiu tirar da colza a expectativa de que ainda possa se tornar uma cultura de expressão no Estado e que ao lado da aveia, do centeio, da cevada, e do linho, se transforme numa alternativa viável para a lavoura de inverno, ocupando áreas bem mais expressivas. Os próprios resultados de lavouras experimentais tem demonstrado todo o potencial que a cultura apresenta, podendo, inclusive chegar a 2.700 quilos por hectare — informações coletadas em experimentos realizados no Centro de Treinamento da Cotrijuí. Esse resultado pode muito bem colocar a colza dentro do sistema de produção do Estado.

Se por volta de 1981 a colza chegou a ocupar em torno de 20 mil hectares em todo o Estado, em 1984, ela foi plantada em pouco mais de 3.000 hectares. As razões deste provável fracasso não são nada difíceis de entender. Se por ocasião da introdução da cultura — quando se esperava que em pouco tempo ela se tornasse a terceira lavoura do Estado —, ela recebeu todo o apoio e incentivo necessário, o mesmo não ocorreu quando da sua comercialização, que em 1981, por exemplo, só foi salva porque toda a produção gaúcha foi adquirida por um comprador

japonês. Nem mesmo todo o impasse criado na hora da comercialização da produção, serviu para que fosse montada toda uma estrutura capaz de garantir as vendas das produções seguintes, e isso, considerando que a colza foi introduzida como uma alternativa para terminar com a ociosidade das indústrias, pela falta de grãos de soja em determinada época do ano. “Essa desatenção com a comercialização”, lembra o Roberto Carbonera, agrônomo e coordenador da área de Pesquisa do CTC, “foi mais do que suficiente para que o produtor fosse, aos poucos, reduzindo sua área de colza, até chegar ao ponto em que estamos”.

Somado aos problemas de comercialização, a colza ainda conta com a falta de preços mínimos e de Valores Básicos de Custeio. O agrônomo Nídio Antônio Barni, do Instituto de Pesquisas Agronômicas da Secretaria da Agricultura, falando sobre a colza ao Suplemento Campo e Lavoura da Zero Hora, ainda mantém um certo otimismo e até acredita que esse desestímulo seja temporário, podendo desaparecer assim que o governo resolver promover o incentivo da cultura. Ele também lembra na mesma matéria, que parte desse desestímulo deve ser creditado aos boatos que correram logo no início da introdução da colza no Estado, de que o ácido erúico existente no óleo de colza seria responsável por problemas cardíacos nas pessoas.

## ADUBAÇÃO VERDE

Na área de ação da Cotrijuí, Região Pioneira a colza chegou a ocupar 5.500 hectares. De início, ela foi introduzida como uma alternativa para a produção de grãos, mas aos poucos, foi tomando outros rumos e nesta última safra, dos 2.840 hectares plantados com a cultura, 2.057 hectares foram incorporados ao solo e utilizados como adubação verde. “A nossa estimativa inicial de produção era de 2.164 toneladas, mas já temos garantidos que a colheita não vai passar das 480 toneladas”, diz o Carbonera.

Uma das razões que tem levado os produtores da região a utilizar a colza como adubação verde é o baixo custo de formação da lavoura, “se comparado com outras culturas”. Mas o Carbonera levanta ainda a questão da redução dos rendimentos à nível de lavoura, em função das condições climáticas que não têm sido favorável à cultura. Outro aspecto a ser considerado está ligado ao fato da colza possuir um sistema radicular pivoteante, trazendo benefícios para o solo. “O sistema radicular da colza favorece a infiltração de maior quantidade de água no solo”, explica o agrônomo.

Mas esse inverno não só não foi bom para o trigo, como também para a colza. O rendimento da cultura ficou 40 por cento abaixo do esperado. As variedades plantadas na região, a CTC-4 e a CTC-7, sofreram o ataque de doenças como Al-

ternária, a Xanthomonas e a Fusariose. A estiagem ocorrida no mês de agosto, limitou o crescimento da planta e como o aspecto da lavoura não estava muito boa, os produtores optaram por fazer a incorporação. As lavouras que foram reservadas para a produção de grãos, também sofreram as conseqüências de outra estiagem. Houve uma maturação forçada sem que os grãos ainda estivessem plenamente formados”.

## CRIAÇÃO DE VARIEDADES

Considerando que a colza é uma cultura viável e que tem uma chance de melhorar a sua situação frente aos produtores, a Cotrijuí, através do Centro de Treinamento continua desenvolvendo trabalhos de melhoramentos da cultura, buscando a criação ou introdução de novas variedades mais adaptadas às condições climáticas da região. “Estamos buscando variedades que sejam mais resistentes às doenças e de bom potencial de produção”, diz o Carbonera.

Nos materiais que estão sendo trabalhados no CTC, a Gulliver, a Gulliver SL-17 e a Gulliver SL-16 provenientes da Suécia e mais CTC-614 SL8, apresentaram neste ano um rendimento superior ao as testemunhas, a CTC-4 e a CTC-7, que produziram em média, 300 quilos por hectare. A Gulliver produziu 691 quilos por hectare; a Gulliver SL 17, 660; a Gulliver SL 16, 600 quilos por hectare e a CTC-614 SL8, 716 quilos por hectare.

## Aprovou no teste

Um tanto pela influência do irmão que é engenheiro agrônomo, o Airton, outro tanto pela necessidade de intensificar o sistema de rotação de culturas no período de inverno foi o que o Cláudio e o Romeu Romato de Jesus, dois irmãos e mais o tio Catarino de Jesus, decidiram plantar oito hectares de colza nesta safra passada. Como tudo era novidade e esse primeiro ano seria uma experiência, os três irmãos e mais o tio, que plantam em sociedade cerca de 160 hectares de lavoura em Saltinho, Ijuí, começaram com uma área pequena, e a variedade CTC-7. O resultado foi bom e a colza passou no teste.

O Cláudio, o Romeu e mais o tio Catarino já vinham se ressentindo a tempo de mais uma opção de inverno, para que ao lado do trigo, da linhaça, da ervilhaca, da aveia, proporcionasse um sistema de rotação mais completo. E a colza foi a opção encontrada, por várias razões como conta o Airton:

— Por apresentar um sistema radicular pivoteante, a colza ajuda na descompactação do solo. Plantar a colza no sistema de rotação de culturas é como utilizar um método não mecânico de procurar melhorar a estrutura do solo. A raiz é profunda e depois de colhida serve como matéria orgânica para o solo.

Além de ajudar na recuperação do solo o Romeu lembra que ela tem uma outra vantagem que é a de ser uma cultura de baixo custo, se comparado com o trigo, por exemplo. Também tem a vantagem de não apresentar problemas de doenças ou pragas.

— Se fizer um paralelo com o trigo,



Romeu e Airton: mais uma opção

por exemplo, a colza até que não apresenta um custo de produção tão elevado. Oferece um bom retorno e o preço até que anda bom.

No plantio foi usado em torno de sete quilos de semente por hectare. O que ocasionou mais tarde, excesso de população na lavoura e uma certa inibição na planta, que não chegou ramificar. Essa densidade alta de sementes por hectare foi ocasionada não só pela inexperiência da regulagem na sementeira na hora do plantio, mas também por um certo receio de que a planta não desse certo e pudesse ser utilizada como adubação verde. Diz o Airton.

— Com uma população grande na lavoura, se a cultura não rendesse, a nossa intenção era fazer incorporação. E quanto mais massa verde, melhor para a terra.

Apesar do excesso de plantas na lavoura, a cultura se comportou muito bem e os Jesus colheram em torno de 850 quilos de semente por hectare, “o que é considerado uma boa produtividade se comparado com o resultado do trigo que foi inferior”, explica o Romeu, que ainda que seja um tanto cedo, já anda reservando um espaço maior para a colza no próximo inverno.

## O azar de uma safra ruim

Depois de ter colhido uma média de 30 sacos por hectare na safra 83, o Mauro Roberto Contri, de Rincão Comprido, Augusto Pestana, achou que valia a pena arriscar e aumentou a sua área de colza de 35 para 80 hectares. O resultado não podia ser pior e o Mauro, desta vez, se deu muito mal com a colza. A colheita ficou em torno de quatro sacos por hectare, “um resultado péssimo e até desestimulador”, diz ele.

A colza segundo o Mauro, que além de agricultor também é agrônomo, foi plantada dentro das recomendações técnicas, com uma boa adubação e uma cobertura de Nitrogênio. Ela só não produziu bem porque o clima não ajudou e atrapalhou a planta bem na época da granação.

— Quando o grão estava começando a encher, deu duas semanas de sol e depois veio uma chuva grande. Houve uma maturação forçada e quando passou a chuva, 35 por cento da lavoura já tinha debulhado. Colhi o restante, mas a semente estava toda chocha.

O Mauro também acha que se precipitou um pouco e fez a lavoura meio no cedo, em meados do mês de maio, porque queria plantar a soja mais no cedo. Na safra de 83 ele plantou a colza mais para o fim de junho e a planta não sofreu tanto as conseqüências do inverno.

Apesar de reconhecer que a colza é a cultura ideal para o sistema de rotação, em função até da rapidez na degradação da palha e das suas raízes, serem bastante



Mauro: é preciso render

profundas, o Mauro acha que hoje em dia, também é preciso considerar o lado econômico.

— A colza é uma cultura que deve ser empregada no sistema de rotação de culturas, porque possibilita, através de suas raízes, a penetração de maior quantidade de água no solo, mas ela precisa render alguma coisa, senão não vale a pena plantar. Também é preciso considerar que é um inço. Na área plantada com colza na safra de 83, já fiz capina e apliquei herbicida para ver se acabo com ela. Agora neste ano mudei de tática e fiz plantio direto. A semente fica por cima da terra e nasce logo.

Mesmo que tenha se dado mal com a colza neste inverno, o Mauro ainda não quer fazer uma substituição da cultura como opção de inverno. Ainda pretende plantar colza no próximo inverno, mas numa área menor. “Não quero correr um risco tão grande como me aconteceu neste ano. Só depois de mais uns dois anos de lida com a cultura, é que se pode falar nela como uma opção garantida para o inverno. Por enquanto, o produtor tem que ficar nos testes e ir computando os resultados”, diz o Mauro, que neste inverno só colheu bem mesmo a linhaça. “O trigo também foi louco de mal”.





SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

## Feliz Natal!



Faz tanto tempo. Mas o tempo não conseguiu apagar a lembrança, onde continuamos comemorando na alegria e festas do Natal.

As cores do Natal satisfazem os olhos dos homens. É o pinheirinho enfeitado. São as lâmpadas coloridas. Por mais pequena que seja a cidade, sua pracinha está iluminada, as vitrines das lojas, como sempre, coloridas e oferecem ao público um espetáculo brilhante.

O Natal explode em todos os cantos, em todos os lugares. Tudo anuncia Natal e Boas Festas: rádio, TV, música, vestes, comidas e bebidas.

Mas o Natal não é somente festa, assim como Cristo nasceu e foi desprezado, perseguido pela maioria dos poderosos; hoje o homem é explorado, e muitas crianças padecem de sede, fome. . .

A criança é o símbolo do natal, nascendo como Cristo.

Onde está o verdadeiro Natal?

O verdadeiro Natal de Cristo é o Natal de amor, da pessoa que faz e vive o amor e a caridade.

É o Natal do amor presente ou do presente do amor? Acho até melhor, do presente do amor. Assim fez Cristo, se doou de presente por amor a seu povo e ao PAI.

Quem sabe, alguém que já recebeu este presente, pudesse passá-lo adiante! É possível!

Cristo não é propriedade de ninguém, ele é de todos; vamos viver este amor!

O verdadeiro Natal é do amor, do amar e do sentir-se amado. Natal é receber a mensagem de uma criança que diz: Eu sou o presente, fazei-nos instrumento de amor uns com os outros!

Jesus não nasce mais em grutas, rodeado de animais; e sim nasce nos corações dos que amam.

Só onde há amor e acolhida, é que há Natal feliz.

Acima de tudo, Feliz Natal, meu amigo!

É tempo de sorrir, sonhar, sentir mais de perto o amor de Cristo brotar em nossos corações, presentes nas pessoas que chamam por mais paz e amor! Feliz Natal!

Os Seminaristas da Igreja São Geraldo - IJUI

## Eleições no país do imaginário

A turma que faz o COTRISOL quis que eu escrevesse sobre eleições. Ai, comecei a pensar. O que poderia eu escrever sobre este acontecimento tão importante para todos. Pensei! Pensei! Em que lugar estariam acontecendo eleições onde todos os eleitores e candidatos tivessem realmente direitos iguais. Em que lugar estariam acontecendo eleições onde eleitos e não eleitos fossem respeitados, onde a disputa fosse por idéias e não fosse o dinheiro e o poder que decidisse o ganhador. Resolvi então escrever sobre,

### AS ELEIÇÕES NO PAÍS DO IMAGINÁRIO

Era uma vez um país (do faz de conta) onde existiam muitas crianças. Eu até desconfio que neste país do imaginário todos os habitantes eram crianças. Pelo menos a maioria gostava de ser como crianças. Eram honestos, sinceros, gostavam de doce, de cantar, de brincar, de trabalhar, de conversar, de dançar, de correr. . . A vida de todos neste país ia muito tranqüila. Porém, tinha um problema. O país não tinha nem rei, nem presidente, nem governador, nem prefeito, nem deputados e nem vereadores. Talvez, nada disto fosse preciso, pois como já dissemos, tudo lá era muito tranqüilo. Acontece no entanto, que o país estava crescendo e a organização de um governo, que realmente fizesse o bem comum era muito importante. E os seus habitantes também pensavam. Como seria bom se tivéssemos alguém para administrar a construção de praças, escolas, creches, parques infantis, estradas, hospitais, alguém para organizar leis que servissem para todos nós.

Foi então que reuniram-se todos os habitantes menores de dezoito anos para escolher os seus governantes. Pocha! Como fazer isto. Viram então que tinham que estabelecer as regras desta escolha. Depois de muitos debates, decidiram realizar eleições e para isto elaboraram um regulamento. Seria uma eleição realmente democrática. Todos votariam. Os candidatos nas suas campanhas deveriam somente expor suas idéias, seus programas de ação para conquistar os votos dos eleitores. Não valia comprar os votos e nem fazer promessas demagógicas, tudo tinha que ser um jogo limpo. Vencesse aquele que melhor apresentasse as melhores idéias.

As eleições aconteceram normalmente, todos os habitantes exerceram com muita vibração e alegria o seu direito de votar. Foi uma verdadeira festa estas eleições no país do imaginário. Os vencedores estão fazendo um grande esforço para tornar realidade todas as suas propostas. Todos os moradores apoiam o novo governo, pois ele agora deveria atuar para o bem de todos e não somente daqueles que haviam votados nos candidatos vencedores. Até mesmo os candidatos perdedores estão contribuindo, para que os governantes realizem o melhor possível em benefício da maioria. Através das observações e das críticas a tudo o que eles entendem que esteja errado na ação do governo do país do imaginário, eles estão ajudando a encontrar o caminho certo.

Assim, todos os moradores continuam muito satisfeitos porém, agora sentem-se muito mais protegidos, pois eles tem um governo de sua confiança para fazer as obras e as leis que forem necessárias.

No regulamento feito pelos moradores para as eleições foi também incluído, que de tempo em tempo seria realizado uma nova eleição. Por isto, os governantes precisam ser honestos e competentes, pois caso contrário, quando houver uma nova votação eles poderão ser trocados. A felicidade, continua existindo no país do imaginário.

Leonardo Azambuja  
Secretário Municipal de Educação e Cultura  
de Ijuí e professor de Ciências Sociais da UNIJUI

# Estrelas de Natal.

Material: Papéis diversos, coloridos, dourados ou prateados; lápis, régua, compasso e tesoura.

Execução: Há inúmeras maneiras de fazer belas estrelas para enfeitar a árvore de Natal. Eis alguns exemplos:

– **Estrela de 4 pontas** – Dobrar duas vezes em diagonal um papel quadrado, e cortar fora um triângulo, como nas figuras 4 e 5. Desdobrando-o, terão a estrela da figura 6.

– **Estrela de 8 pontas** – Dobrar ao meio três vezes um círculo de papel, como mostram as figuras 7 a 10. Cortar fora dois triângulos, como na figura 10. Desdobrando o papel, terão a estrela da figura 11.

– **Estrela de papel sanfonado** – Dobrar em sanfona uma tira de papel comprido (fig. 12). Fazer cortes de formatos diversos ao longo das pregas; enfiar uma linha numa extremidade da sanfona, desdobrar e colar a primeira prega com a última. O resultado é a figura 13.

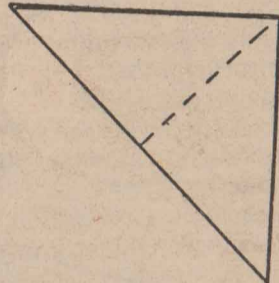


Fig. 4

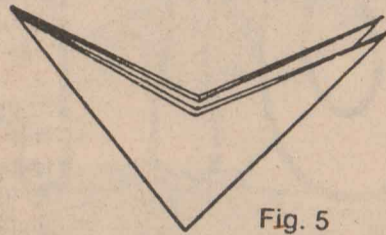


Fig. 5

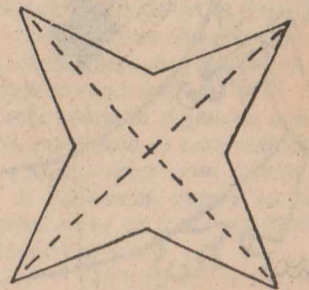


Fig. 6

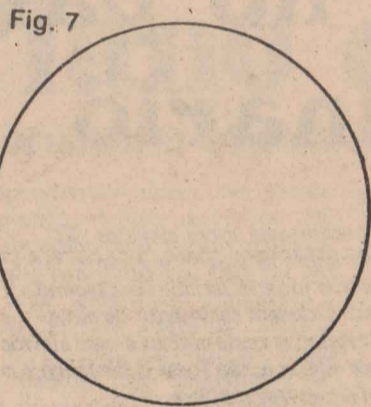


Fig. 7

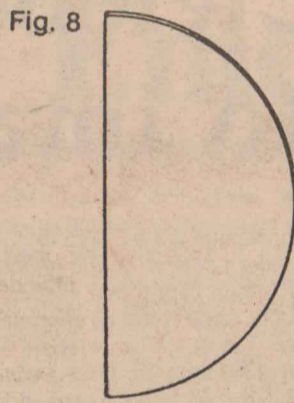


Fig. 8

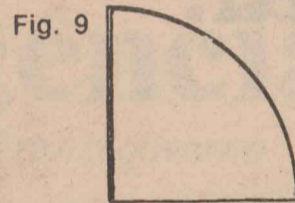


Fig. 9

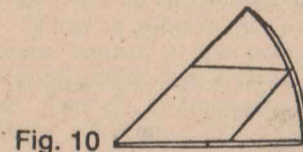


Fig. 10

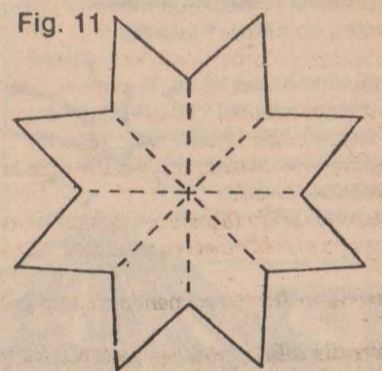


Fig. 11

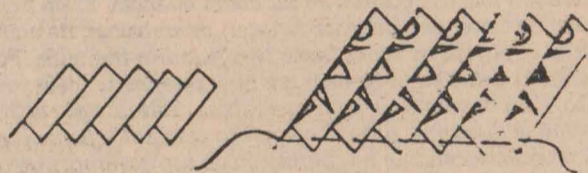


Fig. 12

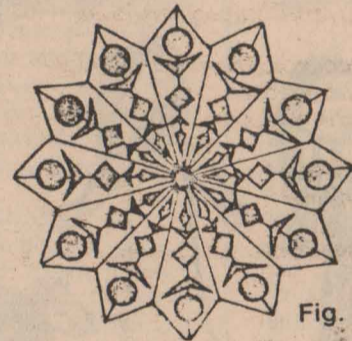


Fig. 13

## O que representa o Natal para as crianças?

"Natal não é só a comemoração festiva onde ganhamos presentes e abraços. Natal... é as coisas boas que fizemos e aprendemos no ano. A comunidade onde vivemos, a conscientização da realidade que vivemos, a igualdade em direitos e outra série de coisas que fizemos, vivemos e dizemos. E no Natal que virá, nos propomos a conseguir o que não conseguimos no ano passado". (Danton Fierret – 11 anos).

"Natal é um ato de amor, de esperança, de fé. O nascimento de alguém importante. É a liberdade, a colaboração". (Janete Mello – 11 anos)

"Natal é o nascimento de uma nova pessoa dentro da gente. É o comportamento de uma pessoa **como gente**. Natal não é só comemorar naquele dia do ano e nem só dar presentes e receber. Natal é todo dia alegre que a gente passa. É quando uma pessoa se encontra com Deus. É a alegria que a gente tem com os irmãos e pais". (José Adelar Amaral – 14 anos).

"Natal é nascimento de uma nova vida de uma nova pessoa na comunidade cristã, na escola, nas cidades, nos bairros e em todos os lugares". (Fátima Gislei de Freitas – 10 anos).

"Natal para mim é a família reunida, alegre e sem problemas de emprego...". (Wladimir Miola – 10 anos).

"Para mim Natal é:  
– vida nova para todos;

– ter direitos iguais;  
– ter vez de falar, igual aos outros;  
– Saber respeitar quem o respeita;  
– estar de bem com todos;  
– fazer novas amizades;  
– participar de um mundo melhor". (Jacira Barriuello Pinto – 10 anos)

"Natal representa para mim união da família, aniversário de Jesus e outros motivos mais". (Ana Paula Canal – 10 anos)

"Eu celebro e vou celebrar o Natal com alegria e sem brigas". (Dilamar Paulo da Silva – 11 anos)

"Natal representa ter um ano melhor, vida nova para todos e ter direitos iguais". (Claudia Staats – 11 anos)

"Natal para mim é cooperação, organização e apoio mútuo. É reunir-se com a comunidade e refletir sobre os erros do ano que se acaba e se propor a melhorar as relações com tudo e com todos. Só assim teremos um Natal feliz e um ano melhor". (Anderson Bittencourt – 11 anos)

"Natal é quando as famílias se unem para ter força de recomeçar uma vida nova". (Andréa Callai – 10 anos)

"Natal é esperança de encontrar ou realizar alguma coisa". (Cíntia Basso – 11 anos)



# É tempo de milho verde

Você, certamente já comeu milho verde. Que gostosura, cozido na água ou assado. Você sabia que os agricultores que plantam milho, estão produzindo uma riqueza! Vamos falar sobre isso? O milho contém proteínas, vitaminas, ferro, fósforo e cálcio. Todos nós, adultos e crianças, devemos comer milho verde ou em forma de farinha, maisena, canjica ou óleo.

Existem muitas maneiras de aproveitar o milho. Experimente estas receitas gostosas e nutritivas em casa ou na escola, com os colegas e a professora.

## Canjica com Leite

Lavar e deixar de molho, na véspera, uma xícara e meia de canjica, em cinco xícaras de água. Cozinhar a canjica na mesma água em que foi posta de molho. Preparar duas xícaras de leite. Quando a canjica estiver cozida, juntar o leite e açúcar a gosto. Depois de pronto, ainda pode ser acrescentado: leite de côco, baunilha, canela. . .

## Broa de milho — (FUBÁ)

### Ingredientes

4 copos de fubá, 3 ovos, 1 copo de óleo ou banha, 2 colheres de leite (pode ser de soja) 2 xícaras de açúcar, 2 colheres de fermento em pó.

### Modo de Fazer

Bata bem os ovos, o leite, o óleo e o açúcar e a seguir misture o fubá. Por último coloque o fermento em pó dissolvido em um pouco de leite. Asse em forno quente. Nessa receita de broa, você pode usar mel ou rapadura no lugar de açúcar. Bom apetite!

## Você sabia que...

- plantas como o milho que deixam bastante folhas e talos na lavoura ajudam adubar a terra, possibilitando novas culturas?
- existe outra planta parecida com o milho que se chama "sorgo"? Os grãos do sorgo são muito nutritivos e podem substituir o milho nas receitas?
- a semente do milho pode ser guardada, depois de bem seca, misturada com a terra de formigueiro ou cinza peneirada, para evitar carunchos? (Estes não gostam de viver em lugares onde existem substâncias muito finas).
- antigamente a plantação de milho era obrigatória em todas as propriedades rurais?
- do talo do milho fabricam-se papel e cartolina?
- o sabugo do milho serve para fazer chá e para queimar como lenha?
- o óleo de milho é recomendado para pessoas com pressão alta?
- a palha de milho pode ser aproveitada para fazer colchões, flores, sacolas, chapéus, bonecas, petecas, etc. . . ?
- abati, avati, auati, corn, cucuruzo, cusco, maiz, significam "milho", na linguagem indígena?
- o milho é nativo das Américas, atualmente plantado em mais de 100 países?
- o milho ocupa o 1º lugar na produção brasileira com uma produção de 19 à 20 milhões de toneladas?
- a área ocupada pela plantação de milho, no Brasil é de 12 milhões de hectares?
- o milho é cultivado em todos os estados do Brasil, porque ele se adapta a qualquer tipo de clima?
- é concorrente forte do trigo?
- o milho é um importante alimento, não só para animais, mas também para as pessoas?

## Milho

O milho é um produto muito útil ao homem e aos animais. O plantio do milho é feito de novembro à dezembro, em terra bem preparada e adubada. Lança-se as sementes na terra através de plantadeiras, máquinas manuais ou até com a mão. Alguns dias depois, quando a planta estiver com altura de mais ou menos 20 a 30 centímetro de altura, deve-se fazer a capina com a capinadeira hidráulica que é puxada com trator. Também podemos capinar com capinadeira de pá larga, puxada por animais ou enxada. Quando os pés de milho começam a largar os pendões deve-se eliminar o capim que estiver na vergas ou em volta do pé, para que as espigas possam sair com mais força e mais bonitas. A colheita do milho deve ser feita quando ele estiver bem maduro e sem umidade alguma. Colhe-se com o auxílio de colheitadeira mas com muito cuidado para que não se perca o produto. Também pode ser feita a mão. Depois de colhido, o milho deve ser guardado em paióis bem ventilados, para que não carunche ou crie ratos. Os paióis são muito úteis porque não precisamos colocar venenos contra os carunchos.

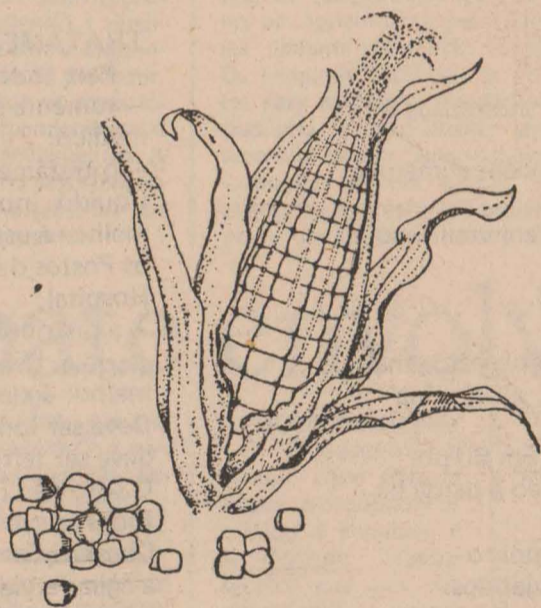
O milho é um cereal muito usado para alimentar os animais e as pessoas.

E esta é a história do milho que eu sei, desde o preparo até a colheita e até os cuidados para com ele.

Paulo César Brandengurg — 13 anos  
Santa Bárbara do Sul

Agradecemos ao Paulo César pela colaboração e o cumprimos pelo trabalho que vem realizando na lavoura, junto com seus pais. Continue nos escrevendo, sobre as coisas que falam sobre sua realidade.

## Lenda do milho



Longo período de seca tornou quase impossível a vida na taba dos Guaicurus. A caça rareava cada vez mais. Aves e animais emigravam em busca de alimentos. Os rios estavam rasos e não continham peixes. As plantas, que ainda teimavam em viver, estavam desfolhadas e os galhos secos. Os índios sofriam os terrores da seca. Muitos, principalmente as crianças e os velhos, não resistindo à fome, haviam morrido. A tribo estava reduzida a pouco mais de uma dezena de indivíduos esqueléticos, que imploravam clemência a Tupã e, num esforço sobre-humano dançavam pedindo chuva. Sempre que uma caça era abatida, fazia-se a partilha com igualdade, tocando, porém, maior ração ao Cacique que era velho precisava alimentar-se bem. Certa vez, quando estavam três dias sem comer, já desanimados, um índio matou um pequeno veado. Novas esperanças de vida surgiram naquele povoado de famintos, menos para o velho cacique que já se sentia extremamente fraco e, diante da caça, disse a seus companheiros: — "Não me contem para a partilha. Assim tocará maior porção para a cada um. Eu já estou velho e sei que não viverei por muito tempo. Economizem a nova caça. É possível que Tupã mande a chuva antes que a morte venha colher a todos".

Os índios procuraram demover o chefe daquela intenção macabra, mas nada conseguiram.

No dia seguinte, o cacique estava morto. Sacrificara-se para que os companheiros tivessem alimentação por mais tempo e pudessem aguardar a chegada das chuvas.

Numa cova rasa, sem quase nenhum ritual, foi enterrado o chefe. Ainda não se tinha acabado a última ração dos índios e a chuva desabou, trazendo seiva para as plantas e mitigando a sede dos animais.

Depois de dois dias de chuva, apareceu o Sol. Os índios foram à sepultura do cacique, dar graças. Boa surpresa lhes estava reservada: na terra fofa nasceu uma planta que cresceu, e deu uma espiga carregada de grãos.

Consultado o Pagé, o feiticeiro da tribo, ele aconselhou que se plantassem, em pequeninas covas, todos aqueles grãos, pois, quando estivessem multiplicados, serviria de alimento para os índios.

O cacique que se sacrificara em benefício dos companheiros transformara-se naquela planta, cuja espiga seria ótimo alimento que jamais haveria de faltar a seus irmãos. E assim apareceu o milho e foi pelos índios cultivado, e por todos os brasileiros bem aproveitado em polentas, angus, curuas e canjiquinhas.

Texto de Corina Maria Peixoto Ruiz  
Didática do Folclore

# O verão e a saúde



Costuma ser muito grande o número de crianças atacadas pela diarreia, por isso as mães vêem essa doença como coisa natural, não se preocupando em tomar cuidado para evitar o pior. Em função disso, o COTRISOL solicitou a Agentes de Saúde para que escrevessem, especialmente para as crianças e suas mães sobre o assunto.

## O que é a Diarreia?

A diarreia é uma doença que facilmente ataca as pessoas e dura entre 5 a 6 dias, ocorrendo principalmente no verão.

A criança com diarreia faz cocô mais vezes do que de costume (três vezes no dia no mínimo). As fezes são moles ou líquidas e têm mau cheiro. É a causa de morte de 20 crianças em cada 100, com menos de um ano de idade. A criança que mama no seio da mãe tem menos chance de ter diarreia.

## Por que as crianças adoecem de diarreia?

Aqui estão as causas:

- a principal causa é a desnutrição;
- a ingestão de alimentos mal cozidos, os quais dificultam a digestão;
- a ingestão de alimentos estragados, como por exemplo maionese;
- efeitos de certos remédios, como por exemplo antibióticos;
- uso de laxantes (exemplo: crianças que mamam somente leite materno costumam mamar menos vezes, podendo ficar até 4 a 5 dias sem fazer cocô)

## O que é normal?

- ingestão de plantas venenosas;
- intoxicação por veneno (uso de veneno para matar mosquitos e pernilongos dentro de casa);
- ingestão de frutas verdes, murchas ou quentes e também alimentos muito gordurosos;
- tomar água que não esteja bem limpa ou colocá-la em vasilha suja, poço desprotegido, tomar água de rios e lagos;
- ingestão de alimentos mal lavados (exemplo: alface).

## DESIDRATAÇÃO

É a falta de água no corpo. Isso acontece quando o corpo perde mais líquido que recebe. A perda acontece através do cocô, suor, urina, vômito, lágrimas, respiração, etc. . .)

A desidratação é mais perigosa em crianças pequenas. Em 60 por cento dos casos de diarreia acontece o vômito, causando a perda de líquido do corpo.

A criança com diarreia perde muita água, sal e forças, pois o organismo não aproveita como deveria os alimentos ingeridos.

## Os sinais de desidratação são:

- pouca ou nenhuma urina, sendo de cor amarelo-escuro;
- grande perda de peso em poucas horas;
- boca seca, sem saliva;
- olhos secos e fundos sem lágrimas;
- afundamento da moleira;
- perda de elasticidade da pele;
- febre, podendo ocorrer convulsão.

Cerca de 25 em cada 100 crianças apresentam fezes com "sangue ou muco" e muitas vezes pus. Esta diarreia é causada por infecção intestinal chamada **Desintéria**. Geralmente vem acompanhada de febre alta, mal-estar, cólicas. Geralmente ocorre com crianças na fase de engatinhar, pela tendência de examinar objetos através da boca, ficando sujeitas à infecção.

## PREVENÇÃO DA DIARRÉIA E DESIDRATAÇÃO

- Boa alimentação;
- higiene dos alimentos e do corpo;
- higiene inclui: construção de privada (patente) em boas condições, que não permita a entrada de água e objetos;
- cozinhar bem os alimentos antes de comer;
- cuidado com o lixo; queimar ou enterrar, pois evita o nascimento e desenvolvimento de insetos;
- tomar água limpa, de preferência fervida ou em forma de chá de alguma erva medicinal;
- proteger os alimentos contra a sujeira e moscas;
- lavar bem as mãos depois de usar a privada, antes de amamentar

a criança, antes de preparar a comida, depois da troca de fraldas das crianças;

- não comer frutas verdes, quentes ou murchas;
- não comer alimentos que possam estar estragados;
- não tomar remédios sem orientação médica ou de Saúde;
- não usar veneno para matar moscas e pernilongos dentro de casa;
- cuidar para que as crianças não entrem em contato com fezes (cocô), lixo, água suja, ervas tóxicas ou remédios;
- amamentar toda a criança com leite materno até pelo menos aos 6 meses;
- não dar remédio para a criança sem necessidade;
- não precisa dar remédio para a diarreia e sim hidratar (dar líquido) a pessoa;
- não cortar a alimentação. Continuar alimentando a criança normalmente.

## TRATAMENTO

- Para tratar a diarreia não é necessário usar remédios;
- somente se usa remédio, em caso de infecção, receitado pelo médico;
- o tratamento é basicamente hidratar a pessoa, ou seja, dar bastante líquido, (podendo usar chá, água fervida, suco de limão, sopa, mas o melhor é usar o "soro reidratante oral", que é distribuído em todos os Postos de Saúde, Secretaria de Saúde do Município, INPS e Hospital;
- a distribuição é gratuita. É usado quando a pessoa inicia a ter diarreia. Usar 1 envelope em um litro de água fervida e fria ou a melhor água que se tiver.

Deve ser tomado no mesmo dia. Caso não tomar tudo, no outro dia deve ser feito outro.

O soro não irá passar a diarreia e sim hidratar a pessoa, pois contém todas as substâncias necessárias para o organismo.

**Observações:** O soro não deve ser fervido; colocá-lo depois que a água fervida esfriar.

## Fórmula do Soro

- Cloreto de Sódio (sal de cozinha) - 3,5 gramas
- Bicarbonato de Sódio (bicarbonato de cozinha) - 2,5 gramas
- Cloreto de Potássio - 1,4 gramas
- Glicose (açúcar especial) - 20 gramas
- 1 litro de água

O soro se encontra em farmácias.

Outro soro (para se fazer em casa) pode-se tomar à vontade

- 1 litro de água fervida (deixar esfriar)
- 3 gramas de sal
- 40 gramas de açúcar

● Em caso de rejeição em tomar puro, mistura-se em metade com suco ou água de arroz.

## Vantagens do Soro

- é barato
- pode-se fazer o tratamento em casa
- a recuperação da pessoa é rápida

## Casos em que se deve procurar o Médico

1. Se a pessoa estava doente antes do início da diarreia;
2. Nos casos de diarreia com infecção ou seja, diarreia com sangue, muco, pus, febre alta, pulso rápido, convulsão, afundamento da moleira, perda da elasticidade da pele, boca seca (sem saliva), pouca ou nenhuma urina;
3. Casos de vômito e diarreia que não param.

Fioravante Ballim e Claudio Rocha - Agentes de Saúde e alunos do Curso de Enfermagem da FIDENE/UNIJUI